

**UNIVERSIDADE DE SANTO AMARO-UNISA**  
**Programa de Mestrado Interdisciplinar em Ciências**  
**Humanas: Sociedade, Cultura e Linguagens**

**Renato Rodrigues Lima**

**MEMÓRIA E IDENTIDADE CULTURAL: CONTROVÉRSIAS SOBRE**  
**ESCULTURAS DA CIDADE DE SÃO PAULO EM NOTICIÁRIO**  
**JORNALÍSTICO (2010-2016)**

**São Paulo**

**2016**

**Programa de Mestrado Interdisciplinar em Ciências  
Humanas: Sociedade, Cultura e Linguagens**

**Renato Rodrigues Lima**

**MEMÓRIA E IDENTIDADE CULTURAL: CONTROVÉRSIAS SOBRE  
ESCULTURAS DA CIDADE DE SÃO PAULO EM NOTICIÁRIO  
JORNALÍSTICO (2010-2016)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu da Universidade de Santo Amaro-UNISA, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre Interdisciplinar em Ciências Humanas: Sociedade, Cultura e Linguagens.

Orientadora: Profa. Dra. Alzira Lobo de Arruda Campos.

**São Paulo**

**2016**

LIMA, Renato Rodrigues.

MEMÓRIA E IDENTIDADE CULTURAL:  
CONTROVÉRSIAS SOBRE ESCULTURAS DA CIDADE DE SÃO  
PAULO EM NOTICIÁRIO JORNALÍSTICO (2010-2016) / Renato  
Rodrigues Lima – São Paulo, 2016.

139 fls.

Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Ciências  
Humanas: Sociedade, Cultura e Linguagens) – Universidade de  
Santo Amaro, 2016.

Orientadora: Profa. Dra. Alzira Lobo de Arruda Campos.

1. Memória Coletiva. 2. Identidade. 3. Lugares de  
Memória. 4. Patrimônio Cultural. 5. Arte.

**RENATO RODRIGUES LIMA**

**MEMÓRIA E IDENTIDADE CULTURAL: CONTROVÉRSIAS SOBRE  
ESCULTURAS DA CIDADE DE SÃO PAULO EM NOTICIÁRIO  
JORNALÍSTICO (2010-2016)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* da Universidade de Santo Amaro – UNISA, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Humanas.

Orientadora Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Alzira Lobo de Arruda Campos

São Paulo, 07 de dezembro de 2016.

**Banca Examinadora**

Profa. Dra. Alzira Lobo de Arruda Campos

Profa. Dra. Maria Helena Scalabrin C. Gomes

Profa. Dra. Marília Gomes Ghizzi Godoy

Conceito Final
----------------

Dedico este trabalho aos meus pais, Raimundo (*in memoriam*) e Benedita, e aos meus filhos Yan e Gabriel.

À minha esposa Renata Araujo Guimarães Lima, que está comigo desde o início de minha jornada acadêmica, passando pelo bacharelado, especialização e agora no mestrado.

Dedico, ainda, ao meu amigo Claudio Gomes Aquino e à minha sogra Vera Lúcia Guimarães, que tanto me apoiaram ao ouvirem e incentivarem minhas empreitadas.

## AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas, PPCH, coordenado pelo Prof. Dr. Álvaro Cardoso Gomes, pela oportunidade de realização deste trabalho em minha área de interesse em pesquisa científica.

Aos colegas Ederson, Felipe, Karen, Cássia, Aryana, Rose Mary, Regiane, Cláudia e Vanessa, que no decorrer desta jornada contribuíram com informações e reflexões sobre o conteúdo do curso, além de compartilharem suas experiências pessoais, fazendo com que me sentisse parte de uma fraternidade.

Aos professores doutores: Paulo Fernando de Souza Campos, com quem aprendi que precisamos trabalhar com afinco para realizar boas pesquisas; Maria Auxiliadora Fontana Baseio, cuja simpatia e boa disposição ajudam os alunos a continuar persistindo nas pesquisas; Marília Gomes Ghizzi Godoy, que tanto colaborou com ideias e sugestões de textos para este trabalho; Luiz Antonio Dias, com sua organização e comprometimento; Patrícia Margarida Farias Coelho, com sua honestidade sobre a necessidade de melhorar o trabalho e correções valiosas; e Raquel (*in memoriam*), de quem tive a oportunidade de ser aluno.

Finalmente, agradeço à minha orientadora, professora-doutora Alzira Lobo de Arruda Campos, por suas sugestões, gentileza, paciência e vontade de compartilhar com seus orientandos os conhecimentos adquiridos ao longo de sua vida.

Nossa época é muito rica em catástrofes, em revoluções, em lances teatrais, em surpresas. A realidade do social, a realidade entranhada do homem se descobre nova a nossos olhos e, queira-se ou não, nossa velha profissão de historiador não cessa de desabrochar e de reflorir em nossas mãos... Sim, quantas mudanças! Todos os símbolos sociais, ou quase todos — e alguns pelos quais seríamos mortos ontem sem discutir muito — esvaziaram-se de seu conteúdo.

A questão é saber se nos será possível não viver, mas viver e pensar pacificamente sem suas indicações e à luz de seus faróis. Todos os conceitos intelectuais curvaram-se ou romperam-se. A ciência sobre a qual, profanos, nos apoiávamos mesmo sem o saber, a ciência, esse refúgio e essa nova razão de viver do século XIX, transformou-se brutalmente, de um dia para outro, a fim de renascer para uma vida diferente, prestigiosa, mas instável, sempre em movimento, mas inacessível e, sem dúvida, jamais teremos outra vez o tempo nem a possibilidade de reencetar com ela um diálogo conveniente.

Fernand Braudel (Escritos sobre a História).

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo contribuir para reflexão sobre o papel dos jornais como lugares de memória. Assim, foram selecionadas notícias dos jornais *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo*, sobre esculturas da cidade de São Paulo, cujo conteúdo foi classificado como controvérsia a respeito da memória, identidade e valor deste patrimônio cultural.

**Palavras-chave:** Memória Coletiva. Identidade. Lugares de Memória. Patrimônio Cultural. Arte.

## ABSTRACT

This research aims to contribute to reflection on the role of newspapers as places of memory. Therefore, we selected news newspaper *Folha de São Paulo* and *O Estado de São Paulo*, on sculptures of São Paulo, whose content was classified as controversy about memory, identity and value of this cultural heritage.

**Keywords:** Collective memory. Identity. Memory places. Cultural heritage. Art.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1-O Ídolo de Shigir do Museu Histórico de Sverdlovsk em Yekaterinburg, Rússia .....	26
Figura 2-Colunas do templo de Zeus em Atenas.....	27
Figura 3 - Centro Cultural dos Correios em São Paulo.....	43
Figura 4-Frente da Catedral da Sé .....	44
Figura 5-Escultura de Ondas .....	50
Figura 6-Monumento às bandeiras .....	50
Figura 7-Monumento a Rui Barbosa. ....	61
Figura 8-Poesia, escultura em mármore, de Luiz Brizzolara.....	62
Figura 9-Fonte dos desejos, de Luiz Brizzolara. ....	63
Figura 10-Primeiro jornal do Brasil .....	64
Figura 11-Estátua de Borba Gato em Santo Amaro.....	75
Figura 12-Notícia do jornal: Verba para homenagem a Herzog é suspensa.....	78
Figura 13-SP também tem seus “famosos anônimos” .....	79
Figura 14-Protegida por vidro, fonte será reaberta .....	80
Figura 15-Fonte Monumental suja .....	81
Figura 16-Pichação do monumento dos bandeirantes.....	84
Figura 17-Quadrilha é presa suspeita de furtar peças em cemitério em SP .....	87
Figura 18-Cemitério maior do mundo no Iraque.....	89
Figura 20-Estátua de conde vai parar atrás das gradesna Pompeia, em SP.....	93
Figura 21-450 anos de São Paulo; 150 anos de Matarazzo .....	95
Figura 22-Entrada do túnel Nove de Julho.....	96
Figura 23-O Idílio – instalada no Largo São Francisco .....	98
Figura 24-Notícia Túnel já tem nova estátua .....	99
Figura 25-Notícia Prefeitura retira mais uma estátua da cidade.....	100
Figura 26-Monumentos órfãos.....	102
Figura 27-Monumento a Ramos de Azevedo .....	104
Figura 28-Arte de morrer .....	106
Figura 30-Totem fascista volta ao Guarapiranga .....	109
Figura 31-Monumento aos Heróis da Travessia do Atlântico.....	111
Figura 32-Pichação do Teatro Municipal de São Paulo .....	112
Figura 33-Estátua Mãe Preta.....	114
Figura 34-A antiga Igreja do Rosário, onde hoje está o Edifício Altino Arantes.....	115
Figura 35-Estátua de menino negro com grilhões em loja do Supermercado Pão de Açúcar.....	117

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Escultores brasileiros com estátuas destacadas em notícias controversas nos jornais.....	49
Tabela 2: Maiores jornais do Brasil (2014).....	72
Tabela 3: Notícias com controvérsias .....	73
Tabela 4: Detalhamento das notícias e localização.....	132

## LISTA DE ABREVIATURAS

ABNT: Associação Brasileira de Normas Técnicas  
SPHAN: Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional  
ONU: Organização das Nações Unidas  
UNESCO: Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura  
IPHAN: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional  
USP: Universidade de São Paulo  
OESP: jornal O Estado de São Paulo  
PMSP: Prefeitura Municipal de São Paulo  
FOLHA: jornal Folha de São Paulo  
CONDEPHAT: Conselho de Desenvolvimento e Proteção ao Patrimônio Histórico de São Paulo  
PMSP: Prefeitura Municipal de São Paulo  
UNEAFRO: União de Núcleos de Educação Popular para Negros

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>13</b>
<b>1. AS RELAÇÕES ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA</b> .....	<b>20</b>
<b>2. ARTE, PATRIMÔNIO CULTURAL E IDENTIDADE</b> .....	<b>25</b>
2.1. A DEFESA DO PATRIMÔNIO CULTURAL NO BRASIL.....	30
2.2. ARTE E IDENTIDADE BRASILEIRA.....	34
<b>3. LUGARES DE MEMÓRIA E SUA IMPORTÂNCIA NA PRESERVAÇÃO DA IDENTIDADE</b> .....	<b>39</b>
3.1. MONUMENTOS ARQUITETÔNICOS.....	42
3.2. MONUMENTOS ESCULTÓRICOS (ESTÁTUAS).....	46
3.3. CIDADANIA CULTURAL.....	50
<b>4. A HISTÓRIA DOS JORNAIS NO BRASIL</b> .....	<b>64</b>
<b>5. JORNAL: ANÁLISE DE CONTEÚDO DOS LUGARES DE MEMÓRIA NAS NOTÍCIAS DOS JORNAIS</b> .....	<b>72</b>
5.1. "BORBA GATO" É OBRA FEIA, MAS TEM A VER COM SP.....	75
5.2. VERBA PARA HOMENAGEM A HERZOG É SUSPENSA.....	78
5.3. SP TAMBÉM TEM SEUS FAMOSOS ANÔNIMOS.....	79
5.4. PROTEGIDA POR VIDRO, FONTE SERÁ REABERTA.....	80
5.5. BANDEIRANTES ASSASSINOS.....	83
5.6. QUADRILHA É PRESA FURTANDO PEÇAS NO CEMITÉRIO DO ARAÇÁ.....	86
5.7. ESTÁTUA DE CONDE VAI PARAR ATRÁS DAS GRADES NA POMPEIA.....	92
5.8. AVENIDA 9 DE JULHO: O LUGAR DAS ESTÁTUAS MALDITAS. OBRAS CRITICADAS PELA SOCIEDADE FORAM COLOCADAS NOS CANTEIROS DA AVENIDA.....	96
5.9. MONUMENTOS ÓRFÃOS.....	101
5.10. CEMITÉRIO NO JARDIM ÂNGELA RECEBE ESCULTURAS E VIRA ESPAÇO DE LAZER.....	105
5.11. ESCULTURA VIRA POLÊMICA NO MÁRIO COVAS.....	107
5.12. TOTEM "FASCISTA" VOLTA A GUARAPIRANGA.....	109
5.13. PICHADORES ENXERGAM "QUEBRA-QUEBRA" COMO ATO POLÍTICO.....	111
5.14. SP TERÁ ROTEIRO TURÍSTICO SOBRE A CULTURA NEGRA.....	113
5.15. PÃO DE AÇÚCAR CAUSA POLÊMICA AO COLOCAR ESTÁTUA DE NEGRO ACORRENTADO DENTRO DA LOJA.....	116
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>118</b>
<b>FONTES</b> .....	<b>121</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>125</b>
<b>ANEXO 1 – NOTÍCIAS SOBRE DEBATES ENVOLVENDO MONUMENTOS DA CIDADE DE SÃO PAULO NOS JORNAIS FOLHA DE S. PAULO E O ESTADO DE S. PAULO</b> .....	<b>132</b>

## INTRODUÇÃO

O objetivo desta pesquisa é contribuir para o entendimento de que os jornais podem ser classificados como lugares de memória e, além disso, proporcionam um espaço importante para reflexão sobre a construção da identidade de um povo a partir das discussões que promovem quanto à importância da arte, cidadania, identidade e lugares de memória dentro da sociedade.

Lugares de memória é um conceito difundido, entre outros, pelo historiador Pierre Nora e foi divulgado com o intuito de mostrar que, no tempo em que vivemos, as nações e os grupos sociais são afetados por uma forte mudança na relação que mantêm com o passado, tendo como fatos relevantes da cultura contemporânea a conexão entre o respeito ao passado (real ou imaginário) e o sentimento de pertencimento a um grupo, entre a consciência coletiva e a preocupação com a individualidade, entre a memória e a identidade.

Em relação ao que é arte, entende-se para fins deste trabalho que é o modo como o ser humano expressa suas emoções, registra sua história e repassa seus costumes de forma equilibrada, harmoniosa e bela por meio de representações como arquitetura, cinema, dança, pintura e escultura, o que foi bem explorado nas obras: *O que é arte*, de Jorge Coli e *História da arte*, de E.H.Gombrich cujos conteúdos auxiliaram na produção deste trabalho.

O recorte desta pesquisa abrangeu as notícias dos jornais *FOLHA (Folha de São Paulo)* e *OESP (O Estado de São Paulo)* do período de 01/01/2010 a 30/06/2016, classificadas após uma leitura inicial, como controvérsias sobre esculturas (estátuas) da cidade de São Paulo. As esculturas aceitas pela sociedade paulistana não serão abordadas nesta pesquisa, pois raramente geram manifestações públicas ou discussões na imprensa.

A partir da leitura e interpretação das notícias dos jornais, pretendeu-se compreender a relação do paulistano com as estátuas instaladas na cidade de São Paulo, as quais em grande parte são consideradas como monumentos históricos.

Monumentos históricos são locais, objetos, construções e representações da arte, cuja preservação e manutenção estão amparadas por legislação específica, com o fim de proteger estes bens que possuem valor histórico, artístico ou arquitetônico.

A partir da constatação de que além dos monumentos físicos, algumas sociedades possuem riquezas imateriais, os países juntamente com a ONU (Organização das Nações Unidas) construíram o conceito de Patrimônio Cultural que agrega tanto os bens materiais (físicos) quanto os imateriais como a Capoeira, o Samba, a Culinária, entre outros.

O tipo de arte selecionada para o estudo ora apresentado foi a escultura (estátua), porque consiste em obras que estão próximas da população, haja vista que estão instaladas em locais públicos do município; sendo assim, possuem visibilidade para os cidadãos que circulam diariamente pela metrópole, possibilitando que parte dos indivíduos possa observar e pensar sobre estes objetos e sua relação com a memória e a identidade local.

Na fase de coleta das notícias dos jornais *FOLHA* e *OESP* foram identificadas 50 notícias tratando de estátuas, porém, apenas 15 delas atenderam aos critérios definidos inicialmente, ou seja, puderam ser classificadas como controvérsias e relacionavam-se à região da cidade de São Paulo, como mostram os dados registrados no Anexo 1.

Este trabalho refere-se a uma pesquisa qualitativa baseada em revisão bibliográfica sobre os tópicos memória, identidade, lugares de memória, patrimônio cultural e cidadania, sendo apoiada pela análise de conteúdo das notícias dos jornais *FOLHA* e *OESP* sobre estátuas da cidade de São Paulo, classificadas como controvérsias.

A partir do pressuposto teórico de que os monumentos escultóricos expressam identidades coletivas (nacional, local, estadual), indaga-se sobre a existência de controvérsias (aceitação ou negação) em relação a determinados monumentos instalados na cidade de São Paulo.

Avaliou-se como a mídia impressa registra estas discussões dos lugares de memória, do ponto de vista de apoio ou crítica, e se existe um reflexo nessa mídia do sentimento de pertencimento entre os cidadãos paulistanos e as obras destacadas nas notícias dos citados jornais.

A relevância desta pesquisa pode ser explicada, em parte, pela quantidade de monumentos presentes no espaço territorial da cidade de São Paulo, com 478 monumentos em locais públicos, o que é representativo quando comparado com outras cidades brasileiras, como o Rio de Janeiro, que foi capital do Império português e possui 1.100 monumentos e chafarizes em praças públicas, de acordo

com informação do texto intitulado *Uma cidade com mais de mil monumentos* disponível no Blog de Vivi Fernandes de Lima.

Percebe-se, na leitura do trabalho, que além do valor artístico das obras, há intenções nem sempre explícitas dos idealizadores desses projetos, sejam os artistas que buscam provocar sentimentos diversos naqueles que observam seus trabalhos, representantes políticos que tentam promover ideias voltadas aos seus interesses, ou pessoas e grupos que querem imortalizar personagens.

Estes interesses são o estopim para a criação e divulgação das esculturas (estátuas), bem como para a geração das controvérsias registradas nas notícias dos jornais, porque em qualquer empreitada humana há aqueles que as apoiam e os que as rejeitam, o que será objeto desta pesquisa.

Em sociedades com lideranças autoritárias, seja no Oriente ou no Ocidente, como são os casos, por exemplo, do *Hezbollah* na Palestina e Líbano, e do grupo Estado Islâmico na Síria, Afeganistão e adjacências, os ditadores decidem a questão sem qualquer diálogo com a sociedade, o que não é comum no regime democrático, em que a sociedade pode e deve discutir onde, como e quando o dinheiro público será aplicado. Vale lembrar que o grupo Estado Islâmico tentou apagar a memória antiga da Síria, com a destruição de sítios arqueológicos da cidade de Palmira, considerada Patrimônio da Humanidade.

A análise demonstrada neste estudo foi baseada nas sociedades que adotam o regime democrático com eleições dos representantes do povo e possuem imprensa livre, como é o caso do Brasil, por acreditar-se que nestas condições as populações têm direito a discutir e escolher os monumentos que representam suas ideias e cultura, apesar de ser recente o período de democracia estável no Brasil conforme informações de José Murilo de Carvalho no livro *Cidadania no Brasil: o longo caminho*.

Uma forma de captar e compreender como se dão os debates sobre os anseios, intenções e representações da sociedade em relação aos monumentos escultóricos e lugares de memória, como já foi comentado, é acompanhar as discussões pautadas pela mídia impressa sobre estas representações, porque apesar dos interesses dos proprietários destes veículos de comunicação e seus apoiadores, sejam eles anunciantes, poder público e leitores, acaba-se mostrando como a sociedade pensa e se manifesta em relação a diversos assuntos, inclusive,

sobre as obras escultóricas e seus lugares de memória, aceitando ou rejeitando estas tentativas de representação de sua identidade cultural.

Aliás, o uso do termo “identidade cultural” neste trabalho segue a ideia de Stuart Hall em seu texto denominado *A identidade cultural na pós-modernidade*, que procura apresentar um panorama da identidade cultural em um mundo conectado por redes de comunicação e informações rápidas que geram fragmentação das paisagens culturais.

Quanto ao método de apoio empregado na avaliação das notícias classificadas como controvérsias, optou-se pela análise de conteúdo, técnica que vem sendo utilizada há décadas nos mais variados campos de pesquisa para busca e análise dos dados de comunicação, como é o caso das notícias dos jornais.

Dois autores são importantes pela disseminação do método de análise de conteúdo e por isto serviram como base para a aplicação nesta pesquisa: Harold Lasswell, pesquisador da área de Comunicação, e Laurence Bardin, professora da Universidade de Paris e autora da obra intitulada *Análise de Conteúdo*, que delinea os procedimentos necessários para a análise de conteúdo de textos jornalísticos.

Ao longo desta pesquisa serão muitas vezes citadas as palavras sobre veículos de comunicação, as quais podem ser bem representadas pela definição de Carlos Alberto Ávila Araújo, que as define como meios empregados para se transmitir e receber informações, como é o caso dos impressos: periódicos especializados, jornais e revistas; os auditivos (rádio) e os audiovisuais (televisão).

Considerando-se o fato de que entre estes veículos o jornal é o mais antigo no Brasil, pois o primeiro periódico impresso no País foi a *Gazeta do Rio de Janeiro*, criada em 1808 pela Imprensa Régia. Na visão de Azevedo (2009) em seu artigo *A evolução técnica e as transformações gráficas nos jornais Brasil*, podem-se registrar as discussões sobre monumentos desde o século XVIII; assim, optou-se por este veículo de comunicação impressa para definição do *corpus* de pesquisa, que vem a ser a coleção de materiais ou conjunto de elementos sobre os quais se realizarão análises e considerações.

Entretanto, muitos são os jornais em circulação no Brasil e, desta maneira, foi necessário definir um parâmetro para seleção dos periódicos cujas notícias seriam analisadas neste trabalho, o que pôde ser conseguido a partir da escolha dos jornais com maior tiragem. Seguindo este critério, chegou-se aos jornais *Folha de São Paulo (FOLHA)* e *O Estado de São Paulo (OESP)*, e como já foi mencionado, a

seleção dos jornais *FOLHA* e *OESP* teve como base a tiragem de 2014, por ser o último ano com informação sobre a tiragem média constante no *site* da ANJ (Associação Nacional de Jornais).

Conforme dados da Associação Nacional de Imprensa, o jornal *O Estado de São Paulo* circula desde 1875 e teve uma tiragem nacional de 237.901 exemplares em 2014, e a *Folha de São Paulo* circula desde 1921 e teve uma tiragem nacional de 351.745 no mesmo período, conforme informação da ANJ. O método empregado neste estudo baseou-se nos seguintes aspectos:

- 1) revisão bibliográfica dos livros e das dissertações e teses disponíveis no banco digital da Universidade de São Paulo-USP;
- 2) pesquisa das notícias e discussões a respeito dos monumentos da cidade de São Paulo publicadas nos jornais *OESP* e *FOLHA*, filtrando a palavra estátua.

Consultou-se, ainda, a quantidade e distribuição de monumentos em lugares públicos da cidade de São Paulo; foram utilizados os dados do sítio Projeto Monumentos de São Paulo, o qual foi instituído para catalogar as obras de arte criadas pelos alunos do Liceu de Artes e Ofícios.

Segundo informações disponíveis naquele *site*, há 478 monumentos históricos em locais públicos cadastrados por aquela organização, referentes à cidade de São Paulo, os quais estão divididos por região da seguinte forma: zona leste (22), zona oeste (67), zona norte (nove), zona sul (125) e zona central (255).

Pelos números, vê-se que a distribuição dos monumentos tem relação com as regiões habitadas há mais tempo na cidade, portanto, a região central teve a instalação dos primeiros monumentos e a região leste, que pode ser considerada como uma expansão para a periferia, tem a menor quantidade de monumentos.

Esta realidade pode contribuir para se entender a relação de segmentos da população paulistana quanto à preservação dos monumentos da sua cidade, porque boa parte dos moradores das regiões periféricas, incluindo a zona leste, é oriunda do Nordeste, e assim não tem tanta familiaridade com os personagens e ideais paulistanos, os quais se tentaram demonstrar nas obras de arte espalhadas pela cidade. Além disso, a pequena quantidade de monumentos fora do centro diminui o contato do cidadão com estas obras de arte que remontam à criação da vila de Piratininga.

Por volta de 1553, os padres jesuítas José de Anchieta e Manoel da Nóbrega subiram a serra do Mar a fim de encontrar um lugar seguro para se instalarem e catequizar os índios, e chegaram ao planalto que chamaram de Piratininga, sendo o local ideal para seus trabalhos, pois possuía ares frios e temperados como na Espanha e uma terra sadia com água abundante.

Os jesuítas fundaram um colégio numa pequena colina bem próxima dos rios Tamandateí e Anhangabaú e celebraram uma missa em 25 de janeiro de 1554, data que passou a ser considerada como o aniversário daquela que viria a ser uma das maiores metrópoles do mundo e a cidade mais importante da jovem nação que recebeu o nome de Brasil, a cidade de São Paulo.

Depois de cinco séculos, o povoado de Piratininga gerou uma cidade de onze milhões de habitantes e daquele vilarejo sobraram somente as fundações da construção realizada pelos padres e índios no *Pateo do Collegio*.

Na década de 1930, a sociedade do Estado de São Paulo entrou em confronto com o governo federal, o que resultou na Revolução Constitucionalista de 1932, que estourou no dia 9 de julho (hoje feriado estadual); todavia, após três semanas, os combatentes de São Paulo foram derrotados, mas apesar da derrota, o Estado de São Paulo permaneceu em uma trajetória de crescimento de sua economia e de sua importância no cenário nacional, consolidando-se como o polo de atração dos capitais, tecnologia e desenvolvimento do Brasil.

Tanto os eventos históricos da sua fundação pelos jesuítas, quanto a Revolução de 1932 e outros fatos serviram para inspirar a criação de monumentos.

Pela sua representatividade como terra dos bandeirantes, que foram expoentes da expansão para o interior do Brasil e localização das minas de ouro e diamante, além de polo econômico com o desenvolvimento das plantações de café, São Paulo foi palco de fatos importantes na história do Brasil, como por exemplo:

- a) A atuação dos bandeirantes, como Borba Gato, adentrando o interior do Brasil e tomando posse das suas riquezas;
- b) A Revolução Constitucionalista de 1932, em que o Estado pretendia maior autonomia;
- c) O movimento modernista com a Semana de Arte de 1922, que pretendia um rompimento com os padrões de arte europeus tradicionais;
- d) O grito de Independência em 1822;

e) Comício das “diretas já” na praça da Sé em 1984, com a expressão da vontade popular de possuir uma democracia;

f) Atuação de intelectuais, como Mário de Andrade e Oswald de Andrade, na defesa da brasilidade e do patrimônio cultural nacional.

Tomando-se o caso dos bandeirantes, discute-se até hoje se eram heróis e desbravadores responsáveis pela expansão do território brasileiro ou apenas exploradores que não saciavam facilmente sua cobiça, o que não impediu que fossem construídos monumentos históricos em sua homenagem, como a estátua de Borba Gato no bairro de Santo Amaro e o obelisco do Ibirapuera.

Por estas participações históricas é natural que tenham sido concebidos diversos monumentos históricos para eternizar estes fatos e personagens, entretanto, nem sempre a criação destas obras gera o sentimento de pertencimento e eternização que seus idealizadores objetivavam, como poderá ser observado no decorrer desta pesquisa.

Portanto, o que se verá nas próximas páginas será uma análise da visão sobre os monumentos da cidade de São Paulo, sua história e relação dos cidadãos com estas obras de arte, com base no pensamento sobre lugares de memória e patrimônio cultural exposto nas notícias dos jornais.

Quanto à estruturação, essa dissertação compõe-se de cinco capítulos em que os três primeiros tratam das relações entre memória, história, arte e patrimônio cultural, unidos todos eles em torno da identidade (Capítulos 1, 2 e 3).

No quarto capítulo, faz-se uma análise dos jornais no Brasil, preparando o cenário para o estudo de seus conteúdos, do ponto de vista do noticiário que transmitiram sobre o uso sociológico dos monumentos, em sua fase negativa, isto é, que provocou polêmicas na sociedade.

Este último aspecto é desenvolvido por meio de 15 relatos, extraídos das notícias arroladas.

É evidente que esta dissertação não dá conta da inserção dos monumentos analisados no cotidiano dos paulistanos, uma vez que surpreende esse cotidiano em seus aspectos críticos quando a identidade dos moradores da cidade de São Paulo, ou de parte dos moradores, viu-se agredida por políticas públicas ligadas a esses monumentos.

Esse dado poderá ser objeto de novas indagações, que poderão ser respondidas por outros estudos, não obstante, a aferição dos sentimentos da

população relativamente ao seu entorno urbano pode ser melhor esclarecido pelos resultados contidos na presente análise.

## 1. AS RELAÇÕES ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA

É oportuno inserir nesta etapa do trabalho um esclarecimento sobre um termo que está diretamente ligado à história e identidade, que é a ideia de memória.

Memória é a faculdade de conservar e lembrar estados de consciência passados e tudo quanto se ache associado a eles. A memória é o que permite a aprendizagem, pois é através dela que os conhecimentos se consolidam, e assim é possível adquirirmos novos conhecimentos.

Podemos também definir memória como o processo cognitivo que inclui, consolida e recupera toda a informação que aprendemos, o que é fundamental para o desenvolvimento do indivíduo e da sua comunidade.

De acordo com o Houaiss (2016), a memória é a “Faculdade de reter ideias, sensações, impressões, adquiridas anteriormente.”

Acima de tudo, a memória é extremamente importante, pois é o que nos dá a continuidade do presente e nos permite manter uma ligação de continuidade entre passado e presente.

Autores de vários campos das ciências humanas e sociais contribuíram para a compreensão do fenômeno da memória, e dois deles serão destacados nesta pesquisa: Maurice Halbwachs (1990) e Jaques Le Goff (1996).

Em sua obra *A Memória Coletiva*, Halbwachs (1990, p.18) reforça a importância deste conceito no estudo e conhecimento da identidade e na construção da memória do indivíduo:

Não basta que eu tenha assistido ou participado de uma cena onde outros homens eram espectadores ou atores para que, mais tarde, quando eles a evocarem diante de mim, quando reconstituírem peça por peça a sua imagem em meu espírito, subitamente essa construção artificial se anime e tome aparência de coisa viva, e a imagem se transforme em lembrança. Frequentemente, é verdade, tais imagens, que nos são impostas pelo nosso meio, modificam a impressão que possamos ter guardado de um fato antigo, de uma pessoa outrora conhecida. Pode ser que essas imagens reproduzam mal o passado, e que o elemento ou a parcela de lembrança que se achava primeiramente em nosso espírito seja sua expressão mais exata: para algumas lembranças reais junta-se assim uma massa compacta de lembranças fictícias. Inversamente, pode acontecer que os depoimentos de outros sejam os únicos exatos, e que eles corrijam e reorientem nossa lembrança, ao mesmo tempo que incorporem-se a ela.

Num e noutro caso, se as imagens se fundem tão intimamente com as lembranças, e se elas parecem emprestar a estas sua substância, é que nossa memória não é uma tábula rasa, e que nos sentimos capazes, por nossas próprias forças, de perceber, como num espelho turvo, alguns traços e alguns contornos (talvez ilusórios) que nos devolveriam a imagem do passado. ( HALBWACHS, 1990, p. 18).

Halbwachs (1990) demonstra que o fenômeno da memória não é estático e a nossa interação com outros indivíduos e suas lembranças alteram nossa memória sobre os acontecimentos cotidianos de tal modo que, com o passar do tempo, não conseguimos distinguir o que é a memória sobre o que vivenciamos ou uma memória construída com lembranças que outros indivíduos nos transmitiram nas conversas cotidianas. O pesquisador prossegue comentando que:

Da mesma maneira que é preciso introduzir um germe num meio saturado para que ele cristalize, da mesma forma, dentro desse conjunto de depoimentos exteriores a nós, é preciso trazer como que uma semente de rememoração, para que ele se transforme em uma massa consistente de lembranças. Se, ao contrário, essa cena parece não ter deixado, como se diz, nenhum traço em nossa memória, isto é, se na ausência dessas testemunhas nós nos sentimos inteiramente incapazes de lhe reconstruir uma parte qualquer; aqueles que nô-la descrevem poderão fazemos um quadro vivo dela, mas isso não será jamais uma lembrança.

Quando dizemos que um depoimento não nos lembrará nada se não permanecer em nosso espírito algum traço do acontecimento passado que se trata de evocar, não queremos dizer todavia que a lembrança ou que uma de suas partes devesse subsistir tal e qual em nós, mas somente que, desde o momento em que nós e as testemunhas fazíamos parte de um mesmo grupo e pensávamos em comum sob alguns aspectos, permanecemos em contato com esse grupo, e continuamos capazes de nos identificar com ele e de confundir nosso passado com o seu. ( HALBWACHS, 1990, p. 18).

Os textos transcritos acima, de Halbwachs (1990), remetem à incompletude da memória pessoal, pois normalmente nossas memórias individuais são afetadas pelas memórias de outras pessoas com quem convivemos, por isso podemos interpretar que a construção da memória ocorre de forma coletiva, a partir das interações entre os indivíduos em coletividade. O mais importante é notar que o fenômeno das memórias está inserido na complexidade do convívio social, porque nossas lembranças sempre estão impregnadas de fatos que envolvem outras pessoas, como comenta Pollak:

A memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória. Isso é verdade também em relação à memória coletiva, ainda que esta seja bem mais organizada. Todos sabem que até as datas oficiais são fortemente estruturadas do ponto de vista político. Quando se procura enquadrar a

memória nacional por meio de datas oficialmente selecionadas para as festas nacionais, há muitas vezes problemas de luta política. A memória organizadíssima, que é a memória nacional, constitui um objeto de disputa importante, e são comuns os conflitos para determinar que datas e que acontecimentos vão ser gravados na memória de um povo. (POLLAK, 1992).

Já Le Goff (1996, p.25) ajuda a compreender a importância da memória para a sociedade, partindo do pressuposto de que há interesses na construção das memórias, ou seja, traz uma contribuição às ideias de Halbwachs (1990), nos fazendo perceber que o fato de ser construída coletivamente possibilita que alguns grupos tentem modificar a memória conforme seus interesses, trazendo grande responsabilidade para os pesquisadores que lidam com memórias, como é o caso dos historiadores, para que mantenham o equilíbrio nas pesquisas:

Se a imparcialidade só exige do historiador honestidade, a objetividade supõe mais. Se a memória faz parte do jogo do poder, se autoriza manipulações conscientes ou inconscientes, se obedece aos interesses individuais ou coletivos, a história, como todas as ciências, tem como norma a verdade. Os abusos da história só são um fato do historiador, quando este se torna um partidário, um político ou um laçao do poder político [Schieler, 1978; Faber, 1978]. Quando Paul Valéry declara: "A história é o ,produto mais perigoso que a química do intelecto elaborou... A história justifica o que se quiser. Não ensina rigorosamente nada, pois tudo contém e de tudo dá exemplos" [1931, pp. 63-64]. Este espírito, aliás tão agudo, confunde a história humana com a história científica e revela a sua ignorância sobre o trabalho histórico. (LE GOFF, 1996, p.25).

No texto acima, produzido por Le Goff (1996), podemos notar que a Memória está entrelaçada com a História, o que nos faz pensar no seguinte: Onde termina a Memória e começa a História, ou vice-versa?

Antes de compreender esta relação é necessário refletir sobre o sentido de História e, para isto, as ideias de Fernand Braudel (1992, p.22) ajudam a compreendermos seu alcance:

Como a própria vida, a história se nos aparece como um espetáculo fugidio, movediço, feito do entrelaçamento de problemas inextricavelmente misturados e que pode tomar, alternadamente, cem aspectos diversos e contraditórios. Como abordar e fragmentar essa vida complexa, para poder apreendê-la ou ao menos aprender alguma coisa nela? Numerosas tentativas poderiam nos desencorajar de antemão.

Assim não mais cremos na explicação da história por este ou aquele fator dominante. Não há história unilateral. Não a dominam exclusivamente, nem o conflito das raças cujos choques ou acordo teriam determinado todo o passado dos homens; nem os poderosos ritmos econômicos, fatores de progresso ou de ruína; nem as constantes tensões sociais; nem esse

espiritualismo difuso de um Ranke pelo qual se sublimam, para ele, o indivíduo e a vasta história geral; nem o reino da técnica; nem o impulso demográfico, esse impulso vegetal com suas consequências de retardar sobre a vida das coletividades. O homem é complexo de outro modo. Contudo, essas tentativas, para reduzir o múltiplo ao simples ou ao quase simples, significaram um enriquecimento sem precedente, desde mais de um século, de nossos estudos históricos. (BRAUDEL, 1992, p.22).

No texto acima, Braudel (1992) mostra a complexidade do campo de estudo da História por meio das variáveis que têm que ser estudadas para análises de épocas com suas peculiaridades. Segundo esse autor, para entender a história temos que enxergá-la como algo maior do que um jogo monótono com idas e vindas repetitivas.

É necessário que os estudos históricos abranjam as realidades sociais, compreendendo a amplitude da vida coletiva, “as economias, as instituições, as arquiteturas sociais, as civilizações, enfim, sobretudo elas — todas as realidades que os historiadores de ontem, certamente, não ignoraram” (BRAUDEL, 1992, p. 25).

Porém, o autor alerta que a grande maioria dos historiadores acabou se detendo em personagens famosos e deixou a realidade social somente como fundo de cenário para tratar dos fatos envolvendo essas grandes figuras.

O que Braudel (1992) ressalta em sua obra corresponde ao tipo de história dita positivista, estudada e escrita antes do que ficou conhecido como a Escola dos *Annales*. Os estudos sobre história normalmente estavam ancorados apenas nos documentos oficiais, isto é, davam voz apenas a uma parte da sociedade — a elite.

A partir dos estudos promovidos pela Escola dos *Annales*, com destaque para pesquisadores como March Bloch, Lucien Febvre e Fernand Braudel, passou-se a enxergar o cidadão comum, sua vida, costumes e cultura como merecedores de atenção nos estudos e obras de História.

De forma geral, percebe-se que a memória permanece ativa enquanto os indivíduos dos grupos que a compartilham estão vivos e podem ser testemunhas dos fatos ocorridos, mas após o desaparecimento dos membros dos grupos, suas lembranças passam a ser registradas pelos historiadores que vão à busca dos seus vestígios, ou melhor, o que era memória vira história. Entretanto, nota-se uma simbiose entre memória e história, pois a interação pode alimentar uma à outra.

Quando um historiador resgata fragmentos de uma cultura, pode acontecer o despertar das lembranças de algum indivíduo que teve contato com aquela cultura,

fazendo-o trazer à tona uma memória coletiva, ou seja, produzida pela sua vivência com o grupo que compartilhava costumes, rituais, entre outras tradições.

Outro autor que nos auxilia na reflexão sobre o fenômeno da memória é o antropólogo francês Joël Candau (2011), em obra produzida em sua língua natal no ano de 2011 com o título *Mémoire et identité*.

Inicialmente o autor informa que a memória é uma faculdade do ser humano e se manifesta de acordo com características dos grupos, dos indivíduos e sociedades, sendo possível a caracterização das manifestações da memória (CANDAU, 2011) em três tipos, a saber:

- 1) Memória de baixo nível ou protomemória: é a modalidade de memória na qual se enquadram, individualmente, as experiências e saberes duradouros, compartilhados entre os indivíduos de uma sociedade;
- 2) Memória propriamente dita ou de alto nível: refere-se à memória de recordação, a qual evoca deliberadamente ou invoca involuntariamente lembranças autobiográficas ou que fazem parte de uma memória específica (saberes, sentimentos e crenças);
- 3) Metamemória: trata-se da memória relativa à representação que cada pessoa faz de sua própria memória, e o que o indivíduo diz da sua própria memória (apego do indivíduo ao seu passado).

Em sua visão, o uso dos termos memória, protomemória e metamemória é invalidado quando tentamos utilizá-los para explicar fenômenos ligados à memória coletiva (de grupos ou sociedades), pois, nas palavras do autor, “nenhuma sociedade caminha, come e dança de uma forma própria, mas sim os indivíduos que a compõem”.

Desta forma, Candau (2011) reforça o termo memória coletiva disseminado por Halbwachs (1990), que considera como uma representação que membros de um grupo produzem a respeito de uma memória considerada comum a todos que fazem parte dessa união de pessoas.

## 2. ARTE, PATRIMÔNIO CULTURAL E IDENTIDADE

A arte acompanha a humanidade desde que o homem começou a lidar habilmente com o mundo que o cerca, o que, para Denise Moraes<sup>1</sup>, ocorre há cerca de 40.000 anos, e desde então observamos o avanço da humanidade, das figuras tortas desenhadas na parede das cavernas (arte rupestre) até a produção de desenhos em computadores.

Podemos definir arte como habilidade ou disposição dirigida para a execução de uma finalidade prática ou teórica, realizada de forma consciente, controlada e racional. Ainda, podemos defini-la como o conjunto de meios e procedimentos através do qual é possível a obtenção de finalidades práticas ou a produção de objetos — técnica.

Entretanto, consultando os textos de autores como Coli (1995, p.7), percebemos que arte é algo complexo e profundo, como mostra o trecho adiante: “A arte instala-se em nosso mundo por meio do aparato cultural que envolve os objetos: o discurso, o local, as atitudes de admiração [...]”. Ainda Coli (1995) ressalta que em arte existem controvérsias como em qualquer produção humana, o que reforça a proposta do trabalho ora apresentado:

O bom conhecimento da perspectiva, da anatomia, da aplicação de luz e sombra são técnicas de um mesmo nível que o manuseio das tintas, pois são aprendidas segundo regras e podem ser julgadas com um forte grau de objetividade. Mas elas são um meio entre outros para a construção de um quadro e não são, nem podem ser, uma exigência absoluta. Ninguém pensaria em condenar Ingres pelo seu desdém pela anatomia, nem Uccello por sua perspectiva pouco ortodoxa, nem Botticelli pela ausência de modelado em suas obras. Podemos dizer que certo pintor conhece perfeitamente a anatomia, mas com isso estamos elogiando apenas um aspecto técnico parcial de sua obra.

Os discursos que determinam o estatuto da arte e o valor de um objeto artístico são de outra natureza, mais complexa, mais arbitrária que o julgamento puramente técnico. São tantos os fatores em jogo e tão diversos que cada discurso pode tomar seu caminho.

Questão de afinidade entre a cultura do crítico e a do artista, de coincidências (ou não) com os problemas tratados, de conhecimento mais ou menos profundo da questão e mil outros elementos que podem entrar em cena para determinar tal ou qual preferência. Dirá um que Wagner é compositor desmedido ou de prolixidade vazia, outro invocará seu gênio harmônico a serviço de uma dramaticidade filosófica, etc. (COLI, 1995, pp. 11-12).

---

<sup>1</sup>. MORAES, Denise. Arte das cavernas. Site FIOCRUZ Disponível em: <<http://www.invivo.fiocruz.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=974&sid=9>>. Acesso em: 25 jul., 2016.

Coli (1995) tenta mostrar na passagem acima que pode ser confuso definir o que é arte, bem como tentar dizer que uma arte é melhor do que outra, porque as variáveis envolvidas são inúmeras e passam pelo uso de técnicas ou até mesmo pelo estado de espírito daquele que as observa. Para Coli (1995, p.17), talvez a busca de consenso entre a maioria dos avaliadores fosse uma forma de saber o valor de uma arte, pois "em certos casos mais notáveis, essa maioria parece manifestar-se com alguma solidez: é raro encontrarmos textos que desqualifiquem Cézanne, por exemplo, Eisenstein, Shakespeare ou Mozart."

O texto de Coli (1995) é interessante para a discussão sobre monumentos e lugares de memória, porque esclarece que os monumentos são produzidos com o objetivo de se marcar a mente das pessoas por meio das figuras, símbolos, ideias e personagens históricos, o que requer muitas vezes uma atitude de aprovação da população.

Uma das formas de arte que é utilizada há muito tempo pelo homem é a escultura, que segundo descobertas arqueológicas realizadas em diversas partes do mundo, possui muitos séculos. Podemos destacar o exemplo do Ídolo de *Shigir* (ver figura 1), encontrado em um pântano na Rússia (*National Geographic*, 2016), que após testes com carbono 14 chegou-se à datação de aproximadamente 11.000 anos, ou seja, é mais antigo do que as pirâmides do Egito.

**Figura 1-O Ídolo de Shigir do Museu Histórico de Sverdlovsk em Yekaterinburg, Rússia**



Fonte: National Geographic. **Ídolo de Shigir.** Disponível em: [http://www.nationalgeographic.com.es/articulo/historia/actualidad/10630/idolo\\_shigir\\_escultura\\_madera\\_mas\\_antigua\\_del\\_mundo-imagen\\_1.html#gallery-1](http://www.nationalgeographic.com.es/articulo/historia/actualidad/10630/idolo_shigir_escultura_madera_mas_antigua_del_mundo-imagen_1.html#gallery-1). Acesso em: 4 de fev., 2016.

Cada civilização lidou à sua maneira com as artes, a fim de representar suas divindades ou fatos do seu dia a dia, registrando aqueles que acreditava serem importantes para a posterioridade.

Assim, povos como os gregos, romanos e egípcios representaram diversos eventos das suas vidas por meio da construção de templos com colunas enormes (ver figura 2), ânforas, ornamentos, pinturas em paredes e quadros, escrita ou escultura.

**Figura 2-Colunas do templo de Zeus em Atenas.**



Fonte: Expedia. **Templo de Zeus (Atenas, Grécia).** Disponível em: <https://www.expedia.com.br/Templo-De-Zeus-Atenas.d500270.Guia-de-Viagem>. Acesso em: 21 jan. 2016.

Cabe destacar que o que chamamos de arte, notadamente as pinturas, esculturas e arquitetura, nem sempre foram considerados como tal na época em que foram criadas, mas sim objetos com uso definido, como comenta Gombrich (1994, p.28). Os pintores retratavam personalidades das suas épocas porque não existia outro recurso como a fotografia, os egípcios produziam esculturas com os rostos dos monarcas para que fossem lembrados na eternidade (acreditavam que as pessoas seriam ressuscitadas) com seus bens, e os gregos e romanos construíam templos para visitação da população e adoração dos seus deuses.

Aliás, Gombrich (1994, p. 49) em seu texto lembra da importância do povo egípcio e sua arte para a humanidade no Ocidente, pois mesmo entre os mestres gregos fica claro que muito do que aprenderam em arte, arquitetura e outras

ciências foi aprendido com os egípcios, e como os ocidentais foram todos alunos dos gregos, logo, devemos muitos dos nossos conhecimentos também aos egípcios.

No caso específico das esculturas, elas tiveram diversas finalidades para os povos, de acordo com Gombrich (1994, 50-55), pois para os povos antigos como os egípcios, por exemplo, as imagens representavam uma espécie de dominação do ser real, por isso faziam estátuas e pinturas dos animais que queriam dominar ou de seus inimigos. E o autor informa aspectos interessantes sobre a simbologia das esculturas:

Uma das maiores realizações da arte egípcia reside no fato de que todas as estátuas, pinturas e formas arquitetônicas parecem encaixar-se nos lugares certos, como se seguissem uma mesma lei. Esse tipo de lei, à qual todas as criações de um povo parecem obedecer, é chamado de “estilo”. [...] O estilo egípcio compreendia um conjunto de leis bastante rígidas, aprendidas desde muito cedo pelos artistas. Estátuas sentadas deviam ter as mãos sobre os joelhos; os homens eram pintados com um tom de pele mais escuro que o das mulheres; a aparência de cada deus egípcio era rigorosamente estabelecida: Hórus, o deus dos céus, era apresentado como um falcão ou com uma cabeça de falcão; Anúbis, deus dos ritos funerais, como um chacal [...] (GOMBRICH, 1994, p. 55).

Apesar da grande beleza das obras de povos como os astecas, egípcios, gregos e romanos, muitas delas foram destruídas ou estão em vias de ruína, devido ao descuido quanto à sua preservação, o que nos leva a pensar sobre como a humanidade preserva os bens produzidos pelos antepassados.

Esta herança transmitida às novas gerações na forma de pinturas, prédios e estátuas, entre outras produções, passou a ganhar importância, principalmente a partir da Revolução Francesa, recebendo a designação de patrimônio.

O patrimônio cultural normalmente tem o objetivo de eternizar conquistas, fatos históricos e outros eventos, considerados representativos do caráter e magnitude das elites, como mostra Riegl (2014), a saber:

No sentido mais antigo e original do termo, entende-se uma obra criada pela mão do homem e elaborada com o objetivo determinante de manter sempre presente na consciência das gerações futuras algumas ações humanas ou destinos (ou a combinação de ambos). Pode tratar-se de um monumento de arte ou de escrita, conforme o acontecimento a ser imortalizado tenha sido levado ao conhecimento dos espectadores com os meios simples de expressão das artes plásticas ou com auxílio de inscrições. Geralmente, os dois meios encontram-se associados de forma equitativa. (RIEGL, 2014, p. 31).

O autor esclarece, ainda, que “obra de arte é toda criação humana tangível — visível, ou audível —, que apresenta valor de arte; sendo monumento histórico toda obra de constituição análoga que possui valor histórico” (RIEGL, 2014, p. 32).

Riegl (2014) destaca que o valor da arte de um monumento é calculado pela forma como a obra atende às exigências dos indivíduos que gostam de arte, gosto este que muda de indivíduo para indivíduo e de tempos em tempos.

Enquanto o valor de arte tem relação com gosto e tempo, o valor histórico, diz o autor, “refere-se a algo abrangente, vale dizer, é aquele referente a tudo que foi e não é mais nos dias de hoje”.

Quando se fala no valor histórico, tem-se como base uma obra que representa um elo de uma corrente histórica, sem o qual fatos posteriores não teriam ocorrido.

Riegl (2014) compreende que, em relação ao seu valor, os monumentos podem ser divididos por: valor de antiguidade, valor histórico (representa um estágio da evolução humana) e valor volível.

O valor de antiguidade refere-se ao aspecto inatual da obra. Assim percebemos e valorizamos o bem pela sua incompletude, falta de coerência e tendência à dissolução das cores e formato, tornando a obra antiga oposta aos objetos modernos e chamando a atenção do povo.

Já o valor volível pode ser compreendido como aquele relacionado ao objetivo dos idealizadores de uma obra, em tornar um fato ou personagem imune ao tempo (imortal).

No valor volível “se pretende a eternidade, a essência incessante” (RIEGL, 2014, pp. 49-63), sendo que as características e importância dos monumentos são as seguintes:

- a) Valor utilitário: refere-se ao valor dado pelo uso da obra como, por exemplo, a cúpula de São Pedro em Roma; seu valor está tanto na arte de sua produção quanto em seu uso para visitas. Se a cúpula ficasse sem visitantes não teria o mesmo valor;
- b) Valor de arte: é representado pela natureza da obra e dos conceitos que a tornaram conhecida, com base nas formas, cores, técnicas empregadas e o gosto moderno daqueles que a prestigiam;
- c) Valor de novidade: trata-se daquele ligado ao novo, à arte que se mostra recente e contrária à antiguidade. A arte nova tem formas inalteradas e cores vivas sem o desgaste do tempo;
- d) Valor relativo: surge da ideia daqueles que valorizam a arte pelo fato de a obra representar testemunho da força criadora humana ante a natureza e

daqueles que apreciam a relação específica entre cor, forma e concepção, ou seja, não existe um valor absoluto da arte, segundo Riegl (2014).

Independentemente dos valores atribuídos, Riegl (2014) esclarece que a arte é um testemunho da evolução das técnicas humanas e, em alguns casos, representa a imortalidade de fatos históricos e conhecimentos sobre as sociedades do passado.

## **2.1. A DEFESA DO PATRIMÔNIO CULTURAL NO BRASIL**

Notadamente, após a Segunda Guerra Mundial, foram criados organismos internacionais, como a ONU (Organização das Nações Unidas) e a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) para melhorar as relações entre as nações, sendo que essa última foi responsável por promover a Conferência de Atenas (UNESCO, 2015), em que se defendeu a salvaguarda do patrimônio cultural da humanidade.

As mudanças que ocorreram no mundo e as experiências com a guerra fria, o genocídio do holocausto e o racismo, movimentos sociais e ambientais modificaram a ideia sobre patrimônio, que passou a considerar não apenas os bens tangíveis, mas também os imateriais, como o samba, a capoeira e outros movimentos culturais que deixam suas marcas no modo de vida de um povo.

Em relação ao cuidado com os monumentos, a Revolução Francesa é um marco no resgate e defesa do patrimônio cultural, porque ao invés de destruir os palácios, pinturas e esculturas dos nobres, houve num segundo momento a preocupação de preservá-los como patrimônio do povo francês.

De acordo com Camargo (2002), a Revolução Francesa concentrou-se no período de 1789 a 1799 e teve como um de seus resultados a formação de um modelo de preservação do patrimônio cultural, posteriormente reconhecido e copiado por diversas nações.

Em 1794, lembra Camargo (2002, p.20), foram iniciadas as primeiras ações para preservação do patrimônio na França, com a atuação reconhecida do padre juramentado Henri Grégoire, que fez campanha pela preservação do patrimônio daquela nação.

A ideia de patrimônio tem a ver com o pensamento de que herança é o que um indivíduo recebe de seu pai, o que no caso do cidadão que nasceu no território

francês e adquiriu a cidadania após a Revolução Francesa, representava a herança do mesmo pai, ou seja, o Estado Nacional.

Portanto, os monumentos passaram a serem encarados como a materialização da identidade nacional e, segundo Camargo (2002), na acepção comum do termo, os monumentos são edificações ou construções que pretendem perpetuar a memória de um fato, de uma pessoa, de um povo.

Camargo (2002) pondera que nem sempre os bens patrimoniais são eruditos, nem sempre são soluções destinadas às elites sociais, como é o caso da Casa do Grito, uma construção humilde ao lado do Museu do Ipiranga, em São Paulo-SP.

O autor destaca, ainda, que a beleza das construções históricas é um forte apelo ao turismo, pois em cidades como Roma, Paris e Veneza ocorre um grande fluxo de turistas desde o século XVII, que ajuda a melhorar a economia local, além de beneficiar seus visitantes na medida em que possibilita a ampliação do conhecimento sobre arte e cultura. A aristocracia britânica, por exemplo, enviava seus jovens para conhecerem a França e a Itália, a fim de terem contato com as peças da Antiguidade Clássica, conhecida apenas pelos relatos em livros (CAMARGO, 2002, p. 40). Este tipo de viagem foi classificado como *Grand Tour*.

No Brasil, o turismo iniciou-se de forma gradual, pois a maior parte da população não tinha condições para promover viagens, apenas os recursos básicos para alimentação e moradia.

A família real portuguesa, com D. Pedro I e depois D. Pedro II, pode ser um exemplo da elite que viajava por prazer, deixando frequentemente a cidade do Rio de Janeiro para desfrutar das temperaturas mais amenas da cidade que veio a se chamar Petrópolis-RJ. Este costume introduzido pela monarquia portuguesa se espalhou primeiro entre as famílias mais abastadas até as classes médias atuais.

Atualmente, no Brasil, podem-se realizar viagens em busca de prazer e aprendizado. Este fenômeno ganhou impulso com a Semana de Arte Moderna de 1922, quando intelectuais brasileiros, com destaque para os paulistas, chamaram a atenção sobre a necessidade de valorização do patrimônio histórico e artístico nacional, sobressaindo Mário de Andrade, que utilizou sua inteligência e influência a fim de criar uma estrutura do poder público para a proteção do patrimônio cultural brasileiro, culminando na criação do SPHAN, que posteriormente passou a ser um instituto, recebendo a denominação de IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional).

Sabe-se (CAMARGO, 2002, p. 82) que em 1924, Mário de Andrade, Tarsila do Amaral, Oswald de Andrade, Paulo Prado e Blaise Cendrars viajaram para Ouro Preto-MG e outras cidades mineiras, dando destaque aos patrimônios dessas regiões, os quais deveriam ser preservados como monumentos da história do Brasil.

O termo patrimônio, no dicionário Caldas Aulete digital<sup>2</sup>, tem como significado: “Conjunto dos bens de família, transmitidos por herança, ou Conjunto dos bens de uma pessoa, instituição ou empresa, herdados ou adquiridos”.

Percebe-se pela descrição que o patrimônio é uma espécie de riqueza compartilhada com as gerações futuras, transferida de geração em geração, e esta ideia, defendida a partir da Revolução Francesa, foi incorporada ao pensamento dos líderes de outras nações, abrangendo o patrimônio individual e coletivo.

Assim, a diferença entre o patrimônio individual e o coletivo reside na abrangência do segundo, que pretende dar conta de uma grande quantidade de bens e indivíduos que os herdam. O trecho abaixo, da obra *Patrimônio Histórico e Cultural*, de Funari e Pelegrini (2006), corrobora este entendimento sobre Patrimônio Cultural (coletivo):

Até agora, tratamos do patrimônio como algo individual, de cada um de nós, mas, a partir de nossas percepções e sentimentos, podemos entender o uso do mesmo termo para se referir àquilo que é coletivo. Há uma diferença essencial, contudo. O patrimônio individual depende de nós, que decidimos o que nos interessa. Já o coletivo é sempre algo mais distante, pois é definido e determinado por outras pessoas, mesmo quando essa coletividade nos é próxima. Se dez pessoas diferentes forem listar o patrimônio de seu condomínio ou de seu bairro, chegarão a listas muito díspares. [...] O que para uns é patrimônio, para outros não é. Além disso, os valores sociais mudam com o tempo. (FUNARI e PELEGRINI, 2006, p.9).

Funari e Pelegrini (2006, pp.10-p.12) destacam algumas ocorrências relevantes para compreendermos a evolução do Patrimônio Cultural, que são as seguintes:

- a) O conceito de patrimônio surgiu no âmbito do direito privado de propriedade e estava ligado aos interesses da aristocracia;
- b) Com a disseminação do cristianismo e o fortalecimento da Igreja na Antiguidade tardia (séculos IV-V) e na Idade Média (séculos VI-XV), foi acrescentado à ideia de patrimônio o caráter de valor religioso, com base

---

<sup>2</sup> Caldas Aulete digital. Patrimônio. Disponível em: < <http://www.aulete.com.br/patrim%C3%B4nio>>. Acesso em: 25 jul., 2016.

no culto aos santos e valorização de relíquias ligadas à Igreja e sua doutrina;

- c) Com o Renascimento, em substituição ao valor religioso do patrimônio, começou-se a intensificar o valor humano das obras e o patrimônio deixado pela Antiguidade grega e romana.

A ampliação do conceito de patrimônio veio junto da ideia de que alguns patrimônios excediam o território da nação onde surgiram, podendo ser considerados como Patrimônio da Humanidade, que na lição de Funari e Pelegrini (2006), podem ser elencados como:

- a) Monumentos: obras arquitetônicas, esculturas, pinturas, vestígios;
- b) Arqueológicos: inscrições, cavernas;
- c) Conjuntos: grupos de construções;
- d) Sítios: obras humanas e naturais de valor histórico, estético;
- e) Etnológico ou científico;
- f) Monumentos naturais: formações físicas e biológicas;
- g) Formações geológicas ou fisiográficas: hábitat de espécies;
- h) Animais e vegetais ameaçados de extinção;
- i) Sítios naturais: áreas de valor científico ou de beleza natural.

Na América Latina, Funari e Pelegrini (2006, p.35) informam que foram feitos vários projetos de preservação do patrimônio cultural, muitos deles influenciados pela *Carta de Machu Picchu* (1977), que referendou a necessidade de se considerar os valores socioculturais nos processos de restauração. Obras que buscavam apenas a restauração das fachadas dos imóveis e não se preocupavam com o uso social destes bens, deveriam ser repensadas.

Acrescentando, Funari e Pelegrini (2006, p. 37) destacam que um exemplo bem-sucedido foi o da preservação do Centro Histórico de Quito (Peru), que buscou em projeto de 1990 resgatar a tipologia das construções e dar sustentabilidade ao local, incluindo socialmente a população por meio da melhoria de infraestrutura urbana, do transporte, entre outros.

No Brasil, Funari e Pelegrini (2006, p. 46) registram que o cuidado com o patrimônio foi atribuído ao IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), órgão que vem realizando suas atividades desde sua criação em 1937, tendo seu escopo ampliado pela Constituição de 1988, que retomou (idem, p. 51)

alguns pressupostos de preservação sugeridos por Mário de Andrade e Aloísio Magalhães, “reafirmando que a ação em prol do patrimônio devia se desenvolver independentemente da ação de tombamento e devia basear-se na referencialidade dos bens.” Entretanto, Funari e Pelegrini (2006) afirmam o seguinte:

Apesar da predisposição de tratar a cidade como documento, em toda a sua complexidade, as políticas de preservação no Brasil, a partir da década de 1990, distanciaram-se dessa concepção e, por vezes, sucumbiram à noção de “cidade-espetáculo”, para usar a terminologia sugerida por Nestor Canclini. A associação dos bens culturais ao seu valor de mercado corroborou para aumentar o consumo cultural e para transformar a paisagem historicamente construída em “ruínas” patrimoniais de marketing citadino, ou seja, transformar a cidade histórica em objeto de consumo. (FUNARI e PELEGRINI, 2006, p.51).

Concluindo, os autores acreditam que a transformação da cidade em objeto de consumo gera um simulacro de preservação, pois há apenas a preocupação de recuperar a plasticidade dos traçados e características estéticas das construções, sem atentar para a necessidade de integrar a população aos espaços e contribuir para um desenvolvimento sustentável.

Não obstante, Funari e Pelegrini (2014, p. 55) acreditam que a inclusão do samba de roda (do Recôncavo Baiano), da pintura corporal conhecida com Arte *Kusiwa* e da Arte Gráfica *Wajãpi* (do Amapá) no Livro de Registro das Formas de Expressão representa uma vitória na defesa do patrimônio mundial, e o Brasil tem avançado nesta visão e incorporação mais completa do patrimônio, o que é positivo, porquanto são reforçadas a memória e a identidade, termos a serem abordados no próximo subcapítulo.

## **2.2. ARTE E IDENTIDADE BRASILEIRA**

Identidade se trata de sentimento de pertencimento a um grupo ou cultura, pelo qual o indivíduo é influenciado. Para Hall (2006), pode-se falar em três distinções para o fenômeno da identidade: sujeito do iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno.

O sujeito do iluminismo refere-se àquele indivíduo humanizado, centrado no eu. O sociológico dá conta de que o indivíduo está em um mundo complexo, com relações mediadas pelas pessoas de seu contato e um ambiente sujeito aos valores,

símbolos e cultura. Já o sujeito pós-moderno é variável, provisório e problemático devido à inconstância da realidade na modernidade.

Manuel Castells, em sua obra *O Poder da identidade* sinaliza: “entende-se por identidade a fonte de significado e experiência de um povo” (CASTELLS, 1999, p.22).

Mais adiante, Castells afirma em relação aos atores sociais: “entendo que identidade é o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda, um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado”. (CASTELLS, 1999, p.22).

Ao resgatar as contribuições de Candau (2011) e Halbwachs (1990), observamos que ambos enxergaram uma relação entre memória e identidade e afirmaram que esta última pode ser compreendida de diferentes formas, por exemplo, como um estado, representação ou conceito, o que tem coerência com a afirmação de Castells (1999), que sustenta ser a identidade um processo de construção de significado.

Candau (2011) dá como exemplo o documento de identidade com foto, nome, data de nascimento, peso, altura, dados que para ele demonstram um estado; porém, a ideia de quem eu sou refere-se à representação, um conceito empregado frequentemente nas Ciências Humanas, para designar o conjunto de caracteres próprios e exclusivos com os quais podemos diferenciar pessoas.

Quanto à identidade, Candau (2011) comenta que em relação a um grupo, o termo pode ser empregado com ressalvas, haja vista que apesar das semelhanças, nunca um indivíduo será idêntico a outro. No caso brasileiro, o fenômeno da identidade assume algumas peculiaridades, como mostra Roberto Damata (1986):

[...] o Brasil foi descoberto por portugueses e não por chineses, a geografia do Brasil tem certas características como as montanhas na costa do Centro-Sul, sofremos pressão de certas potências europeias e não de outras, falamos português e não francês, a família real transferiu-se para o Brasil no início do século XIX, etc. Cada sociedade (e cada ser humano) apenas se utiliza de um número limitado de “coisas” (e de experiências) para construir-se como algo único, maravilhoso, divino e “legal”... Sei, então, que sou brasileiro e não norte-americano, porque gosto de comer feijoada e não hambúrguer; porque sou menos receptivo a coisas de outros países, sobretudo costumes e ideias; porque tenho um agudo sentido de ridículo para roupas, gestos e relações sociais; porque vivo no Rio de Janeiro e não em Nova York; porque falo português e não inglês; porque, ouvindo música popular, sei distinguir imediatamente um frevo de um samba; porque futebol

para mim é um jogo que se pratica com os pés e não com as mãos; porque vou à praia para ver e conversar com os amigos [...] (DAMATA, 1986, p.14).

No trabalho ora apresentado, mais do que a identidade brasileira, cujas características foram abordadas no texto de Damata (1986), acima, interessa-nos a identidade paulistana, que hipoteticamente interfere nas opiniões expressas nos jornais *FOLHA* e *OESP*, com relação às notícias sobre monumentos.

Souza (2013, p.15) afirma que existe uma identidade paulista e, em diversos episódios históricos, como é o caso da Revolução Constitucionalista, os paulistas entraram em choque com a identidade dos outros brasileiros.

Há, na visão de Souza (2013), o mito da superioridade paulista aguçada pela ideia de que São Paulo é a locomotiva da economia brasileira e que o paulista, como os antigos bandeirantes, é um desbravador e trabalhador que faz o Brasil progredir. Muitos monumentos da cidade de São Paulo homenageiam os bandeirantes ou referem-se a artistas de origem paulistana, em busca do resgate e valorização da memória dos primeiros paulistas.

Todavia, com a grande quantidade de imigrantes recebida no ciclo do café, bem como a chegada dos nordestinos e outros brasileiros que buscavam oportunidades de trabalho na grande cidade de São Paulo, que cresceu com a industrialização, houve uma alteração no perfil do cidadão paulista, desde então.

Esta dinâmica que vem modificando as relações humanas foi bem discutida por Stuart Hall em sua obra *A identidade Cultural na pós-modernidade*, e por Anthony Giddens<sup>3</sup> em seu livro *Modernidade e Identidade*. Em sua obra, Hall (2006, p.17) apud Laclau (1990, p.40), destaca que:

As sociedades modernas, argumenta Laclau, não têm nenhum centro, nenhum princípio articulador ou organizador único e não se desenvolvem de acordo com o desdobramento de uma única "causa" ou "lei".

A sociedade, não como os sociólogos pensaram muitas vezes, são um todo unificado e bem delimitado, uma totalidade, produzindo-se através de mudanças evolucionárias a partir de si mesma, como o desenvolvimento de uma flor a partir de seu bulbo.

Ela está constantemente sendo "descentrada" ou deslocada por forças fora de si mesma.

As sociedades da modernidade tardia, argumenta ele, são caracterizadas pela "diferença"; elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes "posições de sujeito", isto é, identidades para os indivíduos. Se tais sociedades não se desintegram totalmente não é porque elas são unificadas, mas porque seus

---

<sup>3</sup> GIDDENS, Anthony. *Modernidade e Identidade*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

diferentes elementos e identidades podem, sob certas circunstâncias, ser conjuntamente articulados.

:Mas essa articulação é sempre parcial: a estrutura da identidade permanece aberta. Sem isso, argumenta Laclau, não haveria nenhuma história. (HALL, 2006, p.17, apud LACLAU, 1990, p. 40).

Talvez o texto acima possa responder parcialmente sobre o que se observa nas ruas da cidade de São Paulo, em relação às suas estátuas, pois aquele sentimento que alimentou os produtores de muitas esculturas, oriundos da elite paulistana descendente dos portugueses e bandeirantes, não permaneceu forte com a chegada de grande quantidade de indivíduos de diversas regiões do Brasil e do mundo, que apesar de compartilharem o mesmo espaço territorial na cidade de São Paulo, nem sempre têm suas identidades representadas pelos monumentos erguidos em homenagem aos fundadores do município.

No período que Hall (2006) denomina como pós-modernidade, que abrange o final do século XX, ele destaca que as identidades estão entrando em colapso, causando o que ele chamou de perda de um sentido de si ou deslocamento do sujeito. Este deslocamento do sujeito do seu mundo social e do cultural, segundo Hall (2006), provoca a crise de identidade.

Giddens (2002) corrobora a ideia de que está ocorrendo uma mudança substancial na modernidade, que desloca os indivíduos das suas zonas de conforto, ao afirmar que:

Todos podemos perceber até que ponto a separação de tempo e do espaço é fundamental para o maciço dinamismo que a modernidade introduz nas questões sociais humanas. O fenômeno universaliza aquele "uso da história para fazer história", tão intrínseco aos processos que afastam a vida social moderna das amarras da tradição. Tal historicidade se torna global na sua forma com a criação de um "passado" padronizado e de um "futuro" universalmente aplicável: uma data como o "ano 2000" é um marcador reconhecível para toda a humanidade.

O processo de esvaziamento do tempo e do espaço é crucial para a segunda principal influência sobre o dinamismo da modernidade: o desencaixe das instituições sociais. Escolho a metáfora do desencaixe em deliberada oposição ao conceito de "diferenciação", algumas vezes adotado por sociólogos como meio de contrastar sistemas sociais pré-modernos e modernos. A diferenciação envolve a imagem de uma progressiva separação de funções como, por exemplo, quando modos de atividade organizados de maneira difusa em sociedades pré-modernas se tornam mais especializados e precisos com o advento da modernidade. Sem dúvida, a ideia tem certa validade, mas deixa de captar um elemento essencial da natureza e do impacto das instituições modernas — o "descolamento" das relações sociais dos contextos locais e sua rearticulação através de partes indeterminadas do espaço-tempo. Esse "descolamento" é exatamente o que quero dizer com desencaixe, que é a chave para a imensa aceleração no distanciamento entre tempo e espaço trazido pela modernidade. (GIDDENS, 2002, pp.23-24).

Nas visões de Hall (2006) e Giddens (2002), a modernidade trouxe uma transformação incessante das relações sociais, tornando a identidade do indivíduo algo instável, daí a dificuldade de termos objetos, como é o caso das esculturas espalhadas pela cidade de São Paulo, que possam representar as identidades paulistanas que seguem esta tendência de desagregação e rápida mudança.

### 3. LUGARES DE MEMÓRIA E SUA IMPORTÂNCIA NA PRESERVAÇÃO DA IDENTIDADE

Um dos conceitos importantes nesta pesquisa é o dos lugares de memória que, como foi dito na introdução deste trabalho, é um conceito difundido por Pierre Nora e divulgado através de uma coleção, sob sua organização, finalizada em 1997.

A coleção divide-se em três tomos nomeados como: *La République*, *La Nation* e *Les France*, sendo que para o trabalho proposto nesta pesquisa, a parte mais interessante é a que se propõe a esclarecer o conceito dos lugares de memória, o texto entre memória e história: a problemática dos lugares constante em *La République*.

Neste texto, Nora (1984) esclarece que havia um fenômeno na França, de aceleração da história, que significava uma:

(...) oscilação cada vez mais rápida de um passado definitivamente morto, a percepção global de qualquer coisa como desaparecida — uma ruptura de equilíbrio. O arrancar do que ainda sobrou de vivido no calor da tradição, no mutismo dos costumes, na repetição do ancestral, sob o impulso de um sentimento histórico profundo. (NORA, 1984, p. 7).

Nora (1984, p.7) constata que as comemorações e eventos que despontavam na França buscavam defender a memória e aconteciam muito, pois "fala-se tanto de memória porque ela não existe mais".

Para Nora (1984, p.8), os fenômenos que modificaram o mundo, como a mundialização, a democratização, a massificação e a midiaticização exterminaram muitas das sociedades-memória que asseguravam a preservação e transmissão de valores, como é o caso da Igreja, família, Estado e escola.

O autor é enfático ao dizer: "Se habitássemos ainda nossa memória, não teríamos necessidade de lhe consagrar lugares. Não haveria lugares porque não haveria memória transportada pela história." (NORA, 1984, p. 8).

O trabalho produzido por Nora (1984) e uma grande quantidade de historiadores franceses é uma tentativa de resgate da história francesa ornada com grandes fatos, como a existência de uma monarquia forte e poderosa na Europa, a orquestração e exportação de um modelo de república para o mundo e os avanços em várias áreas do saber que influenciaram toda a humanidade, e no decorrer do trabalho Nora (1984, p.12) tenta esclarecer o que são os lugares de memória:

O estudo dos lugares encontra-se, assim, na encruzilhada de dois movimentos que lhe dão, hoje na França, seu lugar e seu sentido: de um lado, um movimento puramente historiográfico, o momento de um retorno reflexivo da história sobre si mesma; de outro lado, um movimento propriamente histórico, o fim de uma tradição de memória. O tempo dos lugares é esse momento preciso onde desaparece um imenso capital que nós vivíamos na intimidade de uma memória, para só viver sob o olhar de uma história reconstituída. Aprofundamento decisivo do trabalho da história, por um lado, emergência de uma herança consolidada, por outro. Dinâmica interna do princípio crítico, esgotamento de nosso quadro histórico, político e mental, suficientemente poderoso ainda para não nos deixar indiferentes, bem pouco consistente para só se impor por um retorno sobre seus mais evidentes símbolos. Os dois movimentos se combinam para nos remeter de uma só vez, e com o mesmo élan, aos instrumentos de base do trabalho histórico e aos objetos mais simbólicos de nossa memória: os Arquivos da mesma forma que as Três cores, as bibliotecas, os dicionários e os museus com o mesmo atributo que as comemorações, as festas, o Panthéon ou o Arco do Triunfo; o dicionário Larousse e o muro dos Federados. Os lugares de memória são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora. É a desritualização de nosso mundo que faz aparecer a noção.[...]. Museus, arquivos, cemitérios e coleções, festas, aniversários, tratados, processos verbais, monumentos, santuários, associações, são os marcos-testemunhas de uma outra era, das ilusões de eternidade. (NORA, 1984, p.12).

Percebe-se que o conceito de lugares de memória abrange uma infinidade de objetos e eventos, indo das festas aos monumentos, dos arquivos aos santuários, reunindo coisas físicas e imaginárias. A relação entre memória e história fica clara no trecho em que Nora (1984, p. 14) destaca que:

Tudo o que é chamado hoje de memória não é, portanto, memória, mas já história. Tudo o que é chamado de clarão de memória é a finalização de seu desaparecimento no fogo da história. A necessidade de memória é uma necessidade da história.(NORA, 1984, p.14).

Apesar de ser uma grande empreitada e uma contribuição para o pensamento sobre memória e história, apareceram os críticos da ideia dos lugares de memória, e dentre eles pode-se destacar Armele Enders. Enders é doutora em História pela Universidade de Paris IV, Sorbonne, e *maître de conférences* na mesma universidade.

Para Enders (1993, p.132), “lugares de memória” foi uma imensa empreitada, pois possui uma grande dimensão material, haja vista a produção de aproximadamente 6.000 páginas, o tempo de elaboração de dez anos e envolvimento de inúmeros historiadores importantes.

Apesar do tamanho da empreitada, Enders (1993, pp. 132-133) avalia que a tarefa proposta por Pierre Nora era dificultosa, tendo em vista os seguintes aspectos:

- a) A grande quantidade de autores com suas contribuições diversas, envolvidos na produção de *Les lieux de mémoire* dificultou a adequação de cada texto à tentativa de síntese do organizador Nora (1984), ou seja, alguns textos podem ser compreendidos independentemente da obra e sua ideia central;
- b) Os avanços da historiografia francesa no período de 1984 a 1993 mostram que *Les lieux* estava alinhado à atmosfera da França naquele período, mas o uso da expressão “lugares de memória” acabou se vulgarizando, sendo usada comumente para proteção de qualquer tipo de lugar, seja ele turístico ou meramente de interesse dos políticos.

Enders (1993, p.133) destaca que na ânsia de explicar o termo “lugares de memória”, Pierre Nora acaba gerando mais dúvidas ao dizer que tomou emprestado o termo de Cícero e sua figura de retórica do *Locus memoriae*.

Segundo Enders (1993, p. 135), a maior preocupação com o termo empregado na obra de Nora (1984) está na imprecisão, que acaba sendo apresentada pelo autor em algumas partes que tratam do conceito de “lugares de memória”, como pode ser visto na transcrição a seguir:

A imprecisão que aureola a noção de “lugar de memória” é ainda mais preocupante. O “lugar de memória”, na pena de Pierre Nora, possui geometria variável e designa ora objetos, ora o trabalho do historiador. Quando passa ao campo da prática, o historiador Pierre Nora não é mais límpido que o teórico Pierre Nora. Ao que parece, a moral que devemos guardar ao final de seu artigo sobre “geração” é que “a geração” é um lugar de memória porque ela produz lugares de memória! (ENDERS, 1993, p. 135).

Apesar de dar destaque aos números envolvidos na produção de *Les lieux de mémoire*, Enders (1993, p.136) deixa claro que, em sua visão, mesmo sem esta organização conduzida por Pierre Nora, os historiadores estariam produzindo lugares de memória, cada qual no seu ritmo:

Se Les France oferece um florilégio daquilo que os historiadores franceses podem produzir de melhor, não chega, no entanto, a suscitar a mesma boa surpresa dos volumes anteriores. Depois de 1986, um grande número de publicações veio enriquecer nossos “lugares de memória”. O primeiro volume de Les France, intitulado *Conflits et partages* (Conflitos e partilhas), não inova nada além do que foi escrito em *L'Etat et les conflits* (O Estado e os conflitos,

1990) sobretudo por Jacques Julliard, Patrick Fridenson e Emmanuel Le Roy Ladurie, que por sinal colaboraram em *Les lieux de mémoire*.

Pierre Nora confiou a Philippe Burrin, aliás eminente historiador, a missão impossível de fornecer uma nova leitura do regime de Vichy, tema sobre o qual existe uma literatura abundante.

Philippe Burrin não procurou uma originalidade perigosa. De maneira honesta, limitou-se a fazer uma síntese historiográfica dos problemas levantados pelo Estado francês, para em seguida retomar a trilha traçada por Henry Rousso, autor de um livro exemplar sobre a Memória de Vichy. Fica comprovado, portanto, que o "lugar de memória" não é uma nova categoria de "inteligibilidade", e que um número bastante grande de historiadores praticava e continua praticando o "lugar de memória", da mesma maneira como Monsieur Jourdain fazia prosa, ou seja, sem saber. (ENDERS, 1993, p. 136).

Percebemos que mesmo tecendo críticas severas em relação a alguns aspectos, Enders (1993) consegue demonstrar uma preocupação relevante sobre as explicações relativas aos lugares de memória, e na tentativa de precisar o que são estes lugares, Pierre Nora acaba abarcando elementos tão variados, que em alguns momentos podem confundir o leitor e levá-lo a acreditar que qualquer coisa pode ser considerada como lugar de memória, sendo necessário o uso do bom senso para não banalizar este fenômeno.

### 3.1. MONUMENTOS ARQUITETÔNICOS

A construção de prédios e casas é um costume humano antigo, pois as pessoas buscam sempre abrigo contra a natureza; além disso, aqueles que possuem recursos acabam tornando seus imóveis mais opulentos que o dos demais membros de cada sociedade, a fim de ostentar poder e riqueza.

Os indivíduos que detêm poder e riqueza pretendem deixar sua marca no mundo, seja para demonstrar suas qualidades para a comunidade a que pertencem ou para outras sociedades próximas.

Esta atitude pode ser observada, por exemplo, com Péricles, que propôs a construção da Acrópole ateniense, ou com o rei Felipe II da Prússia (atual Alemanha), que construiu o *Sanssouci*, um palácio de verão com arquitetura impecável, e até mesmo em obras mais modestas, como o prédio que abriga o Centro Cultural dos Correios em São Paulo, capital, obra desenhada por Ramos de Azevedo.

**Figura 3 - Centro Cultural dos Correios em São Paulo**



Fonte: Disponível em: [http://www.theodora.com/wfb/photos/brazil/brazil\\_photos\\_04.html](http://www.theodora.com/wfb/photos/brazil/brazil_photos_04.html). Acesso em 22 de jun. 2016.

O monumento arquitetônico serve para glorificar um povo por suas riquezas, conhecimentos e poder, sendo comum ver em países que foram sedes de impérios como, por exemplo, Inglaterra, França, Espanha e Portugal, grandes monumentos que mantêm a história de seus passados gloriosos.

Esta preocupação em erguer monumentos arquitetônicos reluzentes foi um costume que os europeus herdaram dos gregos, que por sua vez herdaram dos povos helenísticos do oriente (atuais turcos e egípcios entre outros).

Os egípcios, gregos e romanos foram povos que ergueram grandes monumentos arquitetônicos, sendo que alguns deles estão em pé até hoje, como é o caso das pirâmides egípcias.

A Idade Média também deixou seu rastro de monumentalidade arquitetônica com as belas catedrais góticas, que buscavam representar uma função da vida eterna e da escala sobre-humana, remetendo as pessoas à cidade de Deus acima da cidade dos homens (BRANDÃO, 2006), o que era uma espécie de sonho da vida que seria maravilhosa após a morte.

Na França, como em outras partes do mundo, é comum a preservação e valorização da monumentalidade arquitetônica, com belos exemplares como a Torre *Eiffel* e a Catedral de *Notre Dame*. No Brasil, um bom exemplo de monumentalidade é a Catedral da Sé, construída na cidade de São Paulo-SP, com início em 1913 e

término 40 anos depois e teve como arquiteto responsável o alemão Maximilian Emil Hehl.

**Figura 4-Frente da Catedral da Sé**



**Fonte:** Disponível em:  
<http://douglasvasconcelos01.blogspot.com.br/2011/05/catedral-da-se-sao-paulo.html>.  
Acesso em: 22. jul. 2016.

No dizer de Brandão (2006):

[...] a arquitetura do monumento não está no monumento – seja ele o palácio, o templo, o museu ou a casa –, mas na aplicação mesma ao ato de construí-lo como o lugar em que o homem presente habita o real (e não o passado ou o futuro) e nele constrói sua verdade e sua salvação enquanto indivíduo inserido num mundo público.

Portanto, a ideia exposta acima por Brandão (2006) nos faz refletir sobre a importância das construções não apenas como obras interessantes, mas sim como representações da vontade humana e da experiência adquirida dentro de uma sociedade em determinado período.

Toda arquitetura tem função pública e este público não deve ser entendido apenas como os vivos, mas também como os nossos antepassados que ajudaram a construir a história e memória relacionados às construções e; os que nos sucederão, para os quais ela também se dirige formando o que temos denominado como republicanismo intergeracional, um pensar no edifício em função da cidade, da vida

e dos homens presentes e reais, além do narcisismo e ostentação (BRANDÃO, 2006) que cria sua verdade acima do real e do presente, valorizando o ineditismo e reluzência, ao invés do uso público.

A função pública da arquitetura é de compartilhar o espaço arquitetônico, tornando-o acessível a todos, e através disso dividir tanto um passado quanto um destino comuns, reunindo a sociedade em torno de uma cultura e costumes habituais, que a diferenciam de uma massa sem qualquer relação que a una.

O modernismo ajudou a trazer uma nova concepção do monumento não apenas como espaço de ação e inclusão, mas também um espaço de contemplação muitas vezes distante da realidade social e não integrada a outras construções das cidades.

Entretanto, a perda de relação com as outras construções da cidade faz com que o dito monumento se transforme somente num produto erudito e descontextualizado.

Para ser contemplada como monumento arquitetônico, a obra precisa das outras construções ao seu redor, porque isto lhe é dado somente pela sua relação com as demais construções e com o restante da cidade real, histórica, imaginária e simbólica habitada. Nenhuma construção pode ser considerada extraordinária a não ser diante do ordinário do dia a dia (BRANDÃO, 2006).

Os primeiros exemplos de monumentos arquitetônicos são os funerários, cujas ruínas pré-históricas chegaram até nós com sua imagem sagrada e transcendental.

A função eminentemente pública, simbólica e religiosa bem demarcada no território onde se desenvolve a vida prática, cotidiana e mortal, com sua construção resultante de esforços das sociedades, torna os monumentos uma expressão máxima de suas vidas e valores maiores, inclusive os técnicos e construtivos.

Os monumentos arquitetônicos têm, ainda, função ética, visto gerarem uma idealidade, uma historicidade e uma universalidade a serem lembradas e presentificadas diante das tarefas e demandas do cotidiano que por vezes provoca o esquecimento (BRANDÃO, 2006). Representam aquilo que deveria ser o espírito, mais do que aquilo que somos na nossa vida prática, e se não existissem os monumentos, os acontecimentos do passado dificilmente poderiam ser recompostos dentro da significação que lhes dá uma dimensão histórica, haja vista que nossa

historicidade muitas vezes só aparece quando é observada a figura do monumento e o fundo das demais construções.

Desta maneira, os monumentos – como a acrópole de Péricles, a catedral medieval, o *Duomo* florentino, o palácio comunal renascentista, a Torre Eiffel – iluminam as demais construções e partes das cidades e fazem projetar sobre elas a cultura do todo, da coletividade, a identidade abordada neste trabalho.

Para alguns pesquisadores, o monumento é a morada ideal e comum que as pessoas habitam, o lugar onde o espírito coletivo e do tempo fazem-se construção e para estes estudiosos existem monumentos quando, antes de pretender o grandioso ou a beleza, construímos um modelo espiritual e diante dele balizamos nossas ações e valores cotidianos.

Portanto, afirma-se que um certo prédio é um monumento de arquitetura ou que uma determinada obra é um monumento da literatura ou que aquela mulher é um verdadeiro monumento de beleza, quando pretendemos afirmar que eles representam um ideal de arquitetura, de literatura e de beleza, referências difíceis de exprimir em poucas palavras (BRANDÃO, 2006).

Trata-se de figuras que se projetam sobre o fundo dos demais livros, edifícios e corpos femininos, porém, só enxergamos isso quando observamos esta relação recíproca e em mútua dependência, em que um faz o outro brilhar.

Então, o monumento arquitetônico resume-se a uma obra construída por motivos simbólicos e/ou comemorativos, levando em conta, ainda, a utilização funcional e servindo ao duplo objetivo de comemorar acontecimentos relevantes, ou homenagear figuras importantes para uma cidade ou local, além de destacar o arquiteto/artista que a produz.

### **3.2. MONUMENTOS ESCULTÓRICOS (ESTÁTUAS)**

No capítulo anterior dissemos que a arte pode ser definida como habilidade para se produzir algo, mas mais do que isso, é uma forma de expressão que membros de uma sociedade (artistas) utilizam para demonstrar suas ideias e sentimentos, compartilhando-os com os demais membros de uma cultura.

Após a análise das definições sobre arte, podemos chegar ao entendimento de que a arte é o meio pelo qual o homem expressa suas ideias e sentimentos

superando os limites da sua existência, porquanto o indivíduo é mais do que um corpo de carne e osso, e além de comer e beber, o homem precisa sonhar e ir além, o que consegue por meio da arte.

Como foi dito, a arte possui diversas formas de expressão, como a pintura, a poesia, o teatro, a escultura. A escultura é uma expressão da arte que utiliza materiais como argila, aço, ferro, bronze, pedra-sabão e concreto para dar forma a representações de pessoas, animais, deuses mitológicos, santos católicos, entre outros.

Coli (1995, pp. 20-21) destaca algo interessante e impensável, que vai ao encontro da ideia nesta pesquisa, de que nem sempre o que chamamos de obras de arte, seja em esculturas ou arquitetura, foi aceito como tal pela sociedade, o que nos remete ao tema desta pesquisa, que procura observar as discussões em jornais sobre monumentos. Coli (1995) prossegue explicando:

As catedrais góticas que tanto admiramos hoje, a escultura, os vitrais e a pintura da Idade Média, foram execradas pelos homens da Renascença e dos séculos seguintes, até que os românticos e alguns teóricos do século passado, como Violet-le-Duc, interessaram-se por elas e demonstraram seu valor. O barroco, o maneirismo, o art nouveau, o neoclassicismo, entre outros grandes movimentos da história da arte, conheceram trajetórias de forte oscilação entre o interesse e o desprezo.

São tantas as flutuações no tempo dos vários juízos sobre as artes, tantos os meandros traçados pelo que os italianos chamam de fortuna crítica, isto é, pelos julgamentos da posteridade, que não sabemos mais a que nos ater. Por vezes, uma obra, um autor, parecem inabaláveis, como Homero, e eis que um grande nome da cultura, como Valéry ou Gide, traduzindo uma corrente de opinião, surge para afirmar que a *Ilíada* é insuportavelmente entediante.

Com estes exemplos colhidos um pouco ao acaso, já podemos chegar a uma constatação deprimente: a autoridade institucional do discurso competente é forte, mas inconstante e contraditória, e não nos permite segurança no interior do universo das artes (COLI, 1995, pp.20-21).

As esculturas são uma das formas de arte mais antigas e têm uma história rica que vai até algumas das civilizações mais precoces. Contudo, como em outras formas de arte, os estilos de esculturas têm mudado e diversificado em diferentes tipos que refletem a prevalência das tendências de um período.

Hoje existem muitas formas de esculturas. Elas podem se sobrepor, mas existem diversas categorias distintas em que esculturas mais modernas e clássicas podem ser divididas.

Na linha do tempo na história da arte do Museu Metropolitano de Artes *Heilbrunn*, nos Estados Unidos, segundo Reynolds<sup>4</sup>, as esculturas em relevo são "*esculturas que se projetam em graus variados a partir de um fundo bidimensional*". As esculturas em relevo estão próximas das formas mais antigas de arte esculpida.

As esculturas em relevo são divididas em três tipos, baseados em quão longe das outras duas dimensões do fundo a escultura se levanta. O baixo relevo, como pressupõe o nome, tem graus baixos de relevo a partir da base e é presente na superfície de edifícios famosos, como o *Parthenon* na Grécia.

As esculturas de alto relevo, para *Crafty Art World*<sup>5</sup>, possuem um grau maior de relevo; elas emergem da base de fundo plana, como as obras das épocas faraônicas em seus templos no Egito. As esculturas de relevo cavado são, na realidade, esculpidas na própria base e têm um grau negativo de relevo.

A escultura livre em pé, também conhecida como escultura na rodada, provavelmente representa a forma de escultura mais reconhecível para as pessoas modernas. As esculturas livres em pé são qualquer trabalho do gênero que pode ser visto de qualquer ângulo quando em um pedestal. Esse tipo de obra inclui alguns dos trabalhos mais famosos de escultura através dos tempos: os trabalhos de estátuas das eras gregas, romanas, medieval e clássica, inclusive o David de Michelangelo.

Outro trabalho ainda mais antigo de escultura livre em pé é o Hércules de Glykon, estátua encontrada nas termas de *Caracalla*, em Roma.

Na era moderna, as estátuas e esculturas livres em pé ainda estão sendo usadas para glorificar as realizações e legados importantes de famosas figuras históricas.

Uma das mais famosas estátuas de George Washington foi esculpida por Horatio Greenough em 1840 e agora permanece dentro do Museu de História e Tecnologia *Smithsonian* em Washington, D.C., nos Estados Unidos.

A escultura cinética é uma arte livre em pé, que se move por força mecânica ou pela força do vento ou da água. As fontes são um formato de esculturas

---

<sup>4</sup> REYNOLDS, Shannon. Traduzido por Felipe Grabarz. EHOW BRASIL. *Quatro tipos diferentes de esculturas artísticas*. Disponível em: <[http://www.ehow.com.br/quatro-tipos-diferentes-esculturas-artisticas-info\\_264390/](http://www.ehow.com.br/quatro-tipos-diferentes-esculturas-artisticas-info_264390/)>. Acesso em: 17 fev., 2016.

<sup>5</sup> CRAFTY ART WORLD. *Sculpture: Definition, Types – Statues, Reliefs*. Disponível em: <<http://www.visual-arts-cork.com/sculpture.htm>>. Acesso em: 17 fev., 2016.

cinéticas, embora nesse caso especial a escultura não é movida por água, mas vive entre formas e formatos da água, uma vez que dispõe um arco ao longo e através do ar.

Outra forma mais moderna de escultura é conhecida como escultura de samblagem, na qual as peças são esculpidas juntas a partir de itens encontrados ou escavados que têm pouca ou nenhuma relação entre si. Os *sítes* de diálogos de arte contemporânea definem arte de samblagem como: esculturas não tradicionais, feitas ao recombina objetos encontrados.

Alguns desses objetos são lixos da rua e esses pedaços abandonados de detritos são colocados juntos em arranjos de formas atraentes para o artista, e então apresentados a seu público para despertar pontos de vista e certas reações.

As colagens são um tipo de representação bidimensional de esculturas de samblagem. A arte da escultura não é algo moderno, pois muitos foram os artistas que trabalharam com este tipo de arte, tais como Fídias (490-430 a.C.), Donatello (1386-1466), Michelangelo (1475-1564) e Auguste Rodin (1840-1917), entre outros. Neste trabalho, os escultores das estátuas que foram destacadas em notícias dos jornais foram:

**Tabela 1. Escultores brasileiros com estátuas destacadas em notícias controversas nos jornais.**

NOME	QUEM ERA	VIVEU	ESCULTURAS
Victor Brecheret	escultor	1894-1955	Monumento às Bandeiras
Tomie Ohtake	escultora	1913-2015	Monumento 80 anos da Imigração Japonesa, Quatro Estações, Ultramarinho e Ondas
Luiz Brizzolara	escultor	1868-1937	Fonte dos desejos, Poesia e Monumento a Rui Barbosa
Júlio Guerra	escultor	1912-2001	Borba Gato
Gláucio San	escultor	Não se aplica	Mônica
Nicolina Vaz de Assis Pinto do Couto	escultora	1874-1941	Fonte Monumental
Giandomenico de Marchis	escultor	1893 / 1967	Conde Matarazzo
William Zadig	escultor	1884-1952	O idílio (Beijo eterno)

Fonte: o autor (2016).

Na cidade de São Paulo, de acordo com o *site* Monumentos de São Paulo, existem 478 monumentos em lugares públicos e entre os escultores com maior número de obras estão Victor Brecheret (1894-1955) e Tomie Ohtake (1913-2015). Tomie Ohtake produziu diversas obras como: Monumento 80 anos da Imigração Japonesa, Quatro Estações, Ultramarinho e Ondas (figura a seguir).

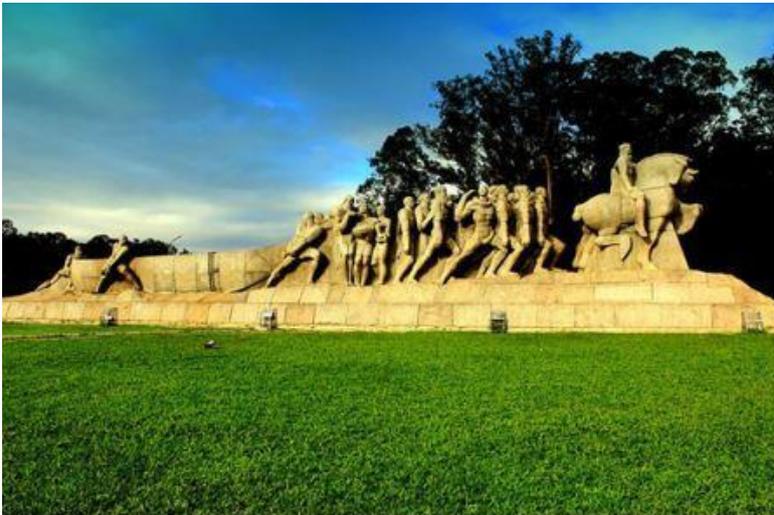
**Figura 5-Escultura de Ondas**



Fonte: Huffpost Brasil. Monumento à Imigração Japonesa, Avenida 23 de Maio. Foto de Rosanna Ruttinger/CON via Getty Images. Disponível em: <[http://www.brasilpost.com.br/2015/02/12/sao-paulo-tomie-ohtake\\_n\\_6671410.html](http://www.brasilpost.com.br/2015/02/12/sao-paulo-tomie-ohtake_n_6671410.html)>. Acesso em: 17 fev. 2016.

Victor Brecheret se destacou com diversas obras, tais como: Depois do Banho, Duque de Caxias, Eva, Fauno, Graça um, Graça dois, Grande Anjo e Monumento às Bandeiras (ver figura 6), sendo este último o mais conhecido e é símbolo da cultura paulista.

**Figura 6-Monumento às bandeiras**



Fonte: Parque do Ibirapuera – conservação-Uma associação de amigos do parque. Monumento as bandeiras. Disponível em: <http://www.parqueibirapuera.org/areas-externas-do-parque-ibirapuera/monumento-as-bandeiras/>. Acesso em: 17/2/2016. Foto de Henrique Boney, 2012.

### **3.3. CIDADANIA CULTURAL**

Neste momento faz-se necessário comentar sobre dois conceitos necessários ao entendimento do contexto de produção da arte em boa parte dos países ocidentais, os quais são: democracia e cidadania.

É importante compreender em que ambiente o monumento é produzido, porque é de se esperar que em um ambiente democrático com participação dos cidadãos, as expressões artísticas por meio das diversas vertentes como literatura, escultura, arquitetura, entre outras, possam florescer com tranquilidade, sem perseguições.

Antes de discutir a respeito das relações entre democracia e cidadania, é necessário explanar sobre o significado destes termos e suas relações, começando pela palavra democracia.

Democracia vem do termo *Demokratia* – palavra grega composta por *demos*, que quer dizer povo, e *kratia*, originária de *kratos*, que significa governo, força ou potência de dominação. Literalmente, democracia significa governo do povo.

Surgiu na Antiguidade clássica, em Atenas, na Grécia, para designar a forma de governo que caracterizava a administração política dos interesses coletivos dos habitantes das cidades-estados. Na Idade Média, o termo caiu em desuso e só reapareceu por volta do século XVIII, durante as revoluções burguesas que eclodiram no mundo ocidental.

No século XX, a democracia voltou a ser objeto de grande interesse e isto ocorreu principalmente a partir da década de 1950, quando as sociedades ocidentais haviam passado por períodos de violência armada entre vários Estados, em decorrência das duas guerras mundiais.

Embora existam pequenas diferenças nas várias democracias, certos princípios e práticas distinguem o governo democrático de outras formas de governo e, para Carvalho (2015), uma delas é que na democracia o povo exerce a soberania; é o sistema político em que os cidadãos elegem os seus dirigentes por meio de eleições periódicas e normalmente existe uma imprensa livre.

O processo de consolidação de uma democracia é longo e está em constante transformação. No caso brasileiro, o trabalho para se consolidar a democracia foi reforçado a partir do final da ditadura militar no ano de 1985, sendo que uma das marcas deste período foi o emprego intenso das expressões cidadão e cidadania.

Apesar de boa parte da população não possuir garantia de liberdade, de participação, de segurança, de desenvolvimento, de emprego e justiça social, os

quais realmente os tornariam cidadãos de fato, o uso desta expressão se tornou popular, batizando, inclusive, a nova Carta Magna elaborada em 1988, como a Constituição Cidadã. No Brasil, segundo Carvalho (2015), o processo vem se organizando lentamente:

O exercício de certos direitos, como a liberdade de pensamento e o voto, não gera automaticamente o gozo de outros, como a segurança e o emprego. O exercício do voto não garante a existência de governos atentos aos problemas básicos da população. Dito de outra maneira: a liberdade e a participação não levam automaticamente, ou rapidamente, à resolução de problemas sociais. Isto quer dizer que a cidadania inclui várias dimensões e que algumas podem estar presentes sem as outras. Uma cidadania plena, que combine liberdade, participação e igualdade para todos, é um ideal desenvolvido no Ocidente e talvez inatingível. Mas ele tem servido de parâmetro para o julgamento da qualidade da cidadania em cada país e em cada momento histórico. (CARVALHO, 2015, pp.14-15).

Ainda, o autor destaca que é comum dividir a cidadania em direitos civis, políticos e sociais, acreditando-se que o cidadão integral seria aquele que possui os três direitos. De forma esclarecedora, Carvalho explica que os três direitos podem ser resumidos da seguinte forma:

a) Direitos civis: referem-se aos direitos fundamentais à liberdade, à propriedade, à vida, à igualdade diante da lei, os quais podem ser desdobrados em: garantia de ir e vir, de organização, de escolha do trabalho, de manifestação do pensamento, de não ser preso a não ser pela autoridade competente e de acordo com as leis em vigor, de ter respeitada a inviolabilidade do seu lar e da sua correspondência; e ser condenado somente após um processo legal regular. Estes direitos pressupõem a independência da justiça, além de sua eficiência e facilidade no acesso para toda a sociedade, garantindo as relações entre as pessoas e um ambiente propício ao desenvolvimento socioeconômico;

b) Direitos sociais: são aqueles que garantem a distribuição da riqueza entre as esferas da sociedade, incluindo itens como: o direito ao trabalho, à educação, à aposentadoria, ao salário justo e à saúde de qualidade. Os direitos sociais dependem de uma administração pública eficiente, distante dos exemplos comuns no Brasil, de má gestão do dinheiro público;

c) Direitos Políticos: trata-se daqueles ligados à participação do cidadão no governo da sociedade, tendo como premissas a capacidade de fazer demonstrações políticas, de votar e ser votado, poder organizar partidos, entre outras. Os Direitos

Políticos têm como base a existência de partidos políticos atuantes e um parlamento livre e representativo, os quais dão legitimidade à organização política da sociedade.

Carvalho (2015) continua sua análise explicando que a educação é fundamental para que o indivíduo possa exercer sua cidadania, pois auxilia os indivíduos na compreensão de seus direitos e em sua organização para cobrar das autoridades ações para promoção da liberdade, justiça social, desenvolvimento socioeconômico, etc. O autor destaca que, em geral, o processo de cidadania se inicia com a aquisição dos direitos civis.

O indivíduo de posse de seus direitos civis tem liberdade para pensar, agir e manifestar suas opiniões e escolhas; com isso o indivíduo começa a exercer seus direitos políticos e participar das decisões que impactam sua vida e de sua sociedade e, finalmente, a participação política possibilita a reivindicação dos direitos sociais a fim de melhorar a qualidade de vida do indivíduo e da comunidade em que está inserido. Para o pesquisador Ortiz (2013, p. 611):

A esfera política é essencial, o Estado-nação configura um tipo de organização no interior do qual se exprime uma comunidade de cidadãos, a ideia de cidadania é um dos elementos-chave na sua definição. Sublinho, entretanto, a dimensão integradora, a nação é um todo integrado, totalidade capaz de vincular as pessoas no interior de um mesmo território, de um mesmo mercado (o mercado nacional emerge apenas com a Revolução Industrial), de um Estado cujas normas são legítimas para todos. Em termos durkheimianos diríamos: ela consiste numa consciência coletiva que aproxima os indivíduos de uma coletividade, cria vínculos sociais, soldando-os entre si. A ideia de totalidade é importante, vamos encontrá-la também nos escritos dos pensadores românticos alemães. Ao considerar a existência do “espírito de um povo”, sua “alma”, Herder, um dos precursores do movimento, considerava que cada um deles constituía uma civilização-organismo, uma unidade singular. Os habitantes de determinada sociedade estariam vinculados pela história, língua, religião, pelas disposições espirituais.

Para que as nações sejam idênticas a si mesmas e diferentes umas das outras é necessário que o ideal de integração se realize, ele agrega aquilo que se encontraria disperso. O espírito nacional é um índice, um emblema de algo que o transcende.

Um exemplo: o debate em torno da cultura popular. Quando os irmãos Grimm pesquisam em Kassel sobre os contos populares, eles utilizam como informante esta “fabulosa” mulher que repetia de cor, e sempre da mesma maneira, as histórias que conhecia. O relato fornecido seria representativo do saber popular na sua inteireza, sendo preservado e transmitido através das gerações. Para isso era necessário uma virtude especial, o anonimato do relator, esta era a condição que garantiria a fiabilidade do que estava sendo contado. O informante e o pesquisador (os Grimm) seriam simples mediadores entre a verdade autêntica e sua revelação, não teriam qualquer interferência no processo de coleta ou divulgação das informações. Os contos, em sua pureza secular, são um índice, isto é, o traço material no qual repousariam as inclinações do espírito alemão. (ORTIZ, 2013, p. 611).

Depreende-se do texto de Ortiz (2013), que a ideia de totalidade ou identidade é necessária para que uma civilização compartilhe um modo de vida, e fatores como história, língua e religião ajudam a unir as pessoas em torno de uma identidade; contudo, a cidadania acrescenta ao caráter da identidade as obrigações e direitos definidos pelas leis.

No caso do Brasil, Carvalho (2015) assegura que em muitos momentos houve ênfase em direitos sociais para suprir a falta dos outros direitos (políticos e civis), ou seja, houve manipulação dos recursos públicos para se promover direitos sociais, como moradia, transporte, saúde, educação, previdência social e trabalho, a fim de calar a população e principalmente os grupos que poderiam se manifestar contra a redução dos direitos civis e políticos. Isso foi comum, principalmente nos governos militares e durante os governos populistas, como os de Getúlio Vargas e João Goulart.

Carvalho (2015) é enfático ao afirmar que na visão de um progresso da cidadania, houve apenas uma mudança relevante no período de 1822 a 1930, que foi a Abolição da Escravidão em 1888, porque a Abolição incluiu os ex-escravos aos direitos civis, mesmo que de forma parcial. Entretanto, o autor alerta que a incorporação foi mais formal do que real, pois os negros ganharam a liberdade, mas diferente do que foi oferecido para alguns dos imigrantes, não receberam terras ou qualquer apoio governamental para melhorarem sua condição de vida e ajudarem no desenvolvimento da nação.

Desde seu nascimento, o Brasil fez parte de um projeto de conquista de povos seminômades, na idade da pedra polida, por europeus detentores de tecnologia muito mais avançada, que dominaram e exterminaram, pela guerra, pela escravização e pela doença, milhões de indígenas, além de explorarem as riquezas naturais como o pau-brasil, com o apoio mútuo entre o governo colonial e seus aliados particulares. Para Carvalho (2015):

[...] escravidão e grande propriedade não constituíam ambiente favorável à formação de futuros cidadãos. Os escravos não eram cidadãos, não tinham os direitos civis básicos à integridade física (podiam ser espancados), à liberdade [...].

Depois de duas décadas de ditadura (1964-1984) voltou-se a organizar a democracia no Brasil, e após o governo Sarney (1985-1990), vice de Tancredo

Neves, ganhou as eleições Fernando Collor de Mello, em 1990, que tentou combater a inflação com o confisco do dinheiro depositado nos bancos, o que não gerou o resultado pretendido, e somado com a crise política pelas acusações de desvio dos recursos públicos culminou no processo de impeachment de Fernando Collor.

Assumiu a presidência da República Itamar Franco (1930-2011), político de Minas Gerais que organizou uma equipe econômica liderada pelo sociólogo Fernando Henrique Cardoso no ano de 1994, a qual obteve êxito no combate à inflação por meio das medidas adotadas no Plano Real, como a definição de uma unidade referencial de valor, a URV (Universidade Referencial de Valor), para indexar todos os preços da economia brasileira e a criação e transição para a nova moeda, o Real. Benevides (1994) também contribui para o entendimento da temática cidadania e democracia, afirmando que:

O debate sobre a "questão da cidadania" permanece associado, na teoria e na prática, e para o bem ou para o mal, à discussão sobre as virtualidades e perspectivas da consolidação democrática no Brasil. Muito já se escreveu sobre a ausência de cidadania — no sentido de consciência e fruição de direitos — e até mesmo sobre a ausência de "povo" em nosso País. Discutiram-se características da cidadania excludente ou "regulada" (mais vinculada aos direitos sociais ou trabalhistas), assim como sobre o conjunto de obstáculos à extensão da cidadania, decorrentes de nossa tradição oligárquica, autoritária, populista e corporativista. No campo dos direitos políticos do cidadão, é bem conhecida a crítica à representação e ao sistema eleitoral.

O tema tem sido, sem dúvida, frequentemente debatido, dentro e fora das instituições acadêmicas. Creio, portanto, que a contribuição que poderia trazer, neste momento, consiste em levantar indagações sobre a Citizenship and democracy, disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010264451994000200002&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010264451994000200002&script=sci_arttext) 2/7 e a própria noção de cidadania e, mais especificamente, sobre dois temas correlatos:

1. o aperfeiçoamento dos direitos políticos do cidadão pela implementação de mecanismos de democracia direta, como referendo, plebiscito e iniciativa popular, acolhidos na nova Constituição brasileira;
2. a educação política do povo, como elemento (BENEVIDES, 1994, p.5).

No contexto brasileiro, Benevides (1994) afirma que existem críticas à representação devido aos seguintes pontos:

1. a extrema privatização da política, resultado da permanência de um Estado patrimonialista e no qual predominam as relações da conciliação, do coronelismo e do clientelismo em suas variadas formas;
2. a valorização excessiva das eleições para os cargos executivos, em detrimento do Legislativo, o que reforça o peso e o sucesso relativo das práticas populistas nos diversos tipos de salvacionismo (o sebastianismo redivivo) e de relações de favor, de tutela, de outorga, de "cidadania passiva", enfim;

3. o monopólio da representação pelos partidos políticos, o que agrava os problemas decorrentes da fragilidade ideológica e programática dos partidos, levando à crença na sua indiferenciação, *Citizenship and democracy*: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010264451994000200002&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010264451994000200002&script=sci_arttext) 5/7amorfismo e oportunismo, crença, aliás, confirmada por repetidas pesquisas de opinião pública;
4. a irresponsabilidade do representante perante o representado, não apenas em relação ao programa partidário, mas também em relação às promessas das campanhas eleitorais (e inexistem, ainda, remédios eficazes para corrigir essa irresponsabilidade) (BENEVIDES, 1994, p.5).

No texto acima, Benevides (1994) tece alguns comentários, os quais atribuem a membros da sociedade que enxergam alguns pontos que necessitam de melhoria na democracia, para que este processo possa representar de fato o povo e atenda às suas necessidades. Continuando, o autor acrescenta mais alguns itens que julga importantes no desenvolvimento da democracia e da cidadania:

5. a representação proporcional distorcida, que leva à sobre-representação dos Estados mais "atrasados" politicamente — e, portanto, com forte tendência ao governismo e à manipulação do eleitorado — em detrimento dos Estados mais populosos e mais "adiantados", em termos de informação e participação política;
  6. o sistema eleitoral insuficiente (incluindo a justiça eleitoral) para controlar eficazmente o abuso do poder econômico nas campanhas, o abuso dos poderes públicos, a propaganda nos meios de comunicação de massa e os lobbies disfarçados no Legislativo.
- Em termos mais gerais, a representação no Brasil permanece, efetivamente, uma representação no sentido teatral: a representação do poder diante do povo e não a representação do povo diante do poder. Nesse sentido, afasta-se da ideia de democracia como soberania popular. Na ausência de mecanismos de controle sobre o representante — como os vários tipos de mandato imperativo ou de recall, que vão da simples advertência à perda do mandato — como proceder? Esta é uma discussão em aberto e que provoca indagações sobre: os limites do mandato livre e fiduciário; a fidelidade partidária; a divulgação ampla da atuação do representante e, sobretudo, a criação e consolidação de mecanismos de democracia semidireta, que atuariam como corretivos à representação tradicional (BENEVIDES, 1994, p.8).

Esta crise de participação na democracia acabou dificultando a obtenção da figura de cidadão pela população. Nas maiores cidades isso é perceptível pela grande quantidade de moradores cuja origem está no Norte e no Nordeste do Brasil, que acabam vivendo em condições difíceis e sem os direitos que os auxiliariam a adquirir uma verdadeira cidadania.

Esta ausência de cidadania é perceptível em grandes cidades brasileiras como, por exemplo, a cidade de São Paulo, onde inúmeros moradores têm origens e culturas variadas e nem sempre se identificam com os personagens homenageados por meio dos monumentos urbanos.

Passamos então a pensar em um modo mais particular de cidadania após o advento da democracia no mundo e no Brasil, o que é classificado como cidadania cultural.

Entendemos por cultura um conjunto de características relacionadas ao modo de agir e pensar comuns a um dado grupo de indivíduos, distinguindo-os de outros grupos humanos, as quais podem ser estudadas e compreendidas por conceituações distintas dentro das ciências, como a antropológica e a historiográfica. Iniciando pela visão antropológica, podemos citar o conceito de cultura do antropólogo brasileiro Laraia (2001, p.59) que:

[...] informa que apesar das divergências entre as opiniões dos pesquisadores, há quatro pontos de consenso em relação à definição do que é cultura, a saber: a) culturas: trata-se dos sistemas (de padrões de comportamento socialmente transmitidos) que servem para adaptar as comunidades dos homens às suas condições biológicas, sendo que o modo de vida das comunidades inclui tecnologias e meios de organização econômica, padrões de estabelecimento, de agrupamento social e organização política, crenças e práticas religiosas, etc.; b) mudança cultural é basicamente um processo de adaptação que equivale à seleção natural, ou seja, o homem é um animal, assim, precisa manter uma relação adaptativa com o meio circundante para alcançar a sobrevivência. Apesar de o homem conseguir esta adaptação por meio da cultura, o processo é conduzido pelas mesmas regras de seleção natural que comandam sua adaptação biológica; c) a economia de subsistência, tecnologia e os elementos da organização social ligados à produção formam o domínio mais adaptativo da cultura. Neste domínio normalmente se iniciam as mudanças adaptativas que depois se espalham. Existem, todavia, divergências sobre como opera este processo, as quais podem ser percebidas nas posições do materialismo cultural, termo criado por Marvin Harris, na dialética social dos marxistas, no evolucionismo cultural de Elman Service e entre os ecologistas culturais, como Steward; d) os pressupostos ideológicos dos sistemas culturais podem ter resultados adaptativos no controle da população, da subsistência, da manutenção do ecossistema, etc. (LARAIA, 2001, p. 59).

Já Roger Chartier (1995), historiador francês, traz uma contribuição maior sobre o conceito de cultura, ao destacar que ela pode ser usada para dividir os conhecimentos em erudito e popular, trazendo à tona o conceito de cultura popular. Para Chartier (1995):

A cultura popular é uma categoria erudita. Por que enunciar, no começo de uma conferência, tão abrupta proposição? Ela pretende somente relembrar que os debates em torno da própria definição de cultura popular foram (e são) travados a propósito de um conceito que quer delimitar, caracterizar e nomear práticas que nunca são designadas pelos seus atores como pertencendo à "cultura popular". Produzido como uma categoria erudita destinada a circunscrever e descrever produções e condutas situadas fora da cultura erudita, o conceito de cultura popular tem traduzido, nas suas múltiplas e contraditórias acepções, as relações mantidas pelos intelectuais ocidentais

(e, entre eles, os scholars) com uma alteridade cultural ainda mais difícil de ser pensada que a dos mundos "exóticos".

Assumindo o risco de simplificar ao extremo, é possível reduzir as inúmeras definições da cultura popular a dois grandes modelos de descrição e interpretação. O primeiro, no intuito de abolir toda forma de etnocentrismo cultural, concebe a cultura popular como um sistema simbólico coerente e autônomo, que funciona segundo uma lógica absolutamente alheia e irredutível à da cultura letrada. O segundo, preocupado em lembrar a existência das relações de dominação que organizam o mundo social, percebe a cultura popular em suas dependências e carências em relação à cultura dos dominantes. Temos, então, de um lado, uma cultura popular que constitui um mundo à parte, encerrado em si mesmo, independente, e, de outro, uma cultura popular inteiramente definida pela sua distância da legitimidade cultural da qual ela é privada.

Estes dois modelos de inteligibilidade, portadores de estratégias de pesquisa, de estilos de descrição e de propostas teóricas completamente opostas, atravessaram todas as disciplinas que pesquisam a cultura popular, seja a história, a antropologia ou a sociologia (CHARTIER, 1995, pp.179-180).

Ortiz (2013, p. 611) também demonstra o conceito de cultura de uma forma simplificadora, informando que:

A ideia de cultura encontra-se também vinculada às transformações ocorridas ao longo do século XIX. O termo se autonomiza, isto é, separa-se de sua conotação anterior, dizia-se agricultura, para constituir uma esfera específica da vida social. Raymond Williams tem razão ao dizer que antes ele referia-se sobretudo a "algo que crescia naturalmente", falava-se em cultura de alguma coisa (por exemplo, do trigo), o novo significado irá considerá-la como algo em si. No entanto, ele irá desenvolver-se em direções distintas. Uma primeira acepção encontra-se associada ao domínio das artes, do que seria culto e cultivado. Neste caso, a noção de totalidade não se aplica. O vocábulo arte no latim e no grego antigo estava vinculado a um fazer, por exemplo, à carpintaria ou à cirurgia. Ele significava ofício, artesanato. No século XVII, o termo começa a se especializar associando-se às "belas artes". Porém é no XIX que a frase "beaux arts" ou "belli arti" é abreviada para o singular "arte", os artefatos dos "trabalhos de arte" transmutam-se assim em "objeto de arte", resultado da criação "genial" de alguns indivíduos. Lembro que a autonomização do mundo artístico implica uma separação em relação às concepções "materialistas" e "utilitaristas" da esfera produtiva. Os artistas se fazem contra a ideologia burguesa de produtividade e de utilidade das coisas, eles querem distanciar-se do mundo fabril, inaugurando um espaço inteiramente à parte.

No texto acima, Ortiz (2013, p. 611) explica que a cultura teve uma evolução em sua interpretação, que surgiu como uma explicação do processo de crescimento natural da lavoura e passou a definir o domínio da arte, arte esta entendida como produto da genialidade de alguns indivíduos. Prosseguindo, Ortiz (2013, p. 611) acrescenta que a arte esteve ligada em seu início aos boêmios que procuravam uma nova visão além da visão capitalista:

Os boêmios inventam uma arte de viver em ruptura com os valores burgueses, sua intenção é cultivar as disponibilidades estéticas, retirá-las da órbita “capitalista”, encerrando-as no universo do sublime, do inefável. O “bom gosto” refletido na escolha dos objetos (ópera, literatura, música clássica, pintura, escultura) é justamente o que distingue os indivíduos uns dos outros, somente alguns conseguem desfrutá-lo. Haveria, portanto, uma distância entre aqueles que partilham o universo da arte e os incultos que fazem parte da multidão (Baudelaire considera a fotografia uma deturpação da arte pela multidão).

A cultura reveste-se, porém, de outro significado ao associar-se à problemática do nacional, adquire agora uma dimensão agregadora. Se os membros de uma população territorial encontram-se separados pela distância geográfica, pela origem de classe, pelo fato de serem cidadãos ou camponeses, um mesmo conjunto deve envolvê-los para que façam parte de uma unidade comum. A cultura é a consciência coletiva que vincula os indivíduos uns aos outros. Por isso Otto Bauer define a nação como uma “comunidade cultural”, ela deve preservar os traços de seu passado histórico, sua herança, e transmiti-la para as próximas gerações (daí a importância do papel da escola). A noção de totalidade pode ser ainda encontrada na definição que Tylor faz de cultura:

“a complex whole which includes knowledge, belief, art, law, morals, custom and any other capabilities and habits acquired by man as a member of society”. Como se percebe, a ideia de um todo integrado, posteriormente explorado pela escola culturalista norte-americana (Boas e seus discípulos), é decisiva. Há, portanto, uma afinidade entre os conceitos de cultura e nação (o que não significa que sejam idênticos), eles recobrem uma realidade que pode ser apreendida através de uma perspectiva holística. O todo remete-nos a uma cultura que pode ser representada através de um emblema, a identidade, ou melhor, como se dizia antes, o caráter nacional (ORTIZ, 2013, p.611).

Para Ortiz (2013), a conotação da arte como fazer foi reconstruída pelos artistas que buscavam algo além da produtividade e obrigação de dar uso aos bens, pregada pelo capitalismo. Tanto arte quanto cultura ganharam uma nova significação, a primeira ligando-se à construção de bens que não necessariamente serviam a um uso específico, mas sim à contemplação da estética, da simetria, entre outras qualidades, e a segunda passou a designar, ao invés de ato de plantar e colher vegetal, o conjunto das manifestações artísticas valorizadas por uma sociedade por meio da pintura, música, teatro, literatura, arquitetura e escultura, entre outras. Portanto, a cultura se apresenta de forma diferente e peculiar em cada região do planeta e até mesmo dentro de nações como o Brasil, percebemos as múltiplas características culturais em cada estado. No caso brasileiro, vemos uma enorme quantidade de elementos regionais que dão cor às culturas regionais brasileiras e à diversidade cultural que outras nações enxergam em nosso território.

São Paulo, que é uma metrópole que recebeu pessoas de várias regiões do mundo e de diversos Estados do Brasil, apresenta os fragmentos das diversas

culturas em seu território. Temos na cidade de São Paulo o bairro da Liberdade, onde são observadas lojas com produtos japoneses, lamparinas comuns às cidades do Japão; no bairro do Bexiga podemos escolher os mais diversos pratos da culinária italiana, além de assistir a festas com comidas e danças típicas da Itália, assim como ter acesso aos pratos típicos do Nordeste brasileiro no Centro de Tradições Nordestinas, na zona sul de São Paulo. A multiplicidade cultural se manifesta nos sabores, nas cores, artesanato, músicas, literatura, sotaques e idiomas que observamos nas ruas de São Paulo.

Podemos compreender que o sentimento de pertencimento dos imigrantes em relação aos personagens e histórias representados pelos monumentos escultóricos da cidade de São Paulo, seja um dos motivos que expliquem as más condições de conservação e falta de cobrança da população às autoridades, a fim de adotarem ações para preservá-los, ou a divulgação da sua história e seu uso como atrativo no turismo, como é feito por cidades como Paris (França). Em visita ao centro da cidade de São Paulo, especificamente à Praça Ramos de Azevedo, ao lado do Vale do Anhangabaú, podem-se observar as pichações e a sujeira que atingem os monumentos, o que pode ser conhecido através das figuras 7, 8 e 9, produzidas na Praça Ramos de Azevedo, próxima ao Teatro Municipal de São Paulo.

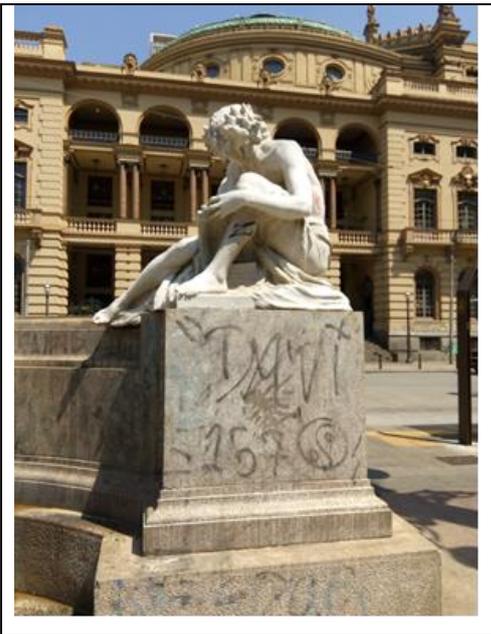
**Figura 7-Monumento a Rui Barbosa.**



**Fonte:** o autor (2016).

Apesar de não fazerem parte da amostra de esculturas, cujas notícias foram analisadas, é importante reconhecer que a situação dos monumentos escultóricos da cidade de São Paulo não é boa. Mostrar estes monumentos pichados é relevante, também, para demonstrar que mesmo com o estado em que se encontram, nem sempre são alvos de reportagens nos jornais, a fim de se discutir a importância destes trabalhos de arte e a necessidade de preservá-los, o que talvez seja reflexo da identidade cultural na pós-modernidade. Como afirmou Hall (2006, p. 22), existe um processo de afrouxamento da identificação dos indivíduos com laços nacionais e um fortalecimento dos laços fora do âmbito Estado-nação, o que pode explicar porque personagens históricos não são respeitados pela população de São Paulo ou de outras metrópoles.

**Figura 8-Poesia, escultura em mármore, de Luiz Brizzolara.**



Fonte: O autor (2016).

As esculturas acima, instaladas na Praça Ramos de Azevedo, próximas ao Teatro Municipal, apresentam diversas pichações que aparentam ser antigas, cabendo-se lembrar que a pichação é um crime:

O crime de pichação é tipificado pela Lei 9.605/1998 – Lei de Crimes Ambientais –, em seu artigo 65. Artigo 65: Pichar ou por outro meio conspurcar edificação ou monumento urbano. (Redação dada pela Lei nº 12.408, de 2011) Pena: detenção de três meses a um ano, e multa. (Redação dada pela Lei nº 12.408, de 2011) §1º. Se o ato for realizado em monumento ou coisa tombada em virtude do seu valor artístico, arqueológico ou histórico, a pena é de seis meses a um ano de detenção e multa [...] (BRASIL, 2011).

Talvez fosse desnecessária a criação de uma lei para combater a depredação de um patrimônio que é de todos, pois não há lógica em se destruírem obras que representam a identidade de um povo.

**Figura 9-Fonte dos desejos, de Luiz Brizzolara.**



Fonte: o autor (2016).

A identidade da população com seus monumentos é fundamental para a preservação destas obras, o que pode ser reforçado por ações públicas em campos variados, como educação patrimonial, divulgação das obras e seus autores, parcerias públicas para limpeza e preservação, entre outras. A questão da identidade e sua relação com o patrimônio cultural será tratada com mais detalhes no próximo capítulo.

#### 4. A HISTÓRIA DOS JORNAIS NO BRASIL

De acordo com Azevedo (2009), o século XIX marcou a formação de um mercado de consumo de informação no Brasil através de textos e imagens, e quando os primeiros periódicos começaram a se estabelecer no território nacional não existia o conceito de publicação diária. Como já citado na introdução, os veículos de comunicação são meios empregados para se transmitir e receber informações, de acordo com Ballverdú (2009), como é o caso dos impressos: periódicos especializados, jornais e revistas; os auditivos (rádio) e os audiovisuais (televisão). Observando-se o fato de que, entre estes veículos, o jornal é o mais antigo no Brasil, pois o primeiro periódico impresso no País foi a *Gazeta do Rio de Janeiro*, criada em 1808 na Imprensa Régia, de acordo com Azevedo (2009). Assim, podem-se registrar as discussões sobre monumentos desde o século XVIII; optou-se por este veículo de comunicação impressa para definição do corpus (SILVA e SILVA, 2013) de pesquisa, que vem a ser a coleção de materiais ou o conjunto de elementos sobre os quais se realizarão análises e considerações. Apesar de já serem comuns na Europa desde o século XVII, tendo como primeiro periódico o *Relation*, surgido em 1605 em Estrasburgo, então cidade germânica, no caso brasileiro o jornal só foi introduzido no século XIX, quando se instalava no País a corte de D. João 6º, que autorizou a edição da *Gazeta do Rio de Janeiro* a partir de 10/9/1808.

Figura 10-Primeiro jornal do Brasil



Fonte: Disponível em: <http://opiniaoenoticia.com.br/cultura/o-primeiro-jornal-impresso-no-brasil/>. Acesso em: 25 jul., 2016.

Segundo Azevedo (2009), desde 1850 circulava uma grande quantidade de publicações impressas:

Era uma espécie de revolução visual, considerando que a imprensa só chegou ao Brasil em 1808, com a vinda do príncipe regente D. João, transferindo a corte portuguesa e implantando a Imprensa Régia no Rio de Janeiro, onde foram produzidas cartas de baralho, obras científicas e literárias, além de impressos avulsos.

Até 1808, nenhum tipo de publicação era impresso no Brasil. Os motivos para tal restrição eram de ordem econômica – evitar a concorrência dos produtos brasileiros com os portugueses; e política – impedir que impressos subversivos circulassem pelo País. Após a Independência, em 22 de novembro de 1823 foi promulgada a primeira lei brasileira de imprensa. A partir daí, deu-se efetivamente o desenvolvimento da imprensa periódica no Brasil, com a proliferação de jornais por todo o País.

O primeiro periódico impresso no Brasil foi a *Gazeta do Rio de Janeiro*, nascido em 1808, na Imprensa Régia. Circulava com quatro páginas e, às vezes, com seis ou oito. No início era semanal, depois passou a ser editado de duas em duas semanas e, depois, de três em três semanas.

Publicado até 1821, era um periódico a serviço do poder. John Armitage – um leitor eminente – mostra o que era a *Gazeta do Rio de Janeiro*:

Por meio dela só se informava ao público, com toda a fidelidade, do estado de saúde de todos os príncipes da Europa e, de quando em quando, as suas páginas eram ilustradas com alguns documentos de ofícios, notícias dos dias natalícios, odes e panegíricos da família reinante. Não se manchavam essas páginas com as efervescências da democracia, nem com a exposição de agravos. A julgar-se do Brasil pelo seu único periódico, devia ser considerado um paraíso terrestre, onde nunca se tinha expressado um só queixume. A *Idade de Ouro do Brasil* foi o segundo periódico impresso na colônia. (AZEVEDO, 2009, p. 2).

Porém, de acordo com Azevedo (2009), o pioneirismo da imprensa periódica no Brasil é obra de Hipólito José da Costa, ex-diretor literário da Junta da Imprensa Régia, que editou em Londres o *Correio Braziliense*, apesar de ser censurado com o subtítulo Armazém Literário, cuja primeira edição foi em junho de 1808 – poucos meses antes da circulação da *Gazeta do Rio de Janeiro*. O periódico intitulado como *O Correio Braziliense* circulou mensalmente até 1822 e seu formato e disposição de conteúdo lembravam muito o formato de um livro, segundo Azevedo (2009, p.4).

Já Martins e Luca (2015, p.31) corroboram com o entendimento da realidade da imprensa brasileira no início da história dos jornais:

É comum colocar-se, em estudos históricos, a contraposição entre a *Gazeta do Rio de Janeiro* (enquanto jornal oficial) e o *Correio Braziliense* (que fazia críticas ao governo). Porém, uma comparação atenta indica que, além dessa evidente dicotomia oposição/situação, existiam convergências entre os dois periódicos. Tanto a *Gazeta* quanto o *Correio* defendiam idêntica forma de governo (monárquica), a mesma dinastia (Bragança), apoiavam o projeto união luso-brasileira e comungavam o repúdio às ideias de revolução e ruptura, padronizado pela crítica comum à Revolução Francesa e sua memória histórica durante a Restauração. (MARTINS E LUCA, 2015, p. 31).

Desde os primórdios de sua história os jornais foram vistos como fontes de poder e influência nos debates da sociedade e na apresentação da vontade do povo; por isso, segundo Martins e Luca (2015), era comum que os grupos/famílias com interesses políticos e econômicos editassem seus jornais, bem como pessoas envolvidas em causas políticas que publicavam periódicos sem assinatura do editor, defendendo assuntos polêmicos, como o fim da escravidão e independência de Portugal para o Brasil.

Outro aspecto que marcou os jornais brasileiros foi a participação de acadêmicos, notadamente os bacharéis de direito formados na Academia do Largo de São Francisco, que assumiam as redações dos jornais, tomando o espaço dos indivíduos oriundos da Universidade de Coimbra.

Esses bacharéis acabavam assumindo um papel nas redações dos jornais, pois como parte da elite letrada do país tinham maior notabilidade na escrita dos jornais, porque a produção de romances era vista como algo sonhador e longe da realidade pela elite econômica e política, que oferecia mais oportunidades aos bacharéis que se abstinham da escrita literária.

Grandes nomes da Academia de Direito do Largo de São Francisco, segundo Martins e Luca (2015, p. 61), instituição fundada por D. Pedro I, fizeram parte das redações de jornais, tais como: Castro Alves, José de Alencar, Rui Barbosa, entre outros, com exceção de Machado de Assis e José do Patrocínio que, mulatos e autodidatas, aprenderam o ofício de escritores por caminho diverso da passagem pela Academia do Largo de São Francisco.

Entre o século XIX e o limiar do século XX, houve um período propício para o aparecimento de novos jornais com edições diárias; como exemplo, Azevedo (2009, p.9) cita *O Jornal do Commercio*, fundado em 1827, e *O Estado de São Paulo*, em 1875, imediatamente após a implantação da República, e *O Brasil*, em 1891, e o *Correio da Manhã*, em 1901.

No século XX criou-se *O Jornal*, com fundação em 1919, e os jornais da década de 20, como a *Folha da Noite*, de 1921, que deu origem à *Folha da Tarde* em 1924 e à *Folha da Manhã* em 1925. Também em 1925 foi fundado *O Globo*.

*O Estado de Minas* e o *Diário Carioca* surgiram em 1928, de acordo com Azevedo (2009), e o *Diário de Notícias*, em 1930. Em seguida temos *A Manhã*, que surgiu em 1941, mas que teve vida curta, desaparecendo em 1953.

Azevedo (2009) dá conta de que o jornal *A Noite*, de Irineu Marinho, começou a circular no Rio de Janeiro em 1911, sendo seguido por outros vespertinos, como: *A Pátria*, *Vanguarda* e *O Globo*.

A atividade de produção dos jornais não era fácil, e durante a composição manual o tipógrafo ajustava o componente na medida da linha e preenchia-o com os tipos que pegava na caixa de tipos.

Para justificar as linhas, ele adicionava espaços entre palavras e entre letras com o intuito de produzir um espaço adequado e, segundo Azevedo (2009), o tipógrafo inseria placas de metal (entrelinhas) entre as linhas. A união dos tipos compostos, títulos e fios resultavam na paginação, de acordo com uma disposição previamente desenhada. Azevedo (2009) explicita que esta técnica de ajustar bem os elementos na composição da página e o layout adquiriam uma forma muito rígida, desde a elevação do espaço ocupado pelos anúncios e pelo uso maior da fotografia. A partir da década de 1960 a página começou a tornar-se algo com configuração assimétrica.

A composição mecânica (linotipo e monotipo) era uma exclusividade dos grandes jornais que surgiram no final do século XIX, nos maiores centros urbanos. Os jornais menores utilizavam a composição manual.

O desenvolvimento das técnicas de fundição mecânica de tipos metálicos, de acordo com Azevedo (2009, p. 12), e o surgimento das tituleiras facilitaram a produção de letras maiores e de grande variedade, permitindo a valorização dos títulos e o aumento do número de chamadas de matérias, cujo desenvolvimento se encontrava em uma página do miolo do jornal.

De acordo com Azevedo (2009), o jornalismo periódico nacional seguia o modelo do *The Times*, londrino, e do *Temps*, parisiense. O *Jornal do Commercio* era a referência. Já no ano de 1895, o *Jornal do Brasil*, impresso nas rotativas Marinoni, passou a utilizar os clichês iniciais em zincografia.

Importante destacar que litografia tratava-se de técnica de impressão por meio do uso de pedra calcária com grão muito fino e utilizava a repulsão entre a água e as substâncias gordurosas no papel.

Já a zincografia referia-se à tecnologia de impressão litográfica com uso de matriz em placa de zinco e, finalmente, a xilografia consiste em técnica com gravura na qual se utiliza madeira como matriz, sendo possível reproduzir uma imagem gravada sobre o papel ou outro suporte.

Esta tecnologia assumiu espaço relevante no processo de organização da página e na construção de uma hierarquia na apresentação das notícias, sendo que a primeira página do jornal passou a ser um resumo das notícias constantes em seu interior. No entanto, algumas restrições técnicas não permitiam um planejamento adequado da massa de texto, pois a leitura era intercalada pela fotografia que ocupava a mesma bitola da coluna de texto.

As matérias introduzidas na primeira página inicial dos jornais, segundo Azevedo (2009), eram inesperadamente interrompidas, e no fim da coluna havia a indicação de que a continuação daquela matéria estava em outra página do jornal. Essa prática perdurou em vários jornais até o fim da década de 1950. Outra característica do design dos jornais diários era a persistência dos fios para separar as colunas, numa tentativa de reforçar o espaço entre colunas, que era geralmente apertado.

Na expressão de Azevedo (2009), este recurso só começou a desaparecer na maioria dos jornais diários também no final da década de 1950 e início de 1960, sendo que no pós-guerra, a partir da década de 1950, houve diversificação da atividade industrial no Brasil incluindo o campo dos jornais.

O período foi reconhecidamente de muita efervescência nos campos social, econômico, político e cultural, com a criação de muitos jornais, com destaque para a *Tribuna da Imprensa* (1949) e *Última Hora* (1951), que renovavam a linguagem jornalística em relação ao modo de diagramar as matérias e organização dos textos, sob a tentativa de seguir o modelo de jornalismo empregado nos Estados Unidos.

Depois de um longo tempo com restrições à importação, a indústria gráfica se renovou e cresceu espantosamente na virada da década de 1950 para a de 1960, graças, principalmente, aos investimentos do governo Juscelino Kubitschek, de acordo com Azevedo (2009, p. 14).

Houve uma elevação da quantidade de jornais em circulação, com tiragens cada vez maiores e aprimoramento dos métodos de composição e impressão, além dos contatos com agências de notícias e de publicidade. A implementação de uma rede de pontos de venda pelo País era prática que, na visão de Azevedo (2009), se tornava mais e mais comum nos grandes jornais diários desse período.

Acrescenta-se que Azevedo (2009) destaca que o desenhista André Guevara chegou ao Brasil por volta de 1944, após ter feito um curso de artes gráficas nos Estados Unidos. Guevara trouxe o cálculo, a tabela de correspondência entre lauda

datilografada (com um número preestabelecido de linhas e toques) e a composição nos variados corpos tipográficos e larguras.

Introduziu ainda a folha milimetrada que permitia a produção de espelhos das páginas. Além disso, vendia bem seus projetos, e em sua segunda fase carioca criou o layout-base do *Diário da Noite*, da *Folha Carioca* e principalmente da *Última Hora*, cujos diagramadores foram chamados por ele da Argentina.

Tomando como base o jornal *Última Hora*, por exemplo, era percebido um planejamento muito elaborado da página, com hierarquia entre os elementos editoriais (manchete e títulos), maior espaço entre colunas, edição de fotografias–recursos que, em um contexto de forte concorrência entre os veículos impressos, pediam a atenção do público.

Ao mesmo tempo em que a linotipo e as rotativas aceleravam o ritmo do jornal, a fotografia tornava-se elemento essencial na construção da informação e ganhava espaço maior na página.

Os classificados que eram veiculados gratuitamente nos primórdios da imprensa davam espaço à publicidade que, de acordo com uma tabela de preços calculada em centímetros de coluna, se tornava a maior responsável pela introdução da cor e pelo aumento de receita dos jornais.

Para Azevedo (2009), a fotocomposição tornou-se outra inovação que alterou o design dos periódicos jornalísticos na década de 1960, pois na composição manual e na quente o tipo tinha que ser entintado para impressão; já na fotocomposição, os caracteres eram projetados e expostos sobre um filme ou papel fotossensível, resultando em letras de formas bem definidas. Completando a série de inovações, o sistema de impressão *offset* possibilitou novas soluções visuais, pois a impressão *offset* é econômica, dá maior nitidez à fotografia, facilita a leitura, torna mais rápido e eficiente o aproveitamento da cor, proporciona melhor preparação e montagem do veículo.

O tempo, em relação ao sistema quente, é menor porque suprime algumas fases do trabalho, como clichê, *flan* e estereotipia. O *São Paulo Shimbun Jornal*, da comunidade japonesa, de acordo com Azevedo (2009), foi o primeiro periódico brasileiro a ser impresso em *offset*, seguido pelo *Cidade de Santos* (do grupo Folhas) e *Correio Braziliense* (dos Diários Associados), e entre os maiores jornais, a *Folha de São Paulo* foi pioneira, colocando o Brasil no segundo lugar do mundo a utilizar a impressão *offset* nos jornais.

Como foi citado, o anúncio foi o responsável pela introdução da cor nos jornais brasileiros a partir de 1914, primeiramente no *Jornal do Brasil* e, em 1915, na primeira página de *O Estado de São Paulo*.

A *Folha de São Paulo* foi o primeiro grande jornal a utilizar a impressão *offset*, pois, de acordo com informação de Azevedo (2009), este veículo de comunicação introduziu a cor em *offset* em 1967, seguido de outros jornais como o *Zero Hora*, de Porto Alegre, e *O Liberal*, do Pará.

Na década de 1980, as redações ganharam ainda mais agilidade com a introdução da editoração eletrônica e a sucessiva informatização de todo o processo de fechamento das páginas. A seguir apresentaremos as origens dos principais jornais de São Paulo, *OESP* e *FOLHA*:

- a) A história da *Folha* começa em 1921, com a criação do jornal "*Folha da Noite*". Em julho de 1925, é criado o jornal "*Folha da Manhã*", edição matutina da "*Folha da Noite*". A "*Folha da Tarde*" é fundada após 24 anos. Em 1º de janeiro de 1960, os três títulos da empresa se fundem e surge o jornal *Folha de São Paulo*. Conheça agora a história da *Folha de São Paulo*, dos primeiros passos até a liderança na imprensa nacional (*FOLHA*, 2016);
- b) O jornal *O Estado de S. Paulo* nasceu com o nome de *A Província de São Paulo*. Seus fundadores foram alguns republicanos liderados por Manoel Ferraz de Campos Salles e Américo Brasiliense, que decidiram criar um diário de notícias para combater a monarquia e a escravidão. Foi estabelecida uma linha-mestra, que caracteriza o jornal até hoje: "fazer da sua independência o apanágio de sua força". Em 1875, a redação, administração e oficinas foram instaladas em um sobrado da Rua do Palácio, n.º14, antiga Rua das Casinhas, atualmente Rua do Tesouro, esquina com a Rua do Comércio (atual Álvares Penteado), no centro velho de São Paulo. Entre os proprietários do novo jornal destacavam-se Américo de Campos e Francisco Rangel Pestana. O administrador era José Maria Lisboa, que morava com a família nos fundos do prédio. Em 1876, *A Província* logo se diferenciou no mercado. Barrete branco na cabeça, uma buzina na mão e um maço de jornais debaixo do braço, o francês Bernard Gregoire saía a cavalo pelas ruas da cidade anunciando as notícias do dia. Foi um escândalo. Os jornais

concorrentes chegaram a ridicularizar a imagem do jornaleiro – que mais tarde foi incorporada ao ex-libris do Estado (ESTADO, 2016).

Na visão de Molina (2015, p. 23), os jornais brasileiros chegaram a um alto nível de qualidade “e foram reconhecidos no exterior. Talvez o diário de maior prestígio e influência até hoje tenha sido o *Jornal do Commercio* do Rio, que chegou a ser comparado ao *The Times* de Londres [...], o que demonstra o avanço da indústria da mídia impressa no Brasil desde o século XVIII.

## 5. JORNAL: ANÁLISE DE CONTEÚDO DOS LUGARES DE MEMÓRIA NAS NOTÍCIAS DOS JORNAIS

Neste capítulo são apresentadas as reportagens dos jornais O Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo, cuja análise de conteúdo foi realizada como classificada após análise de conteúdo inicial, como as controvérsias registradas nos jornais.

Já foi comentado que este estudo trata de pesquisa qualitativa baseada em revisão bibliográfica de livros, dissertações e teses disponíveis no banco digital da Universidade de São Paulo-USP, cujo conteúdo aborda os conceitos de monumentos históricos, patrimônio cultural, cidadania, memória coletiva, lugares de memória, escultura, imprensa e jornal.

Além disso, apoiou-se em análise das notícias e discussões a respeito dos monumentos escultóricos (estátuas) da cidade de São Paulo, publicadas nos jornais OESP e FOLHA, com amparo no método de análise de conteúdo divulgado principalmente pelos autores e pesquisadores Laswell e Bardin. Segundo Bardin (1977, p. 31):

A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análises das comunicações. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações. (BARDIN, 1977, p.31).

Observamos, pela explicação de Bardin (1977), que esta técnica se encaixa na verificação do objeto de pesquisa proposto neste trabalho, que consiste nas notícias de jornais (meios de comunicação) como lugares de memória, os quais serão abordados adiante.

A seleção dos jornais FOLHA e OESP se deve à representatividade de cada um em relação à quantidade de tiragem informada no site da Associação Nacional de Jornais (ANJ), conforme tabela a seguir:

**Tabela 2: Maiores jornais do Brasil (2014)**

Ranking	Título	UF	Média de circulação Impresso+Digital
1	FOLHA DE S.PAULO	SP	351.745
2	O GLOBO	RJ	333.860
3	SUPER NOTÍCIA	MG	318.067
4	O ESTADO DE S.PAULO	SP	237.901
5	ZERO HORA	RS	210.661

6	EXTRA	RJ	205.994
7	DAQUI	GO	203.157
8	DIÁRIO GAÚCHO	RS	152.310
9	CORREIO DO POVO	RS	123.062
10	MEIA HORA	RJ	114.036

Fonte: ANJ-Associação Nacional de Jornais. Maiores Jornais do Brasil (2014). Disponível em: <http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil/>. Acesso em: 22 fev. 2016.

Neste continente empírico foi realizada uma classificação inicial das notícias entre controvérsia ou normalidade sobre monumentos escultóricos (estátuas), resultando na tabela disponível no Anexo 1 deste trabalho.

Seguimos na pesquisa com uma análise dos comentários sobre o contexto histórico das notícias, possíveis intenções dos autores e outras informações avaliadas segundo a análise de conteúdo, que se trata, para Bardin (1977), de analisar comunicações dos mais variados tipos de textos, como cartas, jornais, entre outros, obtendo informações explícitas e/ou implícitas.

Uma das aplicações da análise de conteúdo que ficou famosa e demonstra suas possibilidades na pesquisa dos jornais foi a realizada por Harold Laswell em 1915, o qual utilizou a análise de conteúdo para investigar as notícias nos jornais dos Estados Unidos sobre a Primeira Guerra Mundial (GOULART, 2006, p. 156).

As notícias selecionadas para análise de conteúdo constam na tabela a seguir:

**Tabela 3: Notícias com controvérsias**

JORNAL	NOTÍCIA	DATA	AUTOR
FOLHA	Borba Gato" é obra feia, mas tem a ver com SP	9/9/2010	Rafael Mosna
FOLHA	Verba para homenagem a Herzog é suspensa	11/12/2012	Folha
OESP	SP também tem seus famosos anônimos	6/1/2012	Edilson Veiga
OESP	Protegida por vidro, fonte será reaberta	2/5/2013	Folha
FOLHA	Bandeirantes assassinos	4/10/2013	Marcelo Rubens Paiva
FOLHA	Quadrilha é presa furtando peças no Cemitério do Araçá	11/1/2014	Martha Alves/Ricardo Bunduki
FOLHA	Estátua de conde vai parar atrás das grades na Pompeia	3/3/2014	Leandro Machado
OESP	Avenida 9 de Julho: o lugar das estátuas malditas. Obras criticadas pela sociedade foram colocadas nos canteiros da avenida	17/12/2015	Carlos Eduardo Entini e Liz Batista

FOLHA	Monumentos órfãos	5/12/2015	Fernanda Mena
FOLHA	Cemitério no Jardim Ângela recebe esculturas e vira espaço de lazer	9/06/2015	Camilla Appel
FOLHA	Após polêmica nas redes sociais Pão de Açúcar retira estátua de loja	22/08/2013	Folha
OESP	Escultura vira polêmica no Mário Covas	18/04/2012	Oesp
FOLHA	Totem “fascista” volta a Guarapiranga	28/06/2010	Ivan Finotti
OESP	Pichadores enxergam “quebra-quebra” como ato político	20/06/2013	Bruno Paes Manso
OESP	SP terá roteiro turístico sobre a cultura negra	19/11/2011	Agência Estado

Fonte: O autor (2016), com base nas notícias dos jornais FOLHA e OESP.

Em sua obra, Bardin (1977) afirma que a análise de conteúdo corresponde aos seguintes objetivos:

A ultrapassagem da incerteza: o que eu julgo ver na mensagem estará efetivamente contido, podendo esta visão, muito pessoal, ser partilhada por outros?

Por outras palavras, será a minha leitura válida e generalizável?

E o enriquecimento da leitura: se um olhar imediato, espontâneo, é já fecundo, não poderá uma leitura atenta aumentar a produtividade e a pertinência? Pela descoberta de conteúdos e de estruturas que confirmam (ou infirmam) o que se procura demonstrar a propósito das mensagens, ou pelo esclarecimento de elementos de significações suscetíveis de conduzir a uma descrição de mecanismos de que, *a priori*, não detínhamos a compreensão. (BARDIN, 1977, p.29).

Sobre os trabalhos de Laswell, Guaraldo (2016) destaca que ele teve forte influência do behaviorismo, que buscava entender a conduta das pessoas a partir de estímulos. Era um propagandista e em seus estudos tentava compreender como persuadir os indivíduos e, para isto, destacava que no processo de comunicação deviam-se entender os componentes conforme as questões a seguir: Quem? Diz o quê? Em que canal? Para quem? Com que efeito?

Segundo Guaraldo (2016), as principais contribuições das pesquisas de Laswell e dos pesquisadores de sua época admitiam mostrar que as pessoas são mais influenciadas por comunicações face a face com indivíduos classificados como líderes de opinião, ou seja, aqueles que passam confiança e interferem nas opiniões de várias pessoas; além disso, destacou que os líderes de opinião recebem informações não apenas de meios de comunicação, mas também de outros líderes

de opinião, e normalmente os modelos criados em tal período buscam fortalecer a persuasão e influência sobre os indivíduos.

Apresentaremos aqui o resultado da análise de conteúdo das notícias envolvendo controvérsias sobre monumentos escultóricos, começando por uma das esculturas mais famosas da cidade de São Paulo, a de Borba Gato, construída no bairro de Santo Amaro.

### 5.1. Borba Gato" é obra feia, mas tem a ver com SP

A estátua de Borba Gato (figura 11) encontra-se em Santo Amaro. Manuel de Borba Gato (1649 – 1718) foi um bandeirante paulista. Iniciou suas atividades com o sogro, Fernão Dias Paes Leme. Quando faleceu em 1718, com quase 70 anos de idade, ocupava o cargo de juiz ordinário da Vila de Sabará.

Figura 11-Estátua de Borba Gato em Santo Amaro



Fonte: Acervo FOLHA. Foto de Mônica Vendramini.

Disponível em: [http://almanaque.folha.uol.com.br/monumento\\_borbagato.htm](http://almanaque.folha.uol.com.br/monumento_borbagato.htm). Acesso em: 25 jul. 2016.

Em homenagem a Borba Gato foi construída uma estátua na zona sul de São Paulo, no bairro de Santo Amaro. Em matéria da Folha de S. Paulo de 9/9/2010, com a manchete *Borba Gato é obra feia, mas tem a ver com SP*, o jornalista Rafael Mosna entrevista o artista Ary Perez e faz o seguinte comentário:

O engenheiro e artista plástico brasileiro Ary Perez, 56, tem, em parceria com a mulher, Denise Milan, esculturas públicas em São Paulo e Chicago -- esta última, considerada por ele cidade-referência em arte pública.[...] A estátua "Borba Gato", em Santo Amaro, na zona sul da capital, é considerada feia pelo artista plástico Ary Perez (FOLHA, 2010).

As controvérsias que rondam a estátua em homenagem a Borba Gato são comuns a todos os bandeirantes, pois foram personagens envolvidos em polêmicas por desbravarem o interior do Brasil em busca de riquezas, muitas vezes não se importando com lutas e morte dos índios que encontravam. De acordo com Souza (2013), a paulistanidade foi construída em cima do mito do bandeirante como construção de uma identidade paulista colocada em comparação com a identidade nacional diferente. Para Souza (2013, p. 15):

O paulista é definido como etnicamente superior, e sua mistura com os demais brasileiros, principalmente os nordestinos, genericamente definidos como baianos, pode ser prejudicial, comprometendo irremediavelmente tal “superioridade”.

Por isso há sempre o uso da imagem arquetípica de São Paulo como a locomotiva que leva os vagões vazios (outros Estados) adiante. Souza, apud Mello (1998, p. 378), se expressa:

Vangloriava-se o terço de Domingos Jorge Velho de que só os paulistas podiam defender a gente da Marinha contra o gentio bravo de cima, isto é, do sertão, e contra o negro fugido de baixo, ou seja, da própria Marinha para os Palmares. (Souza, 2013, p. 15).

Esta pretensa superioridade paulista permanece em obras como *O Borba Gato*, que passaram a sofrer uma crise de legitimidade porque aquele paulista que descendia dos portugueses e guardava lealdade ao imperador, foi se misturando com os índios, negros e nordestinos, e o que vemos hoje em São Paulo é um grande caldeirão cultural. Isto, na metrópole de São Paulo, é idêntico ao fenômeno de outras metrópoles ao redor do mundo, onde a mundialização e acesso aos meios de comunicação instantânea modificam as relações entre as pessoas.

Para Stuart Hall (2006, p.12), o processo de identificação que usávamos para nos enquadrar em uma identidade cultural se tornou instável, provisório e problemático, resultando em um sujeito pós-moderno, que não possui uma identidade fixa, haja vista que o mundo ao seu redor está em constante transformação que modifica e é modificado pela interação entre pessoas e objetos.

Diante desta realidade, os monumentos escultóricos (estátuas) da cidade carecem de identificação com a população, diferentemente da época dos bandeirantes, em que a população era pequena e as representações eram aceitas sem tantas controvérsias.

As mudanças trazidas pela mundialização são dinâmicas, diz Giddens (2002, p.27), acontecendo uma reorganização no tempo e espaço. Os mecanismos da modernidade supõem propriedades universalizantes que modificam as realidades regionais, e esta mundialização da atividade social é um processo de criação de laços certamente mundiais, parecidos com os relativos à organização mundial dos Estados-nações ou na divisão internacional do trabalho.

Todavia, na visão de Giddens (idem), “de modo geral, o conceito de mundialização é mais bem compreendido como expressando aspectos fundamentais do distanciamento entre tempo e espaço”. Ele acredita que a mundialização se refere à interseção entre ausência e presença, ao entrelaçamento das relações sociais e acontecimentos, devendo-se apreender “a difusão global da modernidade em termos de uma relação continuada entre o distanciamento e a mutabilidade crônica das circunstâncias e compromissos locais”.

A mundialização deve ser compreendida, no entender de Giddens (idem), como fenômeno dialético, no qual “eventos em um polo de uma relação muitas vezes produzem resultados divergentes ou mesmo contrários em outro. A dialética do local e do global é um dos principais argumentos empregados neste livro.”

Com a mundialização tornou-se difícil alguém receber apenas seus benefícios, sem sentir os aspectos negativos – como a possibilidade de guerras nucleares, terrorismo, catástrofes naturais, entre outros; portanto, as transformações locais estão interligadas às transformações globais, modificando realidades cotidianas. Para Giddens (idem):

Podemos entender essas transformações diretamente em termos do impacto dos mecanismos de desencaixe, que atuam desqualificando muitos aspectos das atividades cotidianas. Essa desqualificação não é simplesmente um processo em que especialistas técnicos se apropriam do conhecimento cotidiano (uma vez que muitas vezes há características imponderáveis ou ardentemente disputadas em seus campos de especialização); e nem é um processo unidirecional, porque a informação especializada, como parte da reflexividade da modernidade, é de uma forma ou de outra constantemente apropriada pelos leigos. Essas observações se aplicam aos escritos dos sociólogos. (Giddens, idem).

Por isso, em um mundo complexo na pós-modernidade, bens como as esculturas selecionadas para representar o ideal de arte de uma elite – como era o caso dos bandeirantes e seus contemporâneos – deixaram de representar os anseios da maioria da população, que não se sente representada por essas obras, o que demonstra que há espaço para o diálogo entre os cidadãos e o poder público, a

fim de identificar os anseios da população, suas preferências e aquilo que é considerado representativo do pensamento da coletividade.

## 5.2. Verba para homenagem a Herzog é suspensa

A polêmica sobre as estátuas da cidade de São Paulo vem à tona, mesmo quando as obras nem ao menos foram concretizadas, como é o caso da homenagem ao jornalista Vladimir Herzog, que morreu nos cárceres da ditadura em 1975.

Figura 12-Notícia do jornal: Verba para homenagem a Herzog é suspensa

**cotidiano** ★★

TAMANHO DA LETRA + - | COMUNICAR ERROS ! | IMPRIMIR 🖨 | LINK 🔗 | COMPARTILHAR ↗

◀ TEXTO ANTERIOR PRÓXIMO TEXTO ▶

# Verba para homenagem a Herzog é suspensa

*Câmara investiga empresa que faria obras de arte*

DE SÃO PAULO

A Câmara Municipal suspendeu os pagamentos referentes a obras de arte em homenagem ao jornalista Vladimir Herzog, torturado e morto durante o regime militar.

As obras, que custarão R\$ 560 mil, seriam instaladas até o final deste mês numa praça anexa ao Legislativo.

A suspensão ocorreu por causa de supostas irregularidades por parte da empresa responsável pela reprodução das obras, todas de autoria do artista Elifas Andreato, que doou as criações.

Segundo o jornal "O Estado de S. Paulo", a empresa Services Express Produções e Serviços LTDA subcontratou outra empresa para reproduzir as obras -entre elas

Fonte: Folha de S. Paulo. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup-colunista.shtml?http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/83167-verba-para-homenagem-a-herzog-e-suspensa.shtml>. Acesso em: 15 ago. 2016.

A matéria mostra o outro lado da homenagem aos personagens históricos brasileiros. Percebe-se que as disputas para a construção da memória são repletas de impasses, como mostrou Halbwachs (1990) em sua obra *Memória Coletiva*, pois

a construção das memórias não pode ser realizada apenas por uma parte da sociedade, haja vista que a memória é construída de forma coletiva e passa pelas relações e trocas de informações entre as pessoas que vivem e constroem a realidade das cidades.

### 5.3. SP também tem seus famosos anônimos

A matéria fala e registra casos de personagens homenageados com estátuas, mas que permanecem esquecidos dentro da cidade de São Paulo.

Esta situação nos remete à discussão sobre a apropriação destas obras pela população paulistana e a matéria ressalta o caso do busto de Taunay (ver figura 12):

Figura 13-SP também tem seus “famosos anônimos”

## SP também tem seus ‘famosos anônimos’

Edison Veiga

Em São Paulo, também não faltam estátuas e bustos cujos homenageados são “famosos anônimos”. Um exemplo: faz ideia de qual é a figura imponente na Praça do Ciclista, no cruzamento da Avenida Paulista com Rua da Consolação? Trata-se de Sebastián Francisco de Miranda Rodríguez, militar venezuelano que viveu entre 1750 e 1816 e lutou pela independência da América espanhola.

A inusitada homenagem está no endereço nobre desde 1978, quando o então presidente da Venezuela, Carlos Andrés Pérez, presenteou a cidade com ela.

Bem próximo dali, o Parque Trianon também guarda exemplos de ilustres desconhecidos. Logo na calçada, está a figura do bandeirante paulista Bartolomeu Bue-

no da Silva (1672-1740). A obra foi esculpida em mármore pelo artista italiano Luigi Brizzolara (1868-1937). Dentro do parque, o engenheiro uruguaio Joaquim Eugênio de Lima (1845-1902) foi esculpido em bronze por Roque de Mingó (1890-1972). Lima tornou-se célebre por idealizar a Avenida Paulista.

O escritor libanês Gibran Khalil Gibran (1883-1931) mereceu, dois anos atrás, ser eternizado com um busto pertinho do Parque do Ibirapuera, zona sul, embora jamais tenha vivido no Brasil – passou a maior parte da vida em Nova York.

Um dos muitos bustos na Cidade Universitária homenageia Ernesto de Souza Campos (1882-1970). O médico, um dos fundadores da Universidade de São Paulo, foi diretor da Faculdade de Medicina da USP e ministro da Educação e Saúde Pública do



Taunay. Busto do escritor, no centro, perdeu a identificação

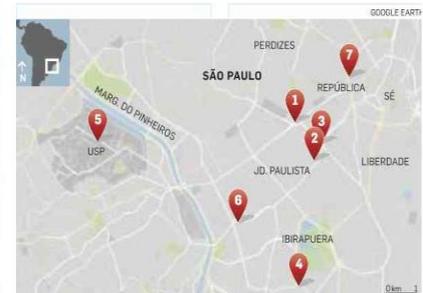
governo de Eurico Gaspar Dutra (1883-1974). A estátua é assinada pelo escultor Luís Morrone (1906-1998).

Na Avenida Brigadeiro Faria Lima, há um busto que homenageia o próprio José Vicente Faria Lima (1909-1969). Sabe quem foi? Engenheiro civil e aeronáutico, ele se elegeu prefeito de São Paulo nos anos 1960. A obra, também de Morrone, fica na Praça Luís Carlos Paraná.

**Arouche.** Exemplo de descaso com a memória de vultos históricos é a situação do Largo do Arouche. Na década de 1950, ali foi criado o Jardim dos Escritores, com bustos de vários intelectuais de São Paulo. Hoje, as peças que restam estão depredadas e sujas. Algumas nem mais têm identificação, caso da que homenageia o escritor Afonso d'Escagnolle Taunay (1876-1958).

### MONUMENTOS PAULISTANOS

• Sete desconhecidos em São Paulo



- 1 Sebastián Francisco de Miranda Rodríguez Militar venezuelano, lutou pela independência da América espanhola → Prq. do Ciclista, Avenida Paulista
- 2 Bartolomeu Bueno da Silva Bandeirante paulista → Pq. Trianon, Avenida Paulista
- 3 Joaquim Eugênio de Lima Engenheiro uruguaio, idealizador da Avenida Paulista → Pq. Trianon, Avenida Paulista
- 4 Gibran Khalil Gibran Escritor libanês → Praça Prof. Jairo de Almeida Ramos, Avenida República do Líbano
- 5 Ernesto de Souza Campos Médico, um dos fundadores da Universidade de São Paulo → Cidade Universitária
- 6 José Vicente Faria Lima Engenheiro civil e aeronáutico, prefeito de São Paulo → Prq. Luís Carlos Paraná, Avenida Brigadeiro Faria Lima
- 7 Afonso d'Escagnolle Taunay Romancista e historiador → Largo do Arouche

INFOGRÁFICO/AE

Fonte: jornal Folha de S. Paulo. SP também tem seus “famosos esquecidos”.

Muitas vezes, como a matéria destaca, estes personagens homenageados representam algo para suas épocas ou fatos específicos que nem sempre são conhecidos pela população na pós-modernidade. É preciso haver um resgate da história destes personagens e uma discussão sobre o valor histórico de suas obras para as sociedades brasileira e paulista.

O visconde de Taunay, por exemplo, chamava-se Alfredo Taunay (1843-1899), era brasileiro e escreveu a obra "Inocência"; foi também político do Império,

militar, professor, engenheiro, historiador e sociólogo. Pertencia a uma família aristocrata – era filho de Felix Émile Taunay, diretor da Academia Imperial de Belas Artes, e de Gabriela Hermínia d'Escragnolle Taunay, filha do conde d'Escragnolle. Estudou no Colégio Pedro II onde, em 1858, concluiu o bacharelado em Letras e depois cursou a Escola Militar, onde se formou em 1863 em Ciências Naturais e Matemática. De acordo com o site E-biografias:

Casou-se com Cristina Teixeira Leite, filha do barão de Vassouras. Combateu na Guerra do Paraguai como engenheiro, entre os anos de 1864 e 1870. Publicou, em 1871, o livro "A Retirada da Laguna", onde relata sua dramática experiência durante os seis anos na guerra. Terminada a Guerra do Paraguai, entra para o magistério, leciona no Colégio Militar. Dedicou-se também à política. Em 1872 é eleito deputado pela província de Goiás. Nesse mesmo ano publica "Inocência", que é considerado o melhor romance sertanejo do Romantismo. Em 1876 é nomeado presidente da província de Santa Catarina. Passa dois anos estudando na Europa. Em 1881 é novamente eleito deputado por Santa Catarina. Em 1886 é nomeado senador do Império. Em 1889 recebe do imperador Dom Pedro II o título de visconde de Taunay. Com a queda da Monarquia, afasta-se do Senado. (Site E-biografias).

Percebemos que o visconde de Taunay teve uma vida emocionante e é uma figura que representa a elite de seu período histórico; todavia, qual a sua importância para a cidade de São Paulo?

Mais uma vez, notamos a necessidade da construção de uma história com símbolos que sejam aceitos pela população. Sabemos que normalmente as esculturas homenageiam indivíduos que foram importantes para o Império ou para a manutenção da elite de plantão, porém, raríssimas exceções deles parecem representar a maioria da população de cidades como São Paulo.

#### **5.4. Protegida por vidro, fonte será reaberta**

A discussão envolvendo a Fonte Monumental existe desde sua criação, pois foi encomendada para ser instalada na frente da Praça da Sé, mas devido a diversos atrasos acabou sendo instalada em uma praça criada com a reforma das avenidas do centro de São Paulo, local nomeado como Praça Júlio de Mesquita, em homenagem ao fundador do jornal O Estado de S. Paulo.

**Figura 14-Protegida por vidro, fonte será reaberta**

**Patrimônio****PROTEGIDA POR VIDRO, FONTE SERÁ REABERTA**

Monumento na Praça Julio Mesquita, no centro, terá grade para evitar invasão do público

**Edison Veiga**

Depois de oito meses de obras, orçadas em cerca de R\$ 500 mil, será reinaugurada hoje a Fonte Monumental da Praça Julio Mesquita, no centro de São Paulo. Será o primeiro chafariz paulistano a ter uma espécie de redoma de vidro protetora, à prova de vandalismo.

"Essa proteção não é uma grade que exclui, mas que provoca uma distância valorativa", afirma a arquiteta Nadia Somekh, diretora do Departamento de Patrimônio Histórico (DPH) do Município e presidente do órgão paulistano de proteção ao patrimônio, o Compresp.

"Vamos perder o estigma de que as fontes se tornam banheiro público. A fonte será protegida como uma joia da cidade, como uma escultu-

ra em um museu", diz Nadia. Depois de longo período de seca, a Fonte Monumental é o primeiro equipamento paulistano do tipo que volta a funcionar. Conforme o Estado revelou em fevereiro de 2012, todos os 16 chafarizes públicos de São Paulo estavam fora de operação – de acordo com a Prefeitura, por causa de vandalismo e furtos constantes de peças necessárias ao funcionamento.

"A Fonte Monumental estava completamente pichada, com partes faltantes e muita impregnação de urina – havia pessoas que praticamente moravam ali", diz a arquiteta Fernanda Lupo, da empresa contratada pelo DPH para executar as obras de restauro. "Assim, precisamos fazer a limpeza e a recuperação total do equipamento, para podermos entregá-lo na quinta-feira (hoje) em pleno funcionamento e com uma proteção de vidro." No total, dez operários



**Renovação.** Fonte estava pichada e sem algumas partes; restauro demorou oito meses

**PARA LEMBRAR****Obra inspirou Adoniran**

No início dos anos 1970, o vandalismo e a depredação da Fonte Monumental – conhecida como "fonte das lagostas", por causa dos aderços de bronze em forma do crustáceo decípode marinho – revoltaram o músico Adoni-

trabalharam no restauro.

**História.** A história da Fonte Monumental remonta o início do século 20 e é cheia de idas e vindas. A ideia vigente era a da construção do "Centro Cívico", emalhecendo o urbanismo da região central. Em meio a obras de alargamento de vias, trans-

ran Barbosa (1910-1982), autor de sucessos como *Trem das Onze* e *Saudosa Maloca*.

Em parceria com Tasso Rangel, ele compôs o samba *Roubaram a Lagosta*, cuja letra diz: "Na Praça Julio Mesquita / Tem a estátua da lagosta / Quem passa de longe enxerga / Quem passa de perto gosta / E a lagosta de bronze / Fica esperando bom dia / Mas tem gente

distraída / Que nem pra ela espia / Por uma razão muito forte / Ela em bronze foi lembrada (...). Mas isso ficou para trás / Não sei que forma que tinha / Essas coisas não se faz / Agulha não vai sem linha / Deixe a lagosta em paz / Muito bom ficar sozinha / Mas é melhor ficar seca ou molhada / Do que ser derretida ou roubada".

A ideia, de acordo com registros do DPH, era instalar o chafariz-monumento na frente da nova Catedral da Sé – cujas obras começavam naquele mesmo ano, depois da derrubada da velha igreja, em 1911. Entretanto, o tempo passava e nada de Nicolina entregar a obra. Dez anos após a assinatura

do contrato, a Prefeitura resolveu endurecer: em resolução datada de junho de 1923, rompeu com Nicolina "sob pena de cobrança das despesas a que der causa com a aquisição e assentamento da fonte, no local designado, conforme o contrato referido".

No ano seguinte, surge um novo problema. No episódio imortalizado como Revolução de 1924, a cidade foi invadida por tropas do General Isidoro Dias Lopes (1865-1949). Os bombardeios interromperam serviços e obras. Só depois desse período foi aberta nova concorrência pública para a contratação dos serviços necessários à montagem da fonte.

Quem venceu foi o arquiteto italiano Giovanni Bianchi. A Prefeitura, então, firmou outro contrato e, dessa vez, coube ao escultor Roque de Mingo (1890-1972) fundir as peças decorativas de bronze – em forma de lagostas.

A essa altura, as obras de alargamento da Avenida São João haviam resultado na abertura de uma praça em formato triangular, denominada Praça Vitória – em homenagem à Guerra do Paraguai (1864-1870). Decidiu-se, então, instalar a Fonte Monumental ali, em vez de manter o plano original da Praça da Sé.

O monumento foi inaugurado em 1927, ano em que a Praça da Vitória passou a se chamar Julio Mesquita, em homenagem ao diretor do jornal O Estado de S. Paulo de 1891 até 1927.

Fonte: O Estado de S. Paulo. Protegida por vidro, fonte será reaberta em São Paulo. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,protegida-por-vidro-fonte-sera-reaberta-no-centro-de-sp,1027735>. Acesso em: 15 ago. 2016.

Entretanto, controvérsias foram geradas pela restauração da estátua e a colocação de uma grade de vidro em torno dela, eliminando o contato das pessoas com a fonte, a fim de evitar depredação e pichação.

Para Douglas Nascimento<sup>6</sup>:

Foram pelo menos 41 anos de descaso e esquecimento em que a Fonte Monumental foi submetida. Nos últimos anos, com o agravamento da situação dos usuários de drogas na região, apelidada de Cracolândia, a fonte teve vários elementos furtados, foi pichada e tornou-se um fétido banheiro de viciados e pessoas em situação de rua. Em dias de intenso calor era até difícil passar ao lado do monumento, que chegou a ficar como na foto abaixo, tirada do alto de um edifício vizinho.

**Figura 15-Fonte Monumental suja**

<sup>6</sup>Site São Paulo antiga. Fonte Monumental. Disponível em: < <http://www.saopauloantiga.com.br/fonte-monumental/> > (28/4/2009). Acesso em: 2 ago. 2016.



Fonte: Site São Paulo antiga. Fonte Monumental. Disponível em:  
< <http://www.saopauloantiga.com.br/fonte-monumental/>> (28/4/2009). Acesso em: 2 ago. 2016.

Ainda Douglas Nascimento destaca em reportagem do dia 10/5/2013 o seguinte:

O ponto de maior discussão no restauro da Fonte Monumental é a polêmica vidraça que envolve o monumento. Apesar de protegê-la contra atos de vandalismo e eventuais roubos, a vidraça é um atestado de incompetência do poder público em proteger seus monumentos. Se o restauro foi feito com méritos, a vidraça escancara aos olhos de cidadãos e turistas a falência do Estado na proteção de nossas obras de arte espalhadas pela cidade. Não podemos aceitar que nossas esculturas estejam aprisionadas e a população privada de um contato mais próximo com os monumentos públicos. Neste primeiro momento, talvez seja necessário manter a “cerca”, mas gostaríamos de vê-la livre desta vergonhosa muralha transparente. Será que passado o calor da inauguração este vidro será limpo com frequência? Iremos acompanhar.

Já a matéria de Edison Veiga<sup>7</sup>, retrata o descontentamento com o vidro colocado para proteção da fonte:

Depois de oito meses de obras, orçadas em cerca de R\$ 500 mil, será reinaugurada hoje a Fonte Monumental da Praça Julio Mesquita, no centro de São Paulo. Será o primeiro chafariz paulistano a ter uma espécie de redoma de vidro protetora, à prova de vandalismo.[...]  
“Essa proteção não é uma grade que exclui, mas que provoca uma distância valorativa”, afirma a arquiteta Nadia Somekh, diretora do Departamento de

<sup>7</sup> O Estado de S. Paulo. Após ‘seca’, SP volta a ter fonte com água. Disponível em: < <http://sao-paulo.estadao.com.br/blogs/edison-veiga/apos-seca-sp-volta-a-ter-fonte-com-agua/>. Acesso em 2 ago. 2016.

Patrimônio Histórico (DPH) do município e presidente do órgão paulistano de proteção ao patrimônio, o Conpresp.

“Vamos perder o estigma de que as fontes se tornam banheiro público. A fonte será protegida como uma joia da cidade, como uma escultura em um museu”, diz Nadia.

É perceptível que as discussões sobre os monumentos estão limitadas a uma pequena parcela da sociedade paulista, que entende o valor destas obras de arte expostas a céu aberto. No entanto, as decisões não apenas sobre os gastos da Prefeitura, mas também sobre a representação da identidade paulista requerem maior participação do cidadão.

José Murilo de Carvalho (2015) declara que somente após a Constituição de 1988 o brasileiro conseguiu criar instituições que verdadeiramente o representarão, mas isto ainda não ocorre de fato porque historicamente o povo brasileiro foi excluído das decisões locais e nacionais, haja vista que parte da população era excluída das decisões, como: escravos, pobres e mulheres que não podiam ao menos votar nas eleições.

Desta forma, a construção da cidadania passa por um longo processo no Brasil, de acordo com Carvalho (2015), e esta construção compreende várias fases, até mesmo a da inclusão na cidadania cultural – que seria a inclusão de grande parte da população brasileira e paulistana nas discussões sobre o patrimônio cultural local e nacional.

### 5.5. Bandeirantes assassinos

Analisando as notícias do jornal Folha de S. Paulo, foram encontradas inúmeras citações da palavra estátua no período de 1945 a 2015, sendo destacadas as notícias comentadas a seguir. Pode-se iniciar pela reportagem de Marcelo Rubens Paiva, com a manchete *Bandeirantes Assassinos*, de 4 de outubro de 2013, que fala sobre o Monumento dos Bandeirantes instalado no Parque do Ibirapuera (ver figura 12), a saber:

Curioso como nós, branquelos, vindos da Europa, ficamos irritados com o ato de vandalismo e depredação cometido contra a linda escultura Victor Brecheret, inaugurada em 1953, no aniversário de 399 anos de São Paulo, em homenagem às Bandeiras. Movimento que buscou ouro, pedras, varreu aldeias, decapitou índios e os escravizou.

Com 240 blocos de granito de 50 toneladas, nela estão representadas 29 figuras humanas, entre bandeirantes, índios, mamelucos e negros.

Manifestantes atiraram tinta vermelha na obra, ao final de um ato de indígenas que protestavam contra a PEC 215 – que transfere a demarcação das terras indígenas da União para o Congresso Nacional.

No Ibirapuera. O que índios faziam no Ibirapuera?

Vieram pela Tamoios ou Anhanguera? Subiram a Pacaembu ou o Anhangabaú? Evitaram a Bandeirantes, lógico, porque não são bobos. São espertos, esses nativos.

Manifestantes ainda escreveram “bandeirantes assassinos”.

Que ingratos! Trouxemos progressos a primitivos que não conheciam Jesus, cigarro com filtro, nem roupas de baixo.

Viviam com os balangandãs soltos, à merce de predadores.

A limpeza do Monumento às Bandeiras, pichado, custará R\$ 12 mil só em solventes.

Pena que Raposo Tavares não estava entre nós, para dar um jeito nesses penetras silvícolas.

Nem Anchieta, para catequizá-los. Ou Borba Gato, que nem se move.

“Meu pai orgulhava-se da solidez dessa obra. Ele costumava brincar que, mesmo que caísse uma bomba atômica em São Paulo, ela permaneceria intacta”, disse o engenheiro Victor Brecheret Filho, de 71 anos, ao Estado, filho do escultor.

Sobre a pichação, Brecheret Filho disse estar “espantado”, “chocado” e “horrorizado”. “Estamos vivendo um período de pré-barbárie. Até pouco tempo atrás, o vandalismo não atingia locais que as pessoas foram educadas a respeitar”, comentou. “Agora, nada mais é respeitado. A convivência harmônica está acabando.”

Ninguém acredita que o protesto tenha sido contra Brecheret, escultor genial, que nos enche de orgulho.

O repórter Bruno Paes Manso identificou um dos pichadores, que na entrevista pediu para ser chamado de Bakunin e explicou:

“Aquele monumento representa os bandeirantes e muita gente não sabe quem foram eles. Os bandeirantes foram, na verdade, grandes estupradores e assassinos de índios. Aquele monumento representa toda uma era de opressão e segregação aos índios. Todos esses monumentos representam símbolos da opressão. A maioria não sabe, está rolando agora uma emenda constitucional, a PEC 215, que pretende acabar com a demarcação indígena. A gente abraçou essa causa, nós do Pixo Manifesto Escrito. Porque a nossa cultura indígena é das poucas coisas que nos restam. Fomos civilizados por uma civilização ocidental que chegou aqui e destruiu nossa cultura. Fazendeiros e ruralistas continuam assassinando os índios e ainda querem mais.”

Enquanto aguardam um pedido de desculpas, reparações e estátuas em homenagem a eles, resta aos verdadeiros donos dessas terras o protesto. (FOLHA, 2013).

A reportagem de Marcelo Rubens Paiva traz à tona uma discussão sobre algo que não foi resolvido em nossa sociedade, que é a questão da representação dos grupos considerados como minorias (negros, índios e mulheres).



Fonte: Acervo FOLHA. Fotos de Felipe Rau e Daniel Teixeira.

Disponível em: <http://cultura.estadao.com.br/blogs/marcelo-rubens-paiva/bandeirantes-assassinos/>. Acesso em: 25 jul. 2016.

Observamos, no comentário de Marcelo Rubens Paiva, que as minorias (no caso, os índios) não se sentem representadas pelos monumentos e, pelo contrário, acreditam que é uma homenagem injusta por exaltar personagens que causaram dor e tristeza a uma parte da população que aqui estava quando os europeus chegaram. Diversos autores dão ênfase à mistura entre portugueses e índios no país recém-invadido, com predomínio da língua guarani, como mostram os trechos da obra de Holanda (1995, pp.124-125):

Um século depois de Antônio Vieira, de Artur de Sá e Meneses, de Antônio Pais de Sande, condição exatamente idêntica à que, segundo seus depoimentos, teria prevalecido no São Paulo do último decênio seiscentista será observada por d. Félix de Azara em Curuguati, no Paraguai. Ali também as mulheres falavam só o guarani e os homens não se entendiam com elas em outra língua, posto que entre si usassem por vezes do castelhano. Essa forma de bilinguismo desaparecia, entretanto, em outras partes do Paraguai, onde todos, homens e mulheres indiscriminadamente, só se entendiam em guarani, e apenas os mais cultos sabiam o espanhol. Deve-se notar, de passagem, que ao mesmo Azara não escaparam as coincidências entre o que lhe fora dado observar no Paraguai e o que se afirmava dos antigos paulistas. “Lo mismo”, escreve, “ha sucedido exatamente en la imensa provincia de San Pablo, donde los portugueses, habiendo olvidado su idioma, no hablan sino el guarani”. Ao tempo em que redigia suas notas de viagem, essa particularidade, no que diz respeito a São Paulo, já pertencia ao passado, mas permaneceria viva na memória dos habitantes do Paraguai e do Prata castelhanos, terras tantas vezes ameaçadas e trilhadas pelos antigos bandeirantes. (HOLANDA, 1995, pp.124-125).

Apesar de utilizarem até mesmo o guarani como língua, os bandeirantes não pouparam os índios da escravização e de toda sorte de barbáries, e isto pode não justificar a pichação de uma obra escultórica importante, como o Monumento às Bandeiras, mas talvez nos ajude a entender por que parte da população paulistana não se sente representada por esses monumentos.

### **5.6. Quadrilha é presa furtando peças no Cemitério do Araçá**

O roubo e a depredação dos cemitérios são mais alguns dos sintomas de que a pós-modernidade trouxe consigo o questionamento sobre o que é sagrado, o que deve ser respeitado dentro da sociedade ou o que a representa. No caso dos cemitérios, Araujo (2013, p.3), apud Harry Bellomo (2000, p.16), destaca que as necrópoles podem ser enxergadas, dentre outras possibilidades, como:

Fonte histórica para preservação da memória familiar e coletiva: levando em conta que a memória coletiva é fundamental para a formação da identidade e da coesão da família ou da comunidade, a análise das inscrições, fotos, datas, títulos (doutor, comendador, etc.) e dados pessoais ou profissionais nos leva a conhecer a atuação das várias gerações e o processo histórico local.

Fonte de estudo das simbologias das crenças religiosas: as inscrições, símbolos, estátuas, pinturas nos mostram a religiosidade local e a relação existente entre religião e morte. Cristos, anjos, crucifixos e estátuas de santos nos revelam a visão cristã e as devoções mais comuns da região analisada.

Forma de expressão do gosto artístico: as obras de arte funerárias nos revelam muito do gosto artístico vigente na época em que foram compostas, indicando as preferências particulares e públicas.

Forma de expressão da ideologia política: muitos túmulos celebram a memória de um personagem que possuía atribuições políticas na sociedade através da estatuária, de inscrições ou textos que representem a ideologia política da época em que foram construídos, com o intuito de ressaltar as qualidades do modelo político em que estavam inseridos e refletir a ideologia oficial do Estado.

Forma de preservação do patrimônio histórico: por conter obras funerárias de renomados artistas, os cemitérios podem ser uma forma de se preservar o patrimônio histórico-cultural de uma região, tornando-se desse modo "museus a céu aberto".

Fonte de preservação das identidades étnicas: analisando os nomes das famílias e as fotografias, podemos saber a origem e a etnia dos habitantes da área.

No entanto, na atualidade, o respeito pelos locais antes vistos como sagrados caiu em desuso e lugares como igrejas, templos e cemitérios estão sujeitos à invasão, depredação e outros tipos de ataques, como mostra a reportagem a seguir, do Jornal Folha de São Paulo:

Figura 17-Quadrilha é presa suspeita de furtar peças em cemitério em SP

**cotidiano** saúde | rio

## Quadrilha é presa suspeita de furtar peças em cemitério em SP

MARTHA ALVES  
RICARDO BUNDUKY  
DE SÃO PAULO

10/01/2014 @ 04h43 - Atualizado às 15h53

Compartilhar        Mais opções

Policiais militares prenderam uma quadrilha suspeita de furtar peças de bronze no cemitério do Araçá, na região do Sumaré, zona oeste de São Paulo, na madrugada desta sexta-feira.

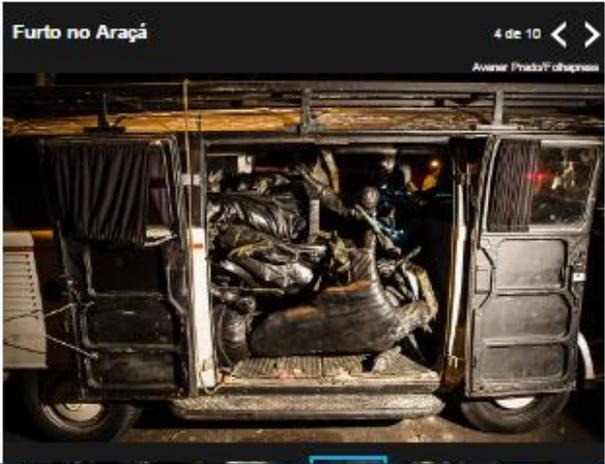
Moradores da região ligaram para o 190 reclamando de barulho no cemitério, por volta da 1h. Quando os policiais chegaram no local flagraram quatro homens transportando cerca de 30 peças de bronze para o interior de uma Kombi, estacionada do lado de fora do cemitério.

Dois homens foram presos no interior do cemitério. Outros dois tentaram fugir pulando o muro do cemitério, mas foram presos na rua. Uma mulher, escondida no interior de um Meriva estacionado próximo à Kombi, também foi presa.

Segundo a Polícia Militar, a Kombi estava lotada com as peças furtadas e a mulher faria o transporte do restante da quadrilha. Entre as peças apreendidas estavam dez esculturas, dois vasos, nove crucifixos, uma pira e cinco bases, todos de bronze.

**PUBLICIDADE**  
MENSAGENS MINHA CASA MINHA VIDA  
MÊS TODO PRONTO MRV

**Furto no Araçá** 4 de 10 < >  
Avisar / Prato / Compartilhar



Fonte: Folha de S.Paulo. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/01/1395785-cinco-sao-presos-suspeitos-de-furtar-bronze-no-cemiterio-araca-sp.shtml>. Acesso em: 16/8/2016.

Desde a pré-história, de acordo com descobertas arqueológicas, há o hábito de enterrar os mortos ou cobri-los com pedras. Egípcios guardavam os corpos dos faraós em criptas dentro das pirâmides e os cristãos da Antiguidade o realizavam

nas paredes das galerias subterrâneas que se faziam as tumbas para sepultar os mortos.

Ao longo do tempo, os cemitérios começaram a ser construídos nas áreas internas das igrejas ou perto delas, sendo que a partir do séc. XVIII criou-se um sério problema com a falta de espaço para os sepultamentos nessas áreas, causando poluição e doenças mortais, o que tornava altamente perigosas as proximidades dos templos.

Na Inglaterra, uma lei foi criada para regular os sepultamentos, passando estes a serem feitos ao ar livre e longe do perímetro urbano, aproximando-se do conceito atual da palavra cemitério.

Como citado anteriormente, os cemitérios são antigos para a humanidade e existem alguns com tumbas datadas de mais de 1.400 anos, como o famoso *Wadi-Al-Salaam*, que significa Vale da Paz.

Trata-se de um cemitério islâmico localizado na cidade sagrada de Najaf, no Iraque, e tem sepultamentos há quase um milênio e meio, contendo os restos mortais de várias figuras importantes da História.

Além de sua importância histórica, este cemitério pode deter o título de o maior do mundo, pois ocupa uma área de 1.485 hectares. Najaf é uma das maiores cidades do Iraque e possui população de cerca de 600 mil pessoas, porém a “cidade dos mortos” de *Wadi-Al-Salaam* mantém os restos de milhões de pessoas em uma visão que se estende por cerca de 10 quilômetros quadrados do vale.

*Wadi-Al-Salaam* possui importância na crença xiita, que diz que as almas de todos os homens e mulheres fiéis devem se mudar para lá, não importando onde seus corpos forem enterrados; assim, muitos profetas, reis, príncipes e sultões “descansam” nesse cemitério, incluindo os profetas Hud e Saleh, e Ayatullah Sayyid Muhammad Baqir al-Sadr, assim como os restos mortais do príncipe dos fiéis, Ali Ibn Abi Talib.

Este cemitério possui túmulos construídos com tijolos de barro e gesso, tendo criptas e lápides de diferentes níveis de altura, e existem jazigos subterrâneos que foram bastante usados também pelos vivos durante as guerras da região.

**Figura 18-Cemitério maior do mundo no Iraque**



Fonte: Disponível em: <http://www.megacurioso.com.br/historia-e-geografia/40479-voce-sabe-qual-e-o-tamanho-do-maior-cemiterio-do-mundo-.htm>. Acesso em: 10 jun. 2016.

Durante a guerra do Iraque em 2003, os combatentes fortemente armados da milícia iraquiana sempre utilizavam o cemitério para se esconderem e emboscar unidades inimigas.

Na Europa existem muitos cemitérios, porém o mais famoso é um localizado na França, chamado de *Père-Lachaise*. Ele não é apenas um cemitério: é uma das atrações turísticas mais visitadas de Paris, com mais de dois milhões de visitantes por ano, e que consta em todos os guias de viagem sobre a Cidade Luz.

Diversas personalidades estão sepultadas ali, das mais diferentes atividades.

O local onde está o cemitério é utilizado desde a Idade Média. No século XII, era propriedade do bispo de Paris e conhecido como *Champ l'Évêque* (campo do bispo); os moradores da região exploravam suas terras, onde plantavam uvas, cereais e legumes; além disso, o local também era chamado de *Mont-aux-Vignes* (Monte das Vinhas).

No ano de 1430, Régnault de Wandonne, rico comerciante de especiarias, comprou a terra e ali construiu uma luxuosa casa de campo. Nos séculos seguintes, depois de passar pelas mãos de vários proprietários, o lugar foi vendido, em 1626, a Marie d'Huillier, que o ofertou aos jesuítas, e desde então o local passou a ser chamado de *Mont-Louis* (Monte Luís) em homenagem a Louis IX (São Luís).

Católicos construíram ali um convento (onde hoje há uma escola, o Liceu Charlemagne) e uma casa de repouso cercada por um grande jardim. Em 1652, durante a Fronde – uma série de conflitos que agitou Paris contra a regência de Anne d'Autriche (Anna da Áustria) – Louis XIV, então com catorze anos, refugiou-se na propriedade onde, no alto da colina, escapou por pouco de ser atingido por uma bala de canhão. Os jesuítas ganharam a estima do rei, e em 1675 o padre François d'Aix de La Chaize tornou-se o confessor do monarca e toda a propriedade foi colocada à disposição do religioso, que ampliou as terras e reformou a casa, transformando-a num verdadeiro palacete.

De novo o lugar passou pelas mãos de vários donos até que, em 1803, foi comprado pela cidade de Paris por ordem de Napoleão I, que queria fazer ali o cemitério do leste parisiense. E o nome do padre continuou, pois o local ficou conhecido como *Cimetière Père-Lachaise*. A inauguração aconteceu em 21 de maio de 1804 (Blog direto de Paris, 2016). Em 1810, Alexandre Théodore Brongniart, o arquiteto da Bolsa de Paris, foi encarregado de reformar o cemitério. Ele fez os projetos entre 1810 e 1813, desenhando um pequeno número de alamedas a partir do que já existia. Um exemplo é a hoje conhecida como *Allée Transversale* número 1 (allée é alameda em francês). Projetou também duas rotatórias, que mais tarde iriam acolher monumentos-túmulos de prestígio. A aparência do *Père-Lachaise* teria de ser a de um jardim inglês.

Seguiu-se o costume de enterrar pessoas importantes nesse cemitério, como Molière, La Fontaine e Oscar Wilde.

A criação dos cemitérios no Brasil seguiu as tradições trazidas pelos europeus, que já a praticavam na Europa e em suas colônias, inicialmente com o sepultamento próximo às igrejas católicas, e depois, com a criação dos cemitérios católicos, protestantes e judaicos.

Na cidade de São Paulo, dois cemitérios entraram para a história da cidade pela sua antiguidade, bem como pelos personagens neles sepultados: o Cemitério do Araçá e o da Consolação.

O Cemitério da Consolação, fundado em 1858, possui uma grande quantidade de obras escultóricas de arte tumular em diversas sepulturas, mostrando os avanços da arte em alguns períodos da história brasileira e personagens famosos sepultados, os quais representavam a elite da sociedade paulistana em suas vidas. Trata-se de um local tranquilo com aproximadamente 300 esculturas e trabalhos de

artistas famosos, como Victor Brecheret e o arquiteto Ramos de Azevedo. Além dos próprios Azevedo e Brecheret, há sepulturas de personagens da história paulistana e brasileira, como Monteiro Lobato, Tarsila do Amaral, Ramos de Azevedo e Mário de Andrade, além do imponente mausoléu da família Matarazzo, o maior da América do Sul, cuja altura equivale a um prédio de três andares. De acordo com informações do site Cemitérios SP (2016):

O Cemitério do Araçá foi construído em 1887 e é o terceiro mais antigo da cidade, atrás apenas dos cemitérios da Consolação e o da Quarta Parada. Destinado à burguesia emergente de imigrantes, foi construído por motivos de higiene, à medida que o antigo hábito do sepultamento nas igrejas era deixado para trás, e também por causa da falta de espaço do Cemitério da Consolação.

Com uma área de mais de 220 mil m<sup>2</sup>, o Cemitério do Araçá está localizado na Avenida Doutor Arnaldo, próximo ao estádio do Pacaembu, em frente ao Hospital de Isolamento, entre os bairros do Pacaembu e Pinheiros na cidade de São Paulo – SP. O cemitério possui cerca de 8 salas de velório em 2 andares, além de oferecer a comercialização de caixões. Há uma grande quantidade de sobrenomes italianos, armênios ou libaneses e japoneses.

O Cemitério do Araçá abriga o mausoléu da Polícia Militar do Estado de São Paulo, aonde são enterrados apenas policiais mortos em ação. Abriga também os túmulos de grandes personalidades, como o jornalista e empresário Assis Chateaubriand, o jogador de futebol Félix Miélli Venerando (goleiro da Seleção Brasileira campeã da Copa do Mundo de 1970), o piloto de Fórmula 1 José Carlos Pace (Moco), os poetas Haroldo de Campos e José Mauro de Vasconcelos, o pianista Pedro “Pedrinho” Mattar, o guitarrista Wander Taffo, além dos atores Laerte Mattar, Nair Bello e Cacilda Becker.

A arte tumular do Cemitério do Araçá o faz um dos cemitérios mais visitados de toda a Grande São Paulo. Fortemente influenciadas pelo cristianismo, algumas obras espalhadas pelo cemitério foram realizadas por artistas de grande renome internacional na época, financiados pelas tradicionais famílias da antiga elite cafeeira.

A maioria dos túmulos são grandes construções com vistosas lápides, ornados por importantes obras de arte bastante detalhadas, como as esculturas de Rafael Galvez, de Enrico Bianchi e a réplica da “Musa Impassível”, escultura de Victor Brecheret. A escultura original foi feita em Paris para a lápide da poetisa brasileira Francisca Júlia, foi restaurada e agora está em exposição na Pinacoteca.

A Capela do Araçá apresenta traços do estilo neogótico a exemplo da Catedral da Sé, com colunas e torres altas. Várias esculturas de mármore, cobre e bronze enfeitam as lápides e representam variados sentimentos perante a morte e a perda de um ente querido, como desolação, angústia, desespero, vitória, elevação e leveza.

No passado existia na cidade de São Paulo e em outras cidades um certo respeito pelos cemitérios, igrejas e locais ligados a rituais religiosos; contudo, na atualidade estes locais deixaram de ser protegidos por uma aura espiritual e passaram a ser alvos de depredação e furtos.

Figura 19-Cemitério do Araçá é alvo de ataque de vândalos

**cotidiano** ★★

TAMANHO DA LETRA + - | COMUNICAR ERROS ! | IMPRIMIR 🖨 | LINK 🔗 | COMPARTILHAR ↗

◀ TEXTO ANTERIOR PRÓXIMO TEXTO ▶

## Cemitério do Araçá é alvo de ataque de vândalos

*Ao menos 21 lápides foram quebradas; câmeras da região serão analisadas*

**Segundo testemunhas, grupo vestido com roupas pretas invadiu o local na madrugada do último domingo**

RICARDO BUNDUKY  
DE SÃO PAULO

Imagens de santos feitos de mármore desmembrados e caídos sobre as lápides, estátuas de bronze e cobre com as cabeças tocando o chão, e crucifixos destruídos.

Esses são alguns dos sinais da destruição no cemitério do Araçá (zona oeste), resultado do maior ato de vandalismo já ocorrido no local. Ao menos 21 lápides foram depredadas.

Testemunhas dizem que a destruição foi feita por um grupo de cerca de 30 pessoas.

Fonte: Folha de S. Paulo. Disponível em:  
<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/146708-cemiterio-do-araca-e-alvo-de-ataque-devandalos.shtml>. Acesso em: 16 ago. 2016.

### 5.7. Estátua de conde vai parar atrás das grades na Pompeia

A matéria que fala sobre a estátua do conde Matarazzo é um exemplo de apropriação de estátuas pelos indivíduos de um local.

Segundo a informação da matéria, a estátua foi instalada em diversos lugares do bairro até chegar onde está, mas esta definição de um espaço adequado, segundo os moradores do bairro da Pompeia, só foi possível a partir da ação dos moradores, que em contato com a Prefeitura conseguiram levar a estátua para onde queriam.

O apoio do senador Eduardo Suplicy, diz a reportagem, também foi importante para conseguirem instalar a obra em um espaço adequado. De acordo com moradores, a estátua está em um lugar que era frequentado pelo conde, próximo das suas empresas que funcionaram por muitos anos naquela região.

Nesta situação, vemos que a memória coletiva foi alimentada por histórias sobre o dia a dia do conde e de seus empregados naquela vizinhança, fazendo com que os moradores atuais acreditem que a estátua faz parte das suas vidas e das de seus antepassados, criando um sentimento de pertencimento em relação ao monumento escultórico. É um caso em que a memória coletiva alimenta a história, notadamente as condições socioeconômicas dos habitantes do bairro e modificam o comportamento dos indivíduos em relação às estátuas. O bairro da Pompeia possui uma população que varia entre as classes média e alta, o que cria indivíduos com mais anos de educação e maior contato com a cultura. Ademais, os moradores da Pompeia vivem em uma região cujos imóveis custam altos valores que provavelmente foram herdados de pessoas com grande poder aquisitivo, portanto, em uma esfera da pirâmide social sem as preocupações com os meios básicos para a sobrevivência (alimentação e moradia), como preconizou Maslow (1954), com sua pirâmide e representação da hierarquia das necessidades humanas.

Figura 19-Estátua de conde vai parar atrás das grades na Pompeia, em SP

**cotidiano** saúde | rio

## Estátua de conde vai parar atrás das grades na Pompeia, em SP

LEANDRO MACHADO DE SÃO PAULO

03/03/2014 @ 03h30

[f](#) [Compartilhar](#) [t](#) [g+](#) [in](#) [e](#) [<](#) [0](#) [DUVIDA O TEXTO](#) [+](#) Mais opções

Um conde está atrás das grades há três meses, impedido de receber visitas dos moradores da Pompeia, bairro da zona oeste de São Paulo.

A estátua do conde Francisco Matarazzo (1854-1937), agora postada no meio de uma praça fechada com cadeado, tem uma história de andanças pela região.

Começa nos anos 1930, quando o artista italiano Giandomenico de Marchis presenteou a família do magnata com a obra. Por muito tempo, ela ficou na entrada das Indústrias Reunidas Matarazzo, perto de onde está agora.

Nos anos 1980, quando a empresa faliu, foi deslocada para a praça em frente ao shopping West Plaza, seu último endereço antes de ser removida para a praça Raízes da Pompeia, entre o shopping Bourbon e o Sesc.

Segundo Maria Antonietta de Lima, 76, presidente da Associação de Amigos da Vila Pompeia, o bairro se desenvolveu em torno dessa praça, onde o conde se reunia com seus funcionários. Por isso, diz, o monumento foi para lá.

Mas a mudança foi enrolada: a comissão de estátuas da prefeitura vetava a medida porque as grades atrapalhariam a apreciação da obra.



A estátua do conde Francisco Matarazzo em SP

Fonte: Folha de S. Paulo. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/03/1420342-estatuadecondevai parar atrás das grades na pompeia.shtml>. Acesso em: 16 ago. 2016.

Se fosse colocada esta estatueta em uma região pobre da cidade, como por exemplo o Jardim Pantanal, ou em outro lugar cuja população possui baixa renda e sérias dificuldades de sobrevivência, talvez a situação da estátua não fosse a mesma, nem a história do personagem homenageado geraria o sentimento de pertencimento observado na matéria jornalística, pois não representaria a identidade da população daquela região.

Como preconizou Stuart Hall (2006), temos diversas identidades na pós-modernidade quando falamos em nações, mas até dentro de uma cidade, como é o caso de São Paulo, há vários mundos diametralmente diferentes em razão das condições socioeconômicas de sua população. Nesta cidade há pessoas com padrões de vida europeus, até pessoas com padrões de vida de países em guerra, com fome e doenças, como podemos observar se compararmos bairros abastados como Jardim Europa e Higienópolis de um lado, e Itaquera e Guaianazes de outro.

A relação com os monumentos escultóricos certamente é diferenciada segundo as condições de acesso dos moradores da cidade a bons empregos, renda, viagens, educação, etc. A primeira notícia que chamou a atenção nas pesquisas efetuadas no acervo do jornal O Estado de S. Paulo foi a do artigo assinado por A. Andrea Matarazzo, na edição de 9 de março de 2004, página B7 do caderno de Economia, intitulada: “450 anos de São Paulo; 150 anos de Matarazzo”.

O autor, que faz parte da família do personagem celebrado, comenta sobre a figura do conde Matarazzo, ao qual atribui características que pretendem criar uma memória seletiva sobre o empresariado paulista, além de valorizar itens da identidade do Estado, associados ao mito dos bandeirantes, como visão de futuro, capacidade de trabalho, entre outros (ver figura 22):

Figura 20-450 anos de São Paulo; 150 anos de Matarazzo

TERÇA-FEIRA, 9 DE MARÇO DE 2004

ECONOMIA

O ESTADO DE S. PAULO - B7

ARTIGO

# 450 anos de São Paulo; 150 anos de Matarazzo

A. ANDREA MATARAZZO

Os 450 anos de São Paulo coincidem com os 150 anos de nascimento de Francisco Matarazzo, pioneiro e ícone da industrialização paulista e brasileira, o maior industrial da América Latina, considerado um gênio empresarial. Matarazzo significava riqueza. Dinheiro, centenas de fábricas, comércio, arranha-céus, palacetes, fazendas, navios, estradas de ferro e muito mais. O maior conglomerado econômico do país, com forte presença internacional.

Tudo começou com um imigrante de visão empresarial privilegiada e muita capacidade de trabalho, apaixonado pela Itália e também pelo Brasil, terra de nove de seus treze filhos.

Francisco Matarazzo nasceu em 9 de março de 1854, na pequenina Castellabate, perto de Salerno, Mezzogiorno italiano. Chegou ao Brasil em 1881. Tinha 27 anos. Veio com o irmão Andrea. Fugia da crise italiana, queria e precisava fazer a América. Não tinha curso superior.

Preparava-se para ingressar na carreira militar, quando a morte prematura do pai, o médico Costabile Matarazzo, em 1873, o obrigou a mudar de rumo. Filho mais velho, assumiu a chefia da família.

Deixa na Itália a mulher Filomena, a mãe Mariângela e seus irmãos e irmãs.

Desembarca com poucos recursos e muitos sonhos. Começa mal. As mercadorias que trazia para vender afundam na baía da Guanabara

ao serem transportadas do navio para o cais. Não desanima. Segue para Sorocaba-SP, determinado a abrir caminho no comércio com o dinheiro que tinha no bolso, cerca de um milhão de liras. Simpático, é bem aceito. Recebe o apoio da colônia italiana, especialmente do bom amigo Grandino, sapateiro e comerciante, também de Castellabate.

Em 1882, abre modesto armazém de secos e molhados. Comercialização de farinha de trigo, sal, feijão, arroz, feijão e outros alimentos, especialmente carne e banha de porco, produto que o país importava dos Estados Unidos. Dele, em entrevista: "Estabelecimento em Sorocaba, abriu um botecoim, ou venda, como se diz aqui no Brasil. Eu lhe faço notar que não tive jamais nem procurei ter o que se chama patrão."

Nos anos seguintes, cresce muito. Amplia a atividade comercial, implanta pequenas fábricas de banha em Sorocaba e região. Traz os irmãos Giuseppe e Luigi. Depois virão também Nicola e Costabile. Fabrica a banha, as latas para embalar, modéstias e assim por diante. Muda para São Paulo em 1890. Atua no comércio interno e importação, no setor financeiro e no industrial.

Em 1900, com financiamento inglês, instala no Brás o primeiro grande moinho de trigo paulista, marco de uma trajetória que fará dele o italiano mais rico do mundo, conforme registrado pelo deputado Vitorio Emanuele Orlando no Parlamento Italiano, em 1920.



Estatua do conde Matarazzo: homenagem ao industrial pioneiro

Em 1911, abre as Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo-IRFM, uma sociedade anônima. Lema: Fides, Honor, Labor. Amplia rápida e progressivamente o campo de ação. Alimentos, tecidos, bebidas, navegação, metalurgia, energia, agricultura, imóveis etc. Amalha recursos crescentes, investe muito, expande-se espetacularmente. Espalha indústrias pelo Brasil. Sua rede comercial abrange o País inteiro.

Torna-se símbolo de sucesso empresarial, referência da imigração vitoriosa, mito e exemplo. Só viveu fora do Brasil durante a Primeira Guerra Mundial. Foi prestar serviços à Itália, sobretudo na coordenação do abastecimento de tropas e civis. Seu império industrial foi chamado por Assis Chateaubriand de "Estado Matarazzo". Sua receita superava a de qualquer unidade federativa, menos São Paulo. Aínda Chateaubriand, no começo de 1934: "No Brasil nem Per-

Foto: H. J. CAE - 27/12/2000

combustível substituído para veículos leves. Sugeriu também a adoção de drawback para aumentar as exportações, que queria ver desoneradas de impostos. Não achava sensato cobrar pela ineficiência do Estado. Para compensar a queda da arrecadação, recomendava forte taxaço sobre os latifúndios improdutivos, de modo a forçar a produção em terras férteis e abundantes. Como se vê, estava muito à frente de seu tempo.

Morreu em São Paulo, em fevereiro de 1937, aos 82 anos.

O espírito empreendedor do patriarca permaneceu vivo na família. Por exemplo, com Francisco Matarazzo Junior, continuador da obra paterna, que liderou as IRFM nas décadas seguintes. Com o industrial, mecenas e homem de arte Francisco Matarazzo Sobrinho, o Cicélio, fundador da Metalúrgica Matarazzo, da Bienal de Artes Plásticas de São Paulo, do MAM, do MAC, da Companhia Cinematográfica Vera Cruz, do Teatro Brasileiro de Comédia. Ou com Francisco "Baby" Matarazzo Pignatari, neto do fundador, que também desenvolveu vasto complexo industrial.

Autorizado pela família, que finalmente abriu os arquivos e a memória, o escritor Ronaldo Costa Couto trabalha há quase cinco anos em livro sobre os Matarazzo. Mergulhou no estudo e pesquisa no Brasil e na Itália. Na historiografia, na documentação familiar e oficial, em todas as fontes.

Sei que já registrou mais de 150 depoimentos relevantes e que está impressionado com a grandeza, a importância, o fascínio e a riqueza da história. E também com as descobertas e revelações.

É muito bom ver o Conde Francisco Matarazzo redescoberto e sua obra colossal registrada. Ele é exemplo e referência superior para todos nós. Pela dedicação ao trabalho, visão, coragem, capacidade empreendedora e confiança no Brasil. Pelo que mostrou que este grande país pode vir a ser e por uma obra que perdura até os dias de hoje.

■ A. Andrea Matarazzo, industrial, é sobrinho-bisneto de Conde F. Matarazzo. Foi ministro de Comissão de Governo da Presidência da República (governo Fernando Henrique Cardoso), embaixador na Itália e secretário de Estado de Energia (governo Collor).

## Quadri Split é na A. Dias!

19.700 - 28.000 BRL

\* Tudo isso é mais a qualquer preço, incluindo instalação por técnicos licenciados e garantia de 5 anos. (Não é aplicável a todos os modelos)

**AD12**  
AIR CONDICIONADO  
3.5 Star

www.adias.com.br  
(11) 3649-4000  
Rua Tam. 1609 - Lago - SP  
Pague nos taboões das 9 às 18h

Fonte: jornal O Estado de S. Paulo de 9/3/2004. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20040309-40320-nac-19-eco-b7-not/busca/Est%C3%A1tua+homenagem+S%C3%A3o+Paulo>. Acesso em: 26 jul. 2016.

Percebemos que apesar de ter-se reduzido a riqueza do grupo Matarazzo, como o autor comenta: "Matarazzo significava riqueza: dinheiro, centenas de fábricas, comércio, arranha-céus, palacetes, fazendas, navios, estradas de ferro e muito mais", a influência dos representantes dessa elite paulista continua presente na política, em que o senador Eduardo Matarazzo Suplicy foi destaque por vários anos no cenário da política nacional e em outros campos diversos.

No artigo há uma associação da ideia de desenvolvimento de São Paulo por meio da ação de indivíduos que tinham visão e atitudes diferenciadas do restante da população, o que acaba desconsiderando o papel de um grande número de

trabalhadores brasileiros vindos principalmente da Região Nordeste do País para tentar obter sucesso na cidade grande.

Notamos que o artigo serve para reforçar a imagem vitoriosa paulista, sem considerar uma série de consequências oriundas do enriquecimento de grupos, como o da família Matarazzo.

Longe de pretender adotar uma crítica aos grupos econômicos que cresceram e dominaram o mercado de diversos segmentos da economia paulista entre os séculos XIX e XX, é necessário pensar sobre o que de fato representaram em termos de geração de emprego e riqueza para a população, ao invés dos benefícios trazidos apenas para uma parcela privilegiada.

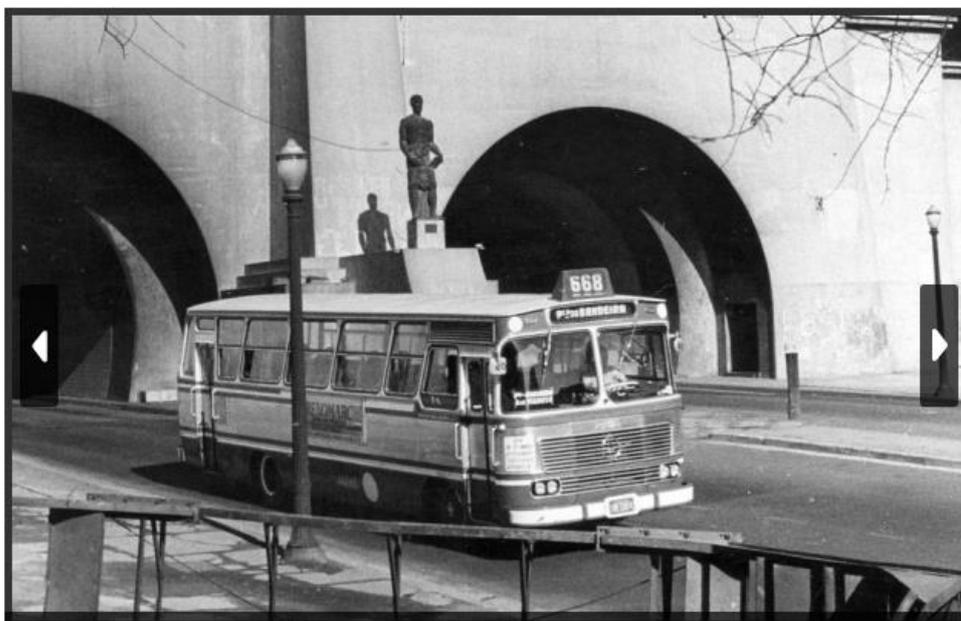
### **5.8. Avenida 9 de Julho: o lugar das estátuas malditas. Obras criticadas pela sociedade foram colocadas nos canteiros da avenida**

#### **Figura 21-Entrada do túnel Nove de Julho**

Quatro obras, em diferentes décadas, foram colocadas na avenida: *Laocoonte e seus filhos*; *Beijo Eterno* ou *Idílio*; *O Menino* e *O Catavento* e *São Paulo Apóstolo*. Nenhuma permaneceu. A impossibilidade da Prefeitura colocar um monumento ali que não fosse criticado rendeu ao local o apelido, de "lugar maldito".

#### **ESTÁTUAS DA AVENIDA 9 DE JULHO**

Alvo de críticas, obras foram retiradas da avenida



Fonte: Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,avenida-9-de-julho-o-lugar-das-estatuas-malditas,11834,0.htm>. Acesso em: 16 ago. 2016.

A primeira notícia que chamou a atenção nas pesquisas efetuadas no acervo do jornal O Estado de S. Paulo, envolvendo polêmicas com monumentos, é intitulada: *Avenida Nove de Julho: o lugar das estátuas malditas*.

Esta matéria foi publicada em 17 de dezembro de 2015 e tem como autores Carlos Eduardo Entini e Liz Batista (2015), e como característica importante o fato de resumir algumas discussões sobre monumentos da cidade de São Paulo. Na citada matéria, os autores dão conta de que por várias décadas era comum a técnica da Prefeitura de São Paulo de esconder as estátuas que causavam controvérsias entre os cidadãos, em local reservado na Avenida Nove de julho, como mostra o trecho transcrito abaixo:

Durante décadas a Prefeitura de São Paulo viu frustrada sua tentativa de esconder estátuas polêmicas na Avenida 9 de Julho. Usando o isolamento como uma forma de ocultar as obras dos olhares críticos, a administração usava a seguinte técnica: colocava as peças em pontos mais distantes do público e vedados aos pedestres, como no canteiro central ou na entrada do túnel.

Quatro obras, em diferentes décadas, foram colocadas na avenida: *Laocoonte e seus filhos*; *Beijo Eterno ou Idílio*; *O Menino e o Catavento*, e *São Paulo Apóstolo*. Nenhuma permaneceu. A impossibilidade de a Prefeitura colocar um monumento ali que não fosse criticado rendeu ao local o apelido de "lugar maldito". (ESTADO, 2015).

Os jornalistas informam que as estátuas que geravam mais repúdio de parte dos cidadãos eram aquelas que representavam pessoas nuas ou em situações amorosas, como mostra o restante da reportagem de 17 de dezembro de 2015:

Duas esculturas que retratam figuras humanas nuas causaram um rebuliço. A colocação das obras *Beijo Eterno* (1922) e *O Menino e o Catavento* (1914) na avenida fez chover reclamações da patrulha defensora da moral e dos bons costumes. Mesmo distantes das calçadas, as esculturas ainda perturbavam aqueles que “não admitem nudez, seminudez mesmo numa obra de arte”, como contou o Estado de 30/11/1966.

Após os protestos, *Idílio* e *O Menino e o Catavento* acabaram sendo removidas por estudantes da Faculdade de Direito, que decidiram levá-las para o Largo São Francisco, onde estão até hoje.

Antes delas, a obra *Laocoonte e seus filhos* (1938), uma réplica de uma estátua grega criada pelo Liceu de Artes e Ofícios, também foi retirada dali. Hoje ela está no Parque do Ibirapuera.

*Beijo Eterno*. Originalmente parte do Monumento a Olavo Bilac, a obra foi criada pelo escultor sueco William Zadig a pedido dos alunos do Centro Acadêmico Onze de Agosto da Faculdade de Direito do Largo São Francisco. (ESTADO, 2015).

Para compreender o impacto que a representação de uma cena de amor entre um homem e uma mulher causava aos pedestres cidadãos da cidade de São Paulo, basta observarmos a obra *O idílio* (figura 24), adiante:

**Figura 22-O Idílio – instalada no Largo São Francisco**



Fonte: Acervo OESP de 17 de dezembro de 2015. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,avenida-9-de-julho-o-lugar-das-estatuas-malditas,11834,0.htm>. Acesso em: 16 ago. 2016.

Para uma época em que predominavam os poderes políticos e da Igreja Católica, não eram toleradas exposições públicas de afeto entre homens e mulheres, e até mesmo uma bela representação por meio de estátua era motivo para repúdio dos cidadãos mais tradicionais, que não se rendiam às novidades e avanços nas artes.

Figura 23-Notícia Túnel já tem nova estátua



Fonte: Acervo OESP de 17 de dezembro de 2015. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,avenida-9-de-julho-o-lugar-das-estatuas-malditas,11834,0.htm>. Acesso em: 16 ago. 2016.

Os costumes europeus eram imitados nas roupas (moda), na literatura e em outros campos das humanidades, mas o avanço de uma sociedade criada inicialmente por portugueses que se misturaram aos escravos e índios que andavam nus pelo território posteriormente chamado de Brasil é, no mínimo, inusitado.

Figura 24-Notícia Prefeitura retira mais uma estátua da cidade



Fonte: Acervo OESP de 17 de dezembro de 2015. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,avenida-9-de-julho-o-lugar-das-estatuas-malditas,11834,0.htm>. Acesso em: 16 ago. 2016.

As discussões sobre a escultura *O idílio* só cessaram quando os alunos da Faculdade de Direito do Largo São Francisco defenderam a ideia de que a obra deveria ficar em frente à Faculdade de Direito, como mostra a continuidade da matéria de 17 de dezembro de 2015:

[...] Antes disso, ela perambulou pela cidade, como mostra o projeto Memória da Amnésia, de Giselle Beiguelman, artista e professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP).

A peça seguiu um roteiro de reclamações, protestos e abaixo-assinados para sua remoção. Sobre as críticas à obra, Beiguelman disse que ela chocou "não tanto pela nudez", mas por ter outro ingrediente considerado "ultrajante" pelos reclamantes. A escultura mostra "um branco beijando uma índia", algo "muito forte para um determinado contexto conservador", explicou.

A perambulação do Beijo Eterno começou quando ela foi removida do monumento ao qual pertencia e levada ao depósito da Prefeitura em 1936. Lá ficou até ser levada para o bairro de Pinheiros, onde foi colocada em frente ao Colégio Fernão Dias Paes. Os pais dos alunos consideraram a estátua imoral e pediram sua retirada. De lá foi novamente para o depósito da Prefeitura, onde ficou até 1965, quando foi levada para o Largo do Cambuci. Um abaixo-assinado dos moradores do bairro fez com que ela retornasse ao depósito, até que o prefeito Faria Lima decidiu colocá-la próximo à entrada do Túnel 9 de Julho.[...]

Dias depois, o vereador Antonio Sampaio pedia a palavra na Câmara para protestar sobre a obra; chamou-a de obscena e disse que era um atentado aos bons costumes. Foi então que, em 18 de outubro de 1966, os estudantes do Centro Acadêmico XI de Agosto decidiram resgatá-la e levá-la para o "Território Livre" da Faculdade de Direito. A ação dos jovens não terminou por aí.

Em carta eles ameaçaram reagir caso a obra fosse removida: "se a estátua "Idílio" for retirada do Largo São Francisco, vestiremos todas as outras estátuas nuas da cidade e colocaremos aliança nas que representam pessoas abraçadas". (ESTADO, 2015).

É evidente que predominava em São Paulo, ainda, em 1966, o moralismo vitoriano, que considerava um ato de indecência a reprodução em público de corpos nus, esse dado demonstra a assimetria entre as camadas mais conservadoras da sociedade e os estratos de jovens e de intelectuais, que viviam nessa década a grande revolução de costumes proporcionada por bandeiras de amor livre e da igualdade entre os sexos, no entanto, essa revolução era contestada, por outro lado, pelas forças reacionárias que tomaram o poder no Brasil em 1964.

### **5.9. Monumentos órfãos**

Esta matéria toca em um ponto importante da discussão sobre memória e identidade: Quem decide o que deve fazer parte da memória e o que deve ser esquecido?

É normal pensarmos que os monumentos escultóricos que geram um sentimento de pertencimento nos cidadãos são aqueles que vemos comumente nas ruas e museus, porém, nem sempre as coisas seguem este caminho.

Em muitos casos, as esculturas são selecionadas por especialistas ou por indivíduos da sociedade conhecidos pela experiência com arte, ou seja, a escolha de quais monumentos serão expostos, seja nas ruas ou dentro de instituições com exposições, acaba sendo uma opção da minoria.

Tal escolha deixa de fora uma série de monumentos que poderiam ou não agradar ao restante da população, o que estimula um debate sobre o compartilhamento da arte dentro da sociedade e sobre os critérios utilizados para dizer qual arte deve ser exposta e qual deve ser guardada e esquecida.

Figura 25-Monumentos órfãos

B8 cotidiano ★ ★ ★ SÁBADO, 5 DE DEZEMBRO DE 2015 FOLHA DE S. PAULO



**Poeira**  
"O Escoteiro" está em depósitos municipais desde 1936



**Banho**  
A estátua, parte de Homenagem a Olavo Bilac, foi lavada



**Viagem**  
Seus 370 quilos de bronze chegam ao prédio do Arquivo

# MONUMENTOS ÓRFÃOS

Estátuas de SP **deslocadas** de um lugar para o outro até virarem 'sem-chão' são **resgatadas** em projeto que discute **memória urbana**

**FERNANDA MENA**  
DE SÃO PAULO

Um depósito no bairro do Canindé, região central de São Paulo, abriga pedaços esquecidos de São Paulo. Lagostas de bronze fazem companhia a uma água de granito, às patas do cavalo de Duque de Caxias e a um escoteiro de 370 quilos, o veterano local, afastado do convívio público desde 1936. São 16 esculturas, ou seus fragmentos, que uma vez adornaram praças, fontes e belvederes da cidade, mas foram removidas de seus endereços uma ou duas vezes até, enfim, caírem no ostracismo. Essas peças tiveram suas trajetórias pesquisadas ao longo de um ano pelo projeto "Memória da Amnésia", concebido pela historiadora, artista e professora da FAU-USP Giselle Beiguelman. Em uma intervenção urba-

na inédita, elas foram limpas e transportadas ao Arquivo Público de SP —edifício do arquiteto Ramos de Azevedo (1851-1928) inaugurado em 1921 como Escola Politécnica—, onde serão objeto de mostra que integra as jornadas do Patrimônio Histórico.

"A exposição não é uma ode a esses monumentos. Trata de política de memória: quem decide o que deve ser esquecido?", diz Beiguelman. Até 1975, quando foi criado o Departamento do Patrimônio Histórico, eram vereadores que encomendavam peças e determinavam onde seriam instaladas. A artista conta que queria investigar a invisibilidade dessas obras e os motivos que levaram a seu desterro.

O monumento ao poeta espanhol Federico García Lorca (1898-1936), morto na Guerra Civil Espanhola, sofreu atentado a bomba em 1969 e teve seus destroços retirados. Anos depois, restaurada pelo autor, Flávio de Carvalho, foi levada à Bienal, onde provocou reclame do embaixador da Espanha. Sequestrada por estudantes da ECA-USP em 1979, foi levada ao Masp para depois retornar à praça das Guianas.

"O Fauno", de Victor Brecheret (1894-1955), hoje no pátio Trianon, fora original-

mente instalado no terreno do antigo Palácio Episcopal na praça Dom José Gaspar e retirado por causa do suposto descontentamento do arcebispo. "O Beljo", que integrava um grande monumento em homenagem ao poeta Olavo Bilac (1865-1918), foi desmembrado e levado a um depósito em 1936. Instalado no Cambuci em 1956, foi banido após protestos de moradores por ser "indecoroso". Em 1966, ornou o túnel da avenida Nove de Julho, sofreu nova ameaça e foi sequestrado por estudantes da Faculdade de Direito. Está até hoje no largo São Francisco.

"A invisibilidade dessas peças vem da falta de apropriação delas pelos paulistanos. São obras com histórias interessantes que precisam ser significadas e conhecidas", diz Mariana Falqueiro, chefe da Seção de Monumentos e Obras da prefeitura.

Ao longo do projeto, Beiguelman construiu um mapa dos deslocamentos de 60 monumentos nômades na capital paulista (veja em folha, com.br/no1715180).

"É uma situação de nomadismo interesse —algo muito particular de São Paulo. Aqui, os nômades são, politicamente, órfãos. E vice-versa."

**MEMÓRIA DA AMNÉSIA**  
QUANDO de 12/12 a 25/2, de seg. a sáb., das 10h às 17h (abertura 12/12 às 11h)  
ONDE Arquivo Histórico (pça. Cel. Fernando Prestes, 152, Luz)  
QUANTO gratuito

**“ A exposição não é uma ode a esses monumentos. Trata de uma política de memória: quem decide o que deve ser esquecido? ”**

**GISELLE BEIGUELMAN**  
Historiadora, artista e professora da FAU-USP



**Luz**  
Sala do Arquivo Público de São Paulo expõe monumentos e fragmentos que estavam no depósito

**A SAGA DAS ESTÁTUAS**  
Categorias criadas pela pesquisa da mostra

**BANIDOS**  
Monumentos considerados como atentado ideológico ou ao pudor retirados das ruas

**CLONADOS**  
Cópias de outras estátuas expostas como originais  
Ex. Leão do Ipiranga



**ENGRADADOS**  
Cercados por grades

**INVISÍVEIS**  
Escondidos atrás de árvores ou de muros

**ENCLAUSURADOS**  
Uma vez públicos, ocupam hoje espaços privados

Fonte: Acervo FOLHA. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/12/1715180-estatuas-esquecidas-de-sao-paulo-serao-reunidas-em-exposicao.shtml>. Acesso em: 16 ago. 2016.

Alguns afirmam que o Brasil possui uma população sem memória. Será que a falta de memória decorre da dificuldade da população em ter acesso às riquezas culturais construídas pelo suor dos antigos brasileiros, ou a falta de memória é que gera o despreço e ostracismo de algumas obras de arte, pela falta de pessoas que compreendam seu valor histórico, artístico e cultural?

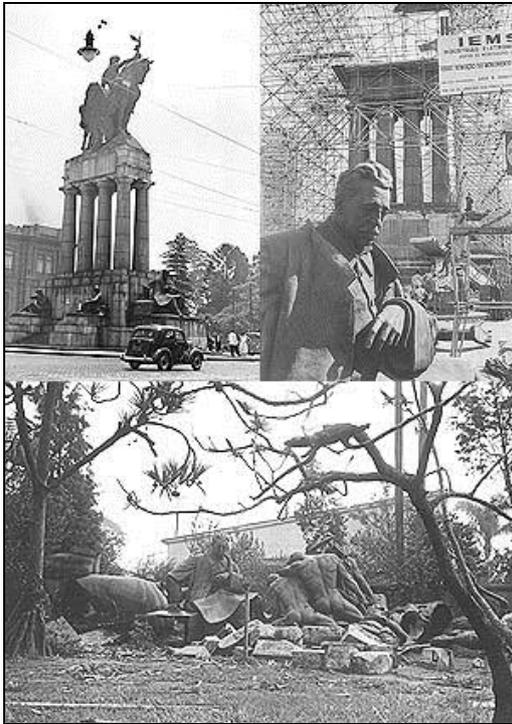
Possivelmente um mal alimenta outro, e a participação da Academia nesta discussão é importante, como podemos observar no caso da matéria ora exposta, pois a iniciativa de membros da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU-USP) trouxe a questão de apropriação destas estátuas à luz para discussões.

Em um País com sérias dificuldades em promover uma educação de qualidade, é de esperar que a história dos monumentos escultóricos (estátuas) passe despercebida. Quando lemos um livro do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), dificilmente vemos conteúdo abundante tratando do patrimônio cultural brasileiro, e quando isto aparece, normalmente fala sobre os sítios arqueológicos do Piauí, a cidade de Ouro Preto, o Cristo Redentor no Rio de Janeiro, e poucos exemplos sobre os monumentos do País.

Certamente a apropriação dos monumentos pela população requer o conhecimento pelo público sobre a história destas esculturas, dos artistas que as produziram e o que queriam expressar; portanto, há a necessidade de incluir um espaço na educação histórica e artística para a valorização deste patrimônio nacional.

Começamos a notar que a temática do patrimônio cultural da cidade de São Paulo, no que diz respeito aos monumentos, é envolta em polêmicas, ora pela depredação devido à não aceitação de algumas obras, ora por outros motivos, como a simples indiferença, como é o caso dos monumentos citados na matéria sobre Monumentos Órfãos, ou em casos como o do Monumento a Ramos de Azevedo (figura 28), o qual será melhor detalhado a seguir.

**Figura 26-Monumento a Ramos de Azevedo**



Fonte: Acervo FOLHA.

Disponível em: [http://almanaque.folha.uol.com.br/monumento\\_ramos.htm](http://almanaque.folha.uol.com.br/monumento_ramos.htm). Acesso em: 16 ago. 2016.

Este personagem nasceu em 8 de dezembro de 1851, sendo batizado como Francisco de Paula Ramos de Azevedo. Segundo informação do site *Educação-Uol*<sup>8</sup> *a história paulista*, foi arquiteto na capital no final do século XIX e início do XX, sendo um dos responsáveis por diversos prédios da belle époque paulistana. O conjunto de sua obra espelha vários estilos, representando a transformação urbanística de São Paulo e o desejo de progresso daquela época em nosso País.

Ramos de Azevedo era filho de uma rica família de Campinas (SP) e no momento dos estudos superiores foi estudar na Universidade de Gante, na Bélgica, local em que se graduou em engenharia e arquitetura no ano de 1878. Em seu retorno a São Paulo usou seus conhecimentos em construção civil, criando um escritório de projetos em Campinas, onde assinou diversos trabalhos, tendo como grande obra inicial a conclusão da igreja matriz da cidade em 1883 (de acordo com o site *Educação-Uol*, 2016), e em 1886 foi convidado a projetar edifícios públicos

<sup>8</sup> Informação eletrônica disponível em: Educação-UOL. Ramos de Azevedo. Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/biografias/ramos-de-azevedo.htm>. Acesso em: 17 fev. 2016.

na cidade de São Paulo, como a Tesouraria da Fazenda, a Secretaria da Agricultura e a Secretaria de Polícia, no pátio do Colégio.

Este brasileiro recebeu como homenagem uma escultura instalada na Avenida Tiradentes em São Paulo-SP, que devido às obras do metrô teve de ser desmontada e removida.

O monumento foi desmontado em 1968, mas somente em 1978 decidiu-se remontá-lo na cidade universitária, ou seja, os cidadãos foram privados de conhecer a obra por uma década, o que demonstra a falta de importância da sociedade paulistana diante de obras que deveriam representá-la.

### **5.10. Cemitério no Jardim Ângela recebe esculturas e vira espaço de lazer**

A notícia extraída do acervo do jornal Folha de S. Paulo apresenta a situação das obras de arte (esculturas) do artista Hugo França, expostas desde 2012 no Cemitério Parque das Cerejeiras no Jardim Ângela, zona sul de São Paulo, de acordo com informação do site Memorial<sup>9</sup> Parque das Cerejeiras.

A matéria é intitulada como: “Cemitério no Jardim Ângela recebe esculturas e vira espaço de lazer”, publicada no jornal Folha de S. Paulo de 9/6/2015, ilustrada, e mostra uma situação peculiar do uso de um cemitério para apresentação de esculturas à população.

O cemitério em questão é chamado de Cerejeiras e fica em um local que foi considerado um dos mais violentos do mundo, o Jardim Ângela, na periferia da zona sul da cidade de São Paulo.

A notícia traz algo interessante, que é a aceitação da arte dentro de uma identidade específica, pois as esculturas de Hugo França são feitas utilizando restos de árvores e produtos do local.

O mais interessante é que o artista produziu 22 esculturas que estão expostas no local, onde ainda há obras de outros artistas, como Ale Bufe, em um bosque chamado Bosque das Palavras.

É um aproveitamento do espaço público para torná-lo agradável e prazeroso para a sociedade ao seu redor, apesar de estar localizado em um local que para alguns não poderia trazer à tona memórias positivas, haja vista que é um cemitério.

---

<sup>9</sup> Disponível em: <http://www.cerejeiras.com.br/diferenciais/arte-no-parque>. Acesso em: 16 ago. 2016.

Há um playground, e a presença de crianças brincando muda o astral de um cemitério, com risadas genuínas complementando o clima sóbrio. Pode ser uma oportunidade para refletirem, à maneira delas, sobre a morte e a saudade.

O Cerejeiras também tem animais, como galinhas-d'angola e carpas, e árvores com frutos e uma enorme magnólia. "O cemitério não precisa ser um local triste. Ele pode ser acolhedor e com vida", afirma Arantes.

Trata-se de um caso raro de espaço que alia cemitério à arte contemporânea. A relação mais comum entre necrópoles e arte baseia-se no conceito clássico de arte tumular, como há no Cemitério da Consolação, com esculturas de artistas como Victor Brecheret e Luigi Brizzolaro.

Como projetos futuros, o Cerejeiras pretende construir um orquidário, um anfiteatro e um borboletário. "O ciclo da borboleta tem tudo a ver com o ciclo da vida", diz Arantes. (APPEL, CAMILA, 2015).

Na matéria parcialmente transcrita acima, a repórter Camilla Appel dá conta de que o espaço é utilizado como área de lazer pela comunidade carente de espaços públicos, o que demonstra as possibilidades de uso dos espaços da cidade para criar um vínculo com os moradores. A foto a seguir ilustra bem o convívio entre a arte e o ambiente no cemitério localizado no Jardim Ângela:

**Figura 27-Arte de morrer**



Fonte: Acervo FOLHA. Disponível em <http://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/35624-a-arte-de-morrer#foto-518772>. Foto de Joel Silva/Folhapress.

Longe de serem representações do mito do bandeirante ou do homem de negócio empreendedor, as esculturas localizadas no Cemitério Cerejeiras buscam mais a integração com o ambiente e a sociedade do que a homenagem a alguma

figura ou fato julgado importante, e talvez por isto tenham sido aceitas pela comunidade que utiliza o local para lazer.

Esta assimilação do espaço e da arte está alinhada com a identidade no mundo atual que, na visão de Stuart Hall (2006), é impregnada por uma mudança estrutural que divide as sociedades desde o século XX e gera fragmentação das paisagens culturais de classe, gênero, etnia, nacionalidade, sexualidade, que no passado possuíam sólidas ligações, e Hall (2006) afirma que modifica nossas identidades pessoais e o que achamos de nós mesmos nos âmbitos individual e coletivo.

Em certo ponto Halbwachs (1990), na obra *Memória Coletiva*, corrobora as ideias de Hall (2006), pois já percebia que a realidade em que vivemos é modificada incessantemente e que nossas memórias individuais não estão imunes às memórias daqueles que convivem conosco, ou seja, com o passar do tempo há uma espécie de mistura entre o real e o fictício. As memórias daquelas pessoas que convivem conosco e contam suas histórias acabam fazendo parte das nossas memórias a ponto de chegarmos a acreditar que vivemos algumas experiências que nos foram narradas. Em nossa memória, a memória narrada por aqueles que nos acompanharam em momentos diversos no tempo, acaba modificando nossas próprias memórias a ponto de acreditarmos que presenciamos fatos narrados por outros membros de nosso grupo de convívio.

Desta maneira, a construção das identidades pode ocorrer em cima de memórias que nem sempre correspondem a uma realidade que presenciamos, mas sim, baseadas em uma mistura de vivências do grupo e do indivíduo, acabam se tornando memória individual, como comentou Halbwachs (1990).

### **5.11. Escultura vira polêmica no Mário Covas**

Na matéria abordada neste subcapítulo, observamos que sempre há disputas sobre a questão do pertencimento e construção da memória. Daí vêm questões como: Qual memória deve ser preservada? A quem interessa a preservação de uma memória em detrimento de outra?

Principalmente quando a escultura (estátua) homenageia personagens políticos, ocorre uma disputa entre os grupos que apoiavam ou eram adversários da figura agraciada. Mário Covas é um bom exemplo deste caso. Foi prefeito da cidade

de São Paulo e governador do Estado de São Paulo, nasceu em 1930 e faleceu em 2001. De acordo com a notícia do jornal OESP:

A doação da escultura *Sonho de Liberdade* para o Parque Mário Covas, na Avenida Paulista, virou polêmica. Os gestores a rejeitam, por ter "cunho político" e tirar a visibilidade. A doadora, Fundação Mário Covas, nega e diz que a peça vai para o parque. A Prefeitura ainda não decidiu. (O ESTADO DE S.PAULO, 2012).

Independentemente de ser um presente da Fundação Mário Covas, é importante identificar o valor histórico e artístico da obra. Para Riegl (2014), o valor da arte de um monumento tem relação com a forma com que a obra atende às exigências dos indivíduos que gostam de arte, gosto este que varia de pessoa para pessoa e de tempos em tempos. Uma forma de minimizar as controvérsias em torno de algumas obras seria a ação do poder público com intuito de tornar a escolha dos homenageados e as informações sobre gastos realizados para construção e reparo dos monumentos

**Figura 29-Estátua Sonho de Liberdade**



Fonte: **Escultura para Mário Covas é inaugurada em SP.** Disponível em: <http://noticias.band.uol.com.br/brasil/noticia/100000796927/escultura-para-mario-covas-e-inaugurada-em-sp-.html>. Acesso em: 4 ago. 2016.

Enquanto o valor de arte tem relação com gosto e tempo, o valor histórico, na visão de Riegl (2014), refere-se a algo abrangente, ou seja, é aquele referente a tudo que foi e não é mais nos dias de hoje. Por isto, mais do que uma discussão

sobre memória política, é necessário identificar o cenário histórico que a figura de Mário Covas ajudou a construir, como mostra a transcrição parcial da matéria adiante:

Para marcar os 15 anos da morte de Mário Covas, a Fundação Mário Covas inaugura dia 6 de março, no Parque da Juventude – antigo Carandiru –, a escultura *Sonho de Liberdade* (acima). O evento inclui um ato ecumênico comandado por um padre, um pastor evangélico, um rabino e um representante de cultos afros.

O trabalho será instalado exatamente onde ficava antes o Pavilhão 9 da Penitenciária — local onde ocorreu a chacina de 111 presidiários, em 1992. Em bronze, ele tem 6 metros de altura e foi originalmente concebido pelo artista italiano Domenico Calabrone. Depois de sua morte em 2000, a família doou o trabalho à Fundação Mário Covas.

De início, o *Sonho* deveria ser instalado no Parque Mário Covas, na esquina da Avenida Paulista com Peixoto Gomide. Segundo se informou na época, a ideia não avançou por falta de espaço. Há muitas árvores no parque e a altura do trabalho criaria problemas práticos. O Parque da Juventude foi escolhido por ser visto como um símbolo da transformação da cidade. De prisão, ele se tornou uma área de lazer e cultura, com uma escola técnica e uma biblioteca.

## 5.12. Totem “fascista” volta a Guarapiranga

Figura 28-Totem fascista volta ao Guarapiranga

São Paulo, segunda-feira, 28 de junho de 2010 FOLHA DE S.PAULO **ilustrada**

---

[Texto Anterior](#) | [Próximo Texto](#) | [Índice](#)

### Totem "fascista" volta à Guarapiranga

**Monumento em homenagem a aviadores italianos dos anos 1920 tem dois "fasci" e coluna doada por Mussolini**

**Obra de nove metros de altura passou 25 anos nos Jardins e agora retorna à represa, local para onde foi projetada**

**IVAN FINOTTI**  
DE SÃO PAULO

Fonte: Folha de S. Paulo de 28 jun. 2010. **Totem “fascista” volta a Guarapiranga**. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2806201012.htm>. Acesso em: 16 ago. 2016.

A escultura conhecida como *Monumento aos heróis da travessia do Atlântico* foi instalada às margens da represa de Guarapiranga e causa controvérsias, conforme transcrição da notícia abaixo, porque exalta personagens ligados à figura do fascismo na Itália:

Após 25 anos no exílio, chega hoje ao fim uma injustiça histórica com o monumento *Heróis da Travessia do Atlântico*, escultura de bronze com um homem alado sobre um pedestal de granito. Desmontada em cerca de 40 pedaços na quarta-feira da semana passada, a obra tinha viagem marcada para ontem a bordo de uma carreta com destino à beira da represa Guarapiranga, onde será restaurada. Em meados dos anos 1980, o prefeito Jânio Quadros decretou que a escultura, inaugurada em 1929 ao lado da represa, estava escondida nos confins da zona sul e determinou sua transferência para um canteiro nos Jardins, em frente à Igreja Nossa Senhora do Brasil, na esquina da Avenida Brasil com a Rua Colômbia. Uma injustiça com a obra e com a represa Guarapiranga, já que o monumento havia sido projetado para comemorar o feito de aviadores que haviam aterissado com seus hidroaviões ali mesmo, após viajarem por todo o oceano a partir da Itália. O *Heróis da Travessia do Atlântico* sempre foi polêmico. O general Francesco de Pinedo, por exemplo, fez a travessia instruído por Benito Mussolini, interessado em propagar os feitos de sua nação. Empolgada, a grande comunidade italiana em São Paulo chegou a sugerir uma escultura para o político. A homenagem veio na forma de Ícaro, ao qual Mussolini adicionou um presente: uma coluna em granito rosa retirada de uma antiga construção em Roma. A obra foi executada pelo escultor, pintor, desenhista e ceramista Ottone Zorlini (Treviso, 1891 - São Paulo, 1967) e traz um "fascio" de cada lado. "Fascio" ("fasci", no plural) é um feixe de varas utilizado por militares para representar a união e foi resgatado por Mussolini para simbolizar sua ideologia.

#### PICHAÇÃO

Por tudo isso, o monumento foi alvo de pichações e tachado de fascista. "O que não é verdade", discorda a arquiteta Fabiula Domingues, autora do projeto de restauração da escultura. "Não tem ligação com a ideologia, e sim com um momento histórico." André Aaltonen, arquiteto responsável pelo desmonte e transporte dos 40 pedaços, dos Jardins para a represa, bem como pela remontagem no local de origem, lembra que a homenagem é para os aviadores. "Não é uma obra para Mussolini, e sim para festejar o feito dos aventureiros daquela época." Desde os anos 1990, moradores da região pedem pela volta do monumento. "Se não fosse pelos abaixo-assinados, a obra jamais retornaria", diz Fabiula. Agora, além de voltar para perto da água, a escultura ganhará o acompanhamento de uma miniatura feita com o mesmo material original e explicações em braile, para que deficientes visuais tenham acesso a essa história. O custo de toda a operação, com término previsto para agosto, ficou em R\$ 390 mil.

A notícia anterior da Folha de S. Paulo mostra o campo de disputa das memórias que vão sendo construídas ao longo do tempo. As memórias estão ligadas à construção da identidade e por isto sofrem pressões para exaltar as realizações de um grupo em detrimento de outro.

**Figura 29-Monumento aos Heróis da Travessia do Atlântico**



Fonte: Monumento aos Heróis da Travessia do Atlântico. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Monumento\\_aos\\_Her%C3%B3is\\_da\\_Travessia\\_do\\_Atl%C3%A2ntico](https://pt.wikipedia.org/wiki/Monumento_aos_Her%C3%B3is_da_Travessia_do_Atl%C3%A2ntico). Acesso em: 4 ago. 2016.

No caso de grandes ideários, como o nazismo e o fascismo, as disputas se prolongam até os dias de hoje, devido não apenas às ideias propagadas por essas representações, mas também pelos males que produziram, tais como: a morte dos judeus em massa, a defesa da raça pura e outras ideias polêmicas.

### **5.13. Pichadores enxergam “quebra-quebra” como ato político**

Durante as passeatas organizadas por meio da internet em 2013, os indivíduos combinaram onde se encontrariam e os atos que praticariam para demonstrar sua insatisfação com a situação política e econômica do Brasil.

Na cidade de São Paulo, o movimento que reclamava do aumento da passagem de ônibus se espalhou por outras cidades do País e a cobrança às autoridades por uma gestão melhor foi forte. Todavia, os manifestantes canalizaram sua ira na pichação das estátuas e de outros monumentos como: as fachadas da

Prefeitura, do Teatro Municipal (ver figura 33) e o monumento do arquiteto Paulo Mendes da Rocha, na Praça do Patriarca, além de conduzirem depredações e incêndios.

**Figura 30-Pichação do Teatro Municipal de São Paulo**



Fonte: *Veja São Paulo*. **O custo do vandalismo no Teatro Municipal**: serão investidos 12 mil reais para que o patrimônio retome seu visual. Por: Mauricio Xavier [com reportagem de Livia Roncolato e Silas Colombo], 28/6/2013. Disponível em: <http://vejasp.abril.com.br/materia/o-custo-do-vandalismo-no-teatro-municipal> . Acesso em: 4 ago. 2016.

A construção das estátuas, prédios e outros monumentos, segundo Riegl (2014), é uma forma de tornar eterno o poder de um povo, o que foi demonstrado pelos egípcios, que construíram as pirâmides colossais; os romanos, com seus grandes e belos arcos, entre outros.

Quando o povo se revolta é contra estas obras que destina seu ódio, depredando-as como se pudesse atingir as figuras que as construíram, e sob as quais acredita estar a responsabilidade pela vida ruim que vive.

Camargo (2002) enfatiza que isso ficou registrado na Revolução Francesa, em que a população tomou a Bastilha e em alguns casos destruiu obras de arte pertencentes à monarquia e nobreza.

Tudo isso mostra que a construção da Memória Oficial não parte de uma vontade manifestada pela população, mas sim da vontade de uma elite que pretende tornar seus feitos conhecidos pelas gerações atuais e futuras.

Em alguns casos, no entanto, a ideia de memória passa a fazer parte da cultura de um povo e o valor dado aos monumentos passa a se distinguir de algo pertencente apenas à elite. Riegl (2014, p. 158) destaca que:

A sociedade francesa contemporânea manifesta um imenso desejo de memória que se traduz em um gigantesco esforço de inventário, salvaguarda, conservação e valorização dos supostos indícios de seu próprio passado, a ponto de fazer do país inteiro um imenso museu.

Esta ideia sobre os monumentos não ecoa em sociedades como a brasileira, talvez porque em nosso solo as desigualdades sociais criam uma barreira que impede que a população enxergue nas esculturas (estátuas) uma representação de sua identidade, ou seja, não houve tempo nesses mais de 500 anos para se criar uma cultura com respeito aos monumentos que deveriam ser considerados patrimônios do povo brasileiro.

#### **5.14. SP terá roteiro turístico sobre a cultura negra**

Foi criado um roteiro de visitas e turismo sobre a cultura negra na cidade de São Paulo, com apoio da PMSP. Apesar de se vender a ideia de que o preconceito não existe no Brasil, apoiada em grande parte pelas histórias de autores como Gilberto Freyre, que tentou mostrar que os portugueses<sup>10</sup> se misturaram aos negros e índios de uma forma positiva, dando origem ao povo brasileiro, percebemos que durante muito tempo ocorreu no Brasil uma espécie de *apartheid*, haja vista que em muitas cidades, como São Paulo-SP e Ouro Preto-MG, perduraram locais exclusivos para brancos e negros, por exemplo, a igreja da figura 34 (Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos).

---

<sup>10</sup> Ver obra *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre, página 35.

**Figura 31-Estátua Mãe Preta**



Fonte: Prefeitura de São Paulo. **Estátua Mãe Preta**. Disponível em: [http://www.Prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/patrimonio\\_historico/adote\\_obra/index.php?p=8291](http://www.Prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/patrimonio_historico/adote_obra/index.php?p=8291). Acesso em: 4 ago. 2016.

De acordo com o Departamento do Patrimônio Histórico da Prefeitura de São Paulo:

Membros do Clube 220, entidade que congregava agremiações negras do Estado de São Paulo, se empenharam na construção de um monumento à Mãe Preta em São Paulo, no começo dos anos 1950. A Câmara Municipal e os jornais Diário da Noite, Diário de São Paulo e Correio Paulistano debateram sobre o assunto. A discussão resultou em um projeto de autoria do vereador Elias Shammas que, aprovado na Câmara, deu origem a um concurso público de maquetes para a construção do monumento, instituído pelo prefeito Jânio Quadros em 1953. O trabalho vencedor foi o de Júlio Guerra (Santo Amaro, SP, 1912 - São Paulo, 2001), dada sua simplicidade e realismo, conforme avaliação da comissão julgadora e da imprensa.

Essas qualidades, no entanto, se transformaram em defeitos aos olhos do militante negro José Correia Leite. Os traços modernos da escultura não lhe agradaram, pois esperava ver a Mãe Preta imortalizada em linhas acadêmicas: mucama bonita e bem arrumada, como costumavam ser as amas de leite, e não uma figura “deformada” como a do Paissandu.

A inauguração ocorreu em 23 de janeiro de 1955, como parte das comemorações de encerramento do IV Centenário da Cidade de São Paulo. A escolha do Largo do Paissandu para acolher a homenagem à Mãe Preta se deveu à presença da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e de ser aquele largo, desde a construção da igreja no começo do século XX, um ponto de referência para a comunidade afro-descendente de São Paulo.

O bronze da Mãe Preta ganhou foros de entidade religiosa, integrando rituais católicos e afro-brasileiros. Tornou-se comum depositar velas e oferendas aos seus pés, como flores, bebidas, comidas e pedidos em pedacinhos de papel. Transformou-se em local privilegiado para as comemorações pela libertação dos escravos, no dia 13 de maio e, mais recentemente, também pelo Dia da Consciência Negra, em 20 de novembro. Manifestações artísticas e religiosas ocorrem ao redor da estátua da mulher negra que amamenta a

criança branca, lembrando as amas de leite no período da escravidão. Em 2004, com base em pedido encaminhado pela Irmandade do Rosário dos Homens Pretos e da comunidade local, o monumento à Mãe Preta foi tombado pelo CONPRESP, reconhecendo seu valor cultural para a cidade de São Paulo.

A Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos foi construída inicialmente na Rua 15 de novembro no ano aproximado de 1737, de acordo com o *site* São Paulo antiga (2016).

**Figura 32-A** antiga Igreja do Rosário, onde hoje está o Edifício Altino Arantes



Fonte: Disponível em: <http://www.saopauloantiga.com.br/nsdorosario-dos-homens-pretos>. Acesso em: 16 ago. 2016.

Porém, em cada reforma urbana, o local de encontro dos negros era mudado para afastá-los do convívio com os locais mais desenvolvidos da cidade; assim, a

igreja foi demolida e com a indenização houve a construção de uma nova igreja no Largo do Paissandu.

### **5.15. Pão de Açúcar causa polêmica ao colocar estátua de negro acorrentado dentro da loja**

O caso apresentado nesta matéria toca em uma ferida que ainda não está cicatrizada no corpo do povo brasileiro, que é o longo tempo de escravidão com sequelas ainda presentes em nossa sociedade.

Graças às reclamações de clientes que se sentiram mal, e de organizações como a Uneafro (União de Núcleos de Educação Popular para Negros), o grupo Pão de Açúcar – de acordo com matéria do *site* Economia UOL<sup>11</sup>, do grupo Folha de São Paulo – retirou a estátua colocada em uma das lojas do Pão de Açúcar em São Paulo, como mostra a transcrição a seguir:

O grupo Pão de Açúcar retirou da loja da Vila Romana, na Zona Oeste de São Paulo, uma estátua de uma pessoa negra com grilhões. O artefato é uma espécie de algema de pés. No caso, a estátua não tem a tradicional corrente que liga cada um dos grilhões, como usado na época da escravidão. O objeto, usado na decoração do ponto comercial, recebeu críticas nas redes sociais nos últimos dias.

A rede de supermercados foi acusada pelos usuários de fazer apologia ao racismo e à discriminação. A polêmica começou com uma foto que circula no Facebook.

Em nota enviada na tarde desta terça-feira (22), o grupo lamenta o ocorrido e diz que a estátua foi adquirida como parte de uma coleção de peças decorativas de loja, “sem intenção ou apologia a qualquer tipo de discriminação.”

O objeto, segundo a assessoria de imprensa do Pão de Açúcar, foi localizado apenas na loja da Vila Romana, em São Paulo. Trata-se de uma peça antiga, de decoração de loja, mas que não havia sido usada em outra ocasião. A nota também afirma que a rede “pauta suas ações na ética, promoção e respeito à diversidade”, e diz que o Pão de Açúcar está revendo o processo de seleção de peças decorativas.

A situação descrita acima mostra que o tratamento dispensado aos negros, sua história e memória é algo mal resolvido dentro da sociedade brasileira, pois em caso contrário, não estaríamos discutindo este tipo de situação no século XXI.

---

<sup>11</sup> CALEGARI, Luíza. UOL-Economia de 22/8/2013. **Pão de Açúcar usa estátua de criança negra acorrentada e provoca revolta**. Disponível em:

Figura 33-Estátua de menino negro com grilhões em loja do Supermercado Pão de Açúcar



Fonte: CALEGARI, Luíza. UOL-Economia de 22/8/2013. **Pão de Açúcar usa estátua de criança negra acorrentada e provoca revolta.**

Disponível em: <http://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2013/8/22/pao-de-acucar-usa-estatuade-crianca-negra-acorrentada-e-causa-revolta.htm>. Acesso em: 5 ago. 2016.

Poder-se-ia comparar a situação exposta com a colocação de uma estátua de um judeu acorrentado durante a Segunda Guerra Mundial pelos alemães. Será que o mesmo grupo varejista colocaria uma estátua deste tipo em suas lojas?

Fica aberta a oportunidade de reflexão sobre as condições reais da crença sobre a democracia racial brasileira.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa partimos do pressuposto teórico de que os monumentos escultóricos (estátuas) expressam identidades coletivas (nacional, local, estadual) e indagamos se há a existência de controvérsias (aceitação ou negação) em relação a determinados monumentos instalados na cidade de São Paulo.

Após a pesquisa realizada nos jornais O Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo, constatamos que existem, sim, controvérsias envolvendo as estátuas da capital paulista.

Além de confirmarmos a existência dessas controvérsias, percebemos que elas fazem parte de um cenário de disputas pelas memórias que devem ser mantidas e aquelas que se deseja apagar.

Como em qualquer área onde o ser humano atua, existe uma seleção do que deve ou não ser catalogado, exposto ou esquecido, e isto não ocorre a partir da decisão de um indivíduo apenas, o que é comum em regimes ditatoriais.

Considerando o fato de o estudo ter sido feito no período recente de democracia brasileira (2010 a 2016), supomos que as decisões passaram pelo crivo da sociedade, com suas instituições representativas de cidadania atuantes.

Mas o que notamos na pós-modernidade, na forma definida por Stuart Hall (2006), é que acontece uma destruição das amarras que juntavam as pessoas em torno de identidades construídas em representações na religião, política e sociedade e, ao mesmo tempo outras relações são construídas independentemente do espaço geográfico em que os indivíduos residem.

Assim, apesar de a construção da memória manter as características apresentadas por Halbwachs (1990) em sua obra *Memória Coletiva*, ou melhor, sendo construída de forma coletiva por meio do que presenciamos e do que nos foi repassado por nossos contemporâneos, a pós-modernidade trouxe uma instabilidade para as identidades que no passado pareciam ser imutáveis.

Atualmente, com o advento das tecnologias de informação e comunicação, algumas barreiras entre as nações e pessoas foram derrubadas e outras vêm sendo construídas; assim, estamos em um mundo cuja realidade passa por mudanças

incessantes, o que traz incertezas e perturbações para aqueles indivíduos que gostariam de um mundo previsível.

Os monumentos históricos, dentre os quais encontram-se as estátuas, acabaram perdendo parte de seu encanto em cidades grandes, como é o caso de São Paulo.

Este fenômeno possui raízes em questões que aparentemente estão mal resolvidas na realidade brasileira, principalmente na das grandes capitais como São Paulo, tais como:

- a) Ausência de ações das autoridades públicas, a fim de incentivar a ocupação dos lugares de memória pelos cidadãos paulistanos e emigrantes;
- b) Divulgação e educação sobre o patrimônio histórico da cidade de São Paulo nas escolas e instituições do município;
- c) Revitalização dos espaços públicos e incentivo ao seu uso pelas comunidades.

Notamos, a partir da leitura das matérias dos jornais sobre controvérsias envolvendo as estátuas da cidade de São Paulo, que o cidadão sofre pelo desconhecimento dos personagens homenageados e de sua importância histórica para a cidade e o Brasil; além disso, as histórias das notícias analisadas mostram que nesta grande cidade nem todos os cidadãos tiveram acesso livre a todos os espaços, o que gerou alguns locais de difícil acesso até os dias de hoje, e guetos, como foi apresentado na matéria sobre a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Negros, os quais não podiam frequentar a mesma igreja dos brancos.

A apropriação da arte escultórica pela sociedade necessita do apoio público a projetos de educação sobre cultura e patrimônio. Não basta que a estátua esteja em local público para ser acessível e apreciada, pois esta relação necessita de um vínculo que passe pela compreensão sobre o que é patrimônio cultural e seu valor artístico, histórico e identitário, como bem explicou Riegl (2014).

Vale lembrar que aproximar os cidadãos dos monumentos e de sua história ajuda a consolidar a memória e identidade, como já comentado neste trabalho, mas não pode se perder de vista que os profissionais da história devem contribuir para que este conhecimento não seja fortemente influenciado pela política porque, como lembrou Le Goff (1996), ao dizer que a imparcialidade do historiador requer honestidade, entretanto a objetividade precisa de algo mais, porque se a memória está dentro do jogo do poder e autoriza manipulações conscientes ou inconscientes,

a história, como as demais ciências, possui como norma a verdade; assim, os abusos da história só existem de fato quando o historiador se torna um partidário, um político ou um laçao do poder político.

Como sugestão para próximas pesquisas caberia avaliar – por meio de entrevistas em locais públicos próximos das estátuas citadas neste trabalho – qual o conhecimento que os transeuntes possuem sobre os personagens homenageados com as estátuas, se já pararam para apreciá-las ou compreendem o valor dessas obras espalhadas pela cidade.

## FONTES

ANJ – Associação Nacional dos Jornais. **Ranking por média de circulação impresso + digital**. Disponível em: <<http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil/>>. Acesso em: 5 jan. 2016.

BRASIL. Casa Civil. **Lei nº 12.408, de 25 de maio de 2011**. Altera o art. 65 da Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998, para descriminalizar o ato de grafitar, e dispõe sobre a proibição de comercialização de tintas em embalagens do tipo aerossol a menores de 18 (dezoito) anos. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-014/2011/Lei/L12408.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-014/2011/Lei/L12408.htm)>. Acesso em: 12 fev. 2016.

BLOG DOUGLAS VASCONCELOS. **Catedral da Sé**. Disponível em: <<http://douglasvasconcelos01.blogspot.com.br/2011/05/catedral-da-se-sao-paulo.html>>. Acesso em: 22 jul. 2016.

BLOG BRAZIL FOTOS. **Centro Cultural dos Correios em São Paulo**. Disponível em: <[http://www.theodora.com/wfb/photos/brazil/brazil\\_photos\\_04.html](http://www.theodora.com/wfb/photos/brazil/brazil_photos_04.html)>. Acesso em: 22 jun. 2016.

CRAFTY ART WORLD. **Sculpture**: Definition, Types – Statues, Reliefs. Disponível em: <<http://www.visual-arts-cork.com/sculpture.htm>>. Acesso em: 17 fev. 2016.

CULTURAMIX. **Esculturas famosas**. Disponível em: <<http://www.culturamix.com/cultura/arte/esculturas-famosas>>. Acesso em: 17 fev. 2016.

DICIONÁRIO CAUDAS AULETTE DIGITAL. **Patrimônio**. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/patrim%C3%B4nio>. Acesso em: 25 jul. 2016.

DICIONÁRIO HOUAISS ELETRÔNICO. **Memória**. Disponível em: <http://www.dicio.com.br/memoria/>. Acesso em: 25 jul. 2016.

DORTIER, Jean-François. **Dicionário de Ciências Humanas**. Revisão e coordenação da tradução de Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

EDUCAÇÃO-UOL. **Ramos de Azevedo**. Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/biografias/ramos-de-azevedo.htm>. Acesso em: 17 fev. 2016.

Prefeitura de São Paulo. **Estátua Mãe Preta**. Disponível em: <[http://www.Prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/patrimonio\\_historico/adote\\_obra/index.php?p=8291](http://www.Prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/patrimonio_historico/adote_obra/index.php?p=8291)>. Acesso em: 4 ago. 2016.

FOLHA DE S. PAULO. **Arte de morrer**. Disponível em: <<http://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/35624-a-arte-de-morrer#foto-518772>>. Foto de Joel Silva/Folhapress. Acesso em: 25 jul. 2016.

IDEM. **Bandeirantes Assassinos**. Acervo FOLHA. Fotos de Felipe Rau e Daniel Teixeira. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/blogs/marcelo-rubens-paiva/bandeirantes-assassinos/>>. Acesso em: 17 fev. 2016.

IDEM. Blog Rubens Paiva. 4 outubro 2013. **Bandeirantes assassinos**. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/blogs/marcelo-rubens-paiva/bandeirantes-assassinos/>>. Acesso em: 11 nov. 2015.

IDEM. **Borba Gato" é obra feia, mas tem a ver com SP**. 9/9/2010. Rafael Mosna. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/turismo/fx0909201005.htm>> Acesso em: 27 jul. 2016.

IDEM. **História do jornal**. Disponível em: <[http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/historia\\_folha.htm](http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/historia_folha.htm)>. Acesso em: 12 fev. 2016.

IDEM. **Monumento de Borba Gato**. Acervo FOLHA. Foto de Mônica Vendramini.

IDEM. **Cemitério do Araçá é alvo de ataque de vândalos**. 7/1/2014. RICARDO BUNDUKY. Disponível em: <[http://acervo.folha.uol.com.br/resultados/buscade\\_talhada/?all\\_words=&commit.x=32&commit.y=13&commit=Enviar&date\[day\]=&date\[month\]=&date\[year\]=&final\\_date=31%2F12%2F2014&fsp=on&group\\_id=0&initial\\_date=01%2F01%2F2014&page=4&phrase=EST%C3%81TUA&theme\\_id=0&utf8=%E2%9C%93&without\\_words=&words=>](http://acervo.folha.uol.com.br/resultados/buscade_talhada/?all_words=&commit.x=32&commit.y=13&commit=Enviar&date[day]=&date[month]=&date[year]=&final_date=31%2F12%2F2014&fsp=on&group_id=0&initial_date=01%2F01%2F2014&page=4&phrase=EST%C3%81TUA&theme_id=0&utf8=%E2%9C%93&without_words=&words=>)>. Acesso em: 27 jul. 2016.

IDEM. **Estátua da Mônica furtada em SP é encontrada em Guarulhos**. 14/11/2013. CÉSAR ROSATI. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/11/1371263-estatua-da-monica-furtada-em-sp-e-encontrada-em-guarulhos.shtml>> Acesso em: 27 jul. 2016.

IDEM. **Estátua de conde vai parar atrás das grades na Pompeia**. 3/3/2014. LENADRO MACHADO. Disponível em: <[http://acervo.folha.uol.com.br/resultados/buscade\\_talhada/?all\\_words=&commit.x=32&commit.y=13&commit=Enviar&date\[day\]=&date\[month\]=&date\[year\]=&final\\_date=31%2F12%2F2014&fsp=on&group\\_id=0&initial\\_date=01%2F01%2F2014&page=4&phrase=EST%C3%81TUA&theme\\_id=0&utf8=%E2%9C%93&without\\_words=&words=>](http://acervo.folha.uol.com.br/resultados/buscade_talhada/?all_words=&commit.x=32&commit.y=13&commit=Enviar&date[day]=&date[month]=&date[year]=&final_date=31%2F12%2F2014&fsp=on&group_id=0&initial_date=01%2F01%2F2014&page=4&phrase=EST%C3%81TUA&theme_id=0&utf8=%E2%9C%93&without_words=&words=>)>. Acesso em: 27 jul. 2016.

IDEM. **Monumentos órfãos**. 05/12/2015 FERNANDA MENA. Disponível em: <[http://acervo.folha.uol.com.br/resultados/buscade\\_talhada/?utf8=%E2%9C%93&fsp=on&all\\_words=&phrase=EST%C3%81TUA&words=&without\\_words=&initial\\_date=01%2F01%2F2010&final\\_date=31%2F12%2F2015&date%5Bday%5D=&date%5Bmonth%5D=&date%5Byear%5D=&group\\_id=0&theme\\_id=0&commit.x=42&commit.y=8&commit=Enviar](http://acervo.folha.uol.com.br/resultados/buscade_talhada/?utf8=%E2%9C%93&fsp=on&all_words=&phrase=EST%C3%81TUA&words=&without_words=&initial_date=01%2F01%2F2010&final_date=31%2F12%2F2015&date%5Bday%5D=&date%5Bmonth%5D=&date%5Byear%5D=&group_id=0&theme_id=0&commit.x=42&commit.y=8&commit=Enviar)>. Acesso em: 27 jul. 2016.

IDEM. **Quadrilha é presa furtando peças no cemitério do Araçá**. 11/01/2014 MARTHA ALVES/RICARDO BUNDUKI. Disponível em: <[http://acervo.folha.uol.com.br/resultados/buscade\\_talhada/?all\\_words=&commit.x=32&commit.y=13&commit=Enviar&date\[day\]=&date\[month\]=&date\[year\]=&final\\_date=31%2F12%2F2014&fsp=on&group\\_id=0&initial\\_date=01%2F01%2F2014&page=4&phrase=EST%C3%81TUA&theme\\_id=0&utf8=%E2%9C%93&without\\_words=&words=>](http://acervo.folha.uol.com.br/resultados/buscade_talhada/?all_words=&commit.x=32&commit.y=13&commit=Enviar&date[day]=&date[month]=&date[year]=&final_date=31%2F12%2F2014&fsp=on&group_id=0&initial_date=01%2F01%2F2014&page=4&phrase=EST%C3%81TUA&theme_id=0&utf8=%E2%9C%93&without_words=&words=>)> Acesso em: 27 jul. 2016.

IDEM. **Verba para homenagem a Herzog é suspensa**. 11/12/2012. Disponível em: <[http://acervo.folha.uol.com.br/resultados/buscade\\_talhada/?utf8=%E2%9C%93&fsp=on&all\\_words=&phrase=EST%C3%81TUA&words=&without\\_words=&initial\\_date=01%2F01%2F2012&final\\_date=31%2F12%2F2012&date%5Bday%5D=&date%5Bmonth%5D=&date%5Byear%5D=&group\\_id=0&theme\\_id=0&commit.x=38&commit.y=11&commit=Enviar](http://acervo.folha.uol.com.br/resultados/buscade_talhada/?utf8=%E2%9C%93&fsp=on&all_words=&phrase=EST%C3%81TUA&words=&without_words=&initial_date=01%2F01%2F2012&final_date=31%2F12%2F2012&date%5Bday%5D=&date%5Bmonth%5D=&date%5Byear%5D=&group_id=0&theme_id=0&commit.x=38&commit.y=11&commit=Enviar)> Acesso em: 27 jul. 2016.

IDEM. 28 jun. 2010. **Totem "fascista" volta à Guarapiranga**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2806201012.htm>>. Acesso em: 16 ago.2016

Huffpost Brasil. **Monumento à Imigração Japonesa, Avenida 23 de Maio**. Disponível em: <[http://www.brasilpost.com.br/2015/02/12/sao-paulo-tomie-ohtake\\_n\\_6671410.html](http://www.brasilpost.com.br/2015/02/12/sao-paulo-tomie-ohtake_n_6671410.html)>. Acesso em: 17 fev. 2016.

NATIONAL GEOGRAPHIC. **Ídolo de Shigir**. <[http://www.nationalgeographic.com.es/articulo/historia/actualidad/10630/idolo\\_shigir\\_escultura\\_madera\\_mas\\_antigua\\_del\\_mundo-imagen\\_1.html#gallery-1](http://www.nationalgeographic.com.es/articulo/historia/actualidad/10630/idolo_shigir_escultura_madera_mas_antigua_del_mundo-imagen_1.html#gallery-1)>. Acesso em: 04 fev. 2016.  
NOTÍCIASGOIAS. Disponível em: <http://www.noticiastvrecord.com.br/polemica/pao-de-acucar-causa-polemica-ao-colocar-estatuade-negro-acorrentado-dentro-da-loja/>. Acesso em: 05 ago. 2016.

O ESTADO DE S. PAULO **Após 'seca', SP volta a ter fonte com água**. Disponível em: <<http://sao-paulo.estadao.com.br/blogs/edison-veiga/apos-seca-sp-volta-a-ter-fonte-com-agua/>>. Acesso em 02 ago. 2016.

IDEM. **Avenida 9 de Julho, o lugar das estátuas malditas**: Obras criticadas pela sociedade foram colocadas nos canteiros da avenida 17 de dezembro de 2015 | 18h 04. Carlos Eduardo Entini e Liz Batista. Disponível em: <[http://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo\\_avenida-9-de-julho-o-lugar-das-estatuas-malditas,11834,0.htm](http://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo_avenida-9-de-julho-o-lugar-das-estatuas-malditas,11834,0.htm)>. Acesso em: 27 jul. 2016.

IDEM. **Escultura vira polêmica no Mario Covas**. Disponível em: <[http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral\\_escultura-vira-polemica-no-mario-covas-imp\\_862302](http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral_escultura-vira-polemica-no-mario-covas-imp_862302)>. Caderno São Paulo de 18 abr. 2012. Acesso em: 04 ago. 2016.

IDEM. **História do jornal**. Disponível em: <[http://acervo.estadao.com.br/historia-do-grupo/decada\\_1870.shtm](http://acervo.estadao.com.br/historia-do-grupo/decada_1870.shtm)>. Acesso em: 12 fev. 2016.

IDEM. **Pichadores enxergam 'quebra-quebra' como ato político**. Notícia de 20 jun. 2013. Disponível em: <[http://www.estadao.com.br/noticias/geral\\_pichadores-enxergam-quebra-quebra-como-ato-politico,1044727](http://www.estadao.com.br/noticias/geral_pichadores-enxergam-quebra-quebra-como-ato-politico,1044727)>. Acesso em: 04 ago. 2016.

IDEM. **Protegida por vidro, fonte será reaberta**. O ESTADO DE S. PAULO: PÁGINAS DA EDIÇÃO DE 02 DE MAIO DE 2013 - PAG. 21. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20130502-43661-nac-21-cid-a22-not/busca/est%C3%A1tua>>. Acesso em: 27 jul. 2016.

IDEM. **Escultura lembra os 15 anos da morte de Mario Covas**. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/blogs/direto-da-fonte/escultura-lembra-os-15-anos-da-morte-de-mario-covas/>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

IDEM. **SP também tem seus “famosos anônimos”**. 06/01/2012. Edilson Veiga. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20120106-43179-nac-32-cid-c6-not/busca/Est%C3%A1tua>>. Acesso em: 27 jul. 2016.

IDEM. **SP terá roteiro turístico sobre a cultura negra**. Disponível em: <[http://www.estadao.com.br/noticias/geral\\_sp-tera-roteiro-turistico-sobre-a-cultura-negra,800372](http://www.estadao.com.br/noticias/geral_sp-tera-roteiro-turistico-sobre-a-cultura-negra,800372)>. Acesso em: 15 ago. 2016

IDEM. **Totem “fascista” volta ao Guarapiranga**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2806201012.htm>>. Acesso em: 04 ago. 2016.  
Parque do Ibirapuera – conservação-Uma associação de amigos do parque. Monumento as bandeiras. Disponível em: <http://www.parqueibirapuera.org/areas-externas-do-parque-ibirapuera/monumento-as-bandeiras/>. Acesso em: 17 fev. 2016.

Prefeitura Municipal de São Paulo. **História e Arte no Cemitério da Consolação**. Disponível em [http://www.Prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/cemiterio\\_baixa\\_1219246534.pdf](http://www.Prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/cemiterio_baixa_1219246534.pdf). Acesso em 01 nov. 2015.

Projeto Monumentos de São Paulo. **Monumentos por região**. Disponível em: <http://www.monumentos.art.br/>. Acesso em: 31 ago. 2015.

Site Cidade de São Paulo. **Cemitério da Consolação**. Disponível em <http://www.cidadedesapaulo.com/sp/br/o-que-visitar/atrativos/pontos-turisticos/1286-cemiterio-da-consolacao>. Acesso em: 02 nov. 2015

Site e-biografias. Alfredo de Taunay. Disponível em: [https://www.ebiografia.com/alfredo\\_taunay/](https://www.ebiografia.com/alfredo_taunay/) . Acesso em: 01 ago. 2016.

Site São Paulo Antiga. **12 Túmulos curiosos e pouco conhecidos do Cemitério da Consolação**. Disponível em <http://www.saopauloantiga.com.br/12-tumulos-curiosos-consolacao/>. Acesso em: 02 nov. 2015

Site São Paulo antiga. **Fonte monumental**. Disponível em: <http://www.saopauloantiga.com.br/fonte-monumental/>. (28/4/2009). Acesso em: 02 ago. 2016.

IDEM. **A antiga Igreja do Rosário, onde hoje está o Edifício Altino Arantes**. Disponível em: <http://www.saopauloantiga.com.br/nsdorosario-dos-homens-pretos/>. Acesso em: 16 ago. 2016

UNESCO. **Patrimônio Mundial no Brasil**. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/world-heritage/list-of-world-heritage-in-brazil/>. Acesso em: 12 jun. 2015.

Veja São Paulo. **O custo do vandalismo no Teatro Municipal**: Serão investidos 12 mil reais para que o patrimônio retome seu visual. Por: Mauricio Xavier [Com reportagem de Lívia Roncolato e Silas Colombo]28/06/2013 às 16:00. Disponível em: <http://vejasp.abril.com.br/materia/o-custo-do-vandalismo-no-teatro-municipal>. Acesso em: 04 ago. 2016

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, José Guilherme. **Arte pública e lugares de memória**. Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4944.pdf>. Acesso em 02 jan. 2015. 10h01min.

ADAMOVICZ, Ana Lúcia Collyer. **Imprensa Protestante na Primeira República: Evangelismo, informação e produção cultural**. O jornal batista (1901-1922). 432 folhas. Tese (Doutorado em Historia), Universidade de São Paulo, 2008.

ALVES, Camilla Farah Ferreira. **Na América dois impérios: os encontros entre o Brasil e o México na imprensa periódica (1808-1822)**. 183 folhas. Dissertação (Mestrado em História Social), Universidade de São Paulo, 2014.

ALVES, Fábio Lopes; GUARNIERI, Ivanor Luiz. **A utilização da imprensa escrita para a escrita da história: diálogos contemporâneos**.

ANDRADE, Fernanda Chaves de. **A imprensa como fonte histórica: os impressos jornal do comércio e o progressista**. Disponível em: <<https://baraodemaui.br/comunicacao/publicacoes/pdf/anais2010/04-aimpresa.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2016.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. **Problematizando o conceito de “meio” de comunicação**. Disponível em: <<http://revistas.unibh.br/index.php/ecom/article/viewFile/486/275>>. Acesso em: 22 jul. 2016.

ARAUJO, Denise Castilhos de; SCHEMES, Claudia; MAGALHÃES, Magna Lima. **Enfoque de uma crise: o jornal como fonte de pesquisa histórica**. Cad. De Pesq. Interdisci em Ciencias humanas, Florianopolis, v.11, n.99, p.167-185, jul/dez.2010.

ARAUJO, Thiago Nicolau de. **Espaço das representações da morte: Arte tumular como expressão da cultura**. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/anais4/st4/5.pdf>>. Acesso em 02 nov. 2015. 09h23min.

ARCHANGELO, Rodrigo. **Imagens da nação política e prosperidade nos cinejornais Notícias da Semana e Atualidades Atlântida (1956-1961)**. 413 folhas. Tese (Doutorado em História Social), Universidade de São Paulo, 2015.

AZEVEDO, Dúnya. **A evolução técnica e as transformações gráficas nos jornais brasileiros**. FUMEC. Revista Mediação, Belo Horizonte, v. 9, n. 9, jul./dez. de 2009 Disponível em: <<http://www.fumec.br/revistas/mediacao/article/viewFile/296/293>> . Acesso em: 06 jan. 2016

BALLVERDÚ, Ramon Brod . **Tipos de Veiculos e Instrumentos de Comunicação**. Disponível em: <<https://comunicacaoorganizada.files.wordpress.com/2009/07/tipos-de-veiculos-e-instrumentos-de-comunicacao.pdf>>. Acesso em: 06 jan. 2016.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Persona, 1977.

BARROSO, João Rodrigues (coordenador). **Mundialização e identidade nacional**. São Paulo: Atlas, 1999.

BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita . Cidadania e democracia. Lua Nova no.33 São Paulo Aug. 1994. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-64451994000200002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64451994000200002)>. Acesso em: 17 fev. 2016

BERTOLOSSI, Leonardo Carvalho. **Arte enquadrada e gambiarra: identidade, circuito e mercado de arte no Brasil ( anos 80 e 90)**. 261 folhas. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Universidade de São Paulo, 2014.

BOSI, Eclea. **Memória & sociedade: lembrança de velhos** São Paulo, SP. T.A. Editor, 1979.

BRANDÃO, Ludmila. **Deslocamentos contemporâneos: notas sobre memória e arte.** Cienc. Cult. vol.64 no.1 São Paulo Jan. 2012.

BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre História.** Portugal: Editora Presença, 1992.

BURKE, Peter. **O que é História cultural.** Tradução de Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CALEGARI, Luiza. UOL-Economia de 22/08/2013. **Pão de Açúcar usa estátua de criança negra acorrentada e provoca revolta.** Disponível em: <<http://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2013/08/22/pao-de-acucar-usa-estatua-de-crianca-negra-acorrentada-e-causa-revolta.htm>>. Acesso em: 05 ago. 2016.

CALONGA, Maurilio Dantielly. **O jornal e suas representações: objeto ou fonte da história?** Comunicação e mercado/Unigran-dourados-MS, vol. 01, n.02, edição especial, p.79-87, nov. 2012.

CAMARGO, Haroldo Leitão. **Patrimônio Histórico e Cultural.** 3ª. Ed. São Paulo: Aleph, 2002 (Coleção ABC do turismo).

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade.** Tradução de Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2014.

CARVALHO, José Murilo. **Cidadania no Brasil: o longo caminho.** 19. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CASADEI, Eliza Bacheга. **Maurice Halbwachs e March bloch em torno do conceito de memória coletiva.** Revista Espaço Acadêmico, n.128, 2010, p.153-161.

CASTELLS, Manuel. **A era da informação: economia, sociedade e cultura. O poder da identidade.** Tradução de Alexandra Lemos e Rita Espanha. Volume II. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

CASTELLS, Mnuel. **O poder da identidade.** Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHAGASTELLES, Gianne Maria Montedônio. **Eternidade do efêmero: memória e vivência na arte contemporânea brasileira..** Revista História Comparada, Rio de Janeiro, 6-1: 24-63, 2012

CHARTIER, Roger. **Cultura Popular: revisitando um concenito historiográfico.** Revista Estudos históricos, Rio de Janeiro, vol.8, número 16, 1995, p.179-192.

CHIARELLI, Tadeu. **De Anita à Academia: para repensar a história da arte no Brasil**. Novos estudos, CEBRAP, n.88, São Paulo, dez. 2010.

COLI, Jorge. **O que é Arte**. 15ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

DAMATTA, Roberto da. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DEBRUN, Michel. **A identidade nacional brasileira**. Estud. Av., vol.4, n.8, São Paulo. Jan/apr.1990.

ENDERS, Armelle. *Les Lieux de Mémoire: dez anos depois*. Revista Estudos Históricos. FGV. v. 6, n. 11 (1993). Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1949/1088>>. Acesso em: 17 fev. 2016.

EPOCH TIMES. **Donatello, um dos maiores escultores de todos os tempos**. Disponível em: <<https://www.epochtimes.com.br/donatello-um-dos-maiores-escultores-de-todos-os-tempos/###.VrR94S5f6Jo>> Acesso em: 17 fev. 2016

ERIKSON, Erik H. **Identidade, juventude e crise**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.

ERIKSON, Erik H. **Identidade, juventude e crise**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.

Expedia. **Templo de Zeus (Athenas, Grécia)**. Disponível em: <<https://www.expedia.com.br/Templo-De-Zeus-Atenas.d500270.Guia-de-Viagem>>. Acesso em: 21 jan. 2016.

FARIA, Eduardo Prado de. **A imprensa diária como fonte de pesquisa na história**. Pergaminho,4, p. 10-15, dez. 2013.

FAUSTO, Boris. **Memória e História**. São Paulo: Editorial Graal, 2005

FERNANDES, José Ricardo Oriá. **Muito antes do IPHAN: a política de patrimônio histórico no Brasil (1838-1937)**. Políticas Culturais: teorias e práxis.

FIGUEIREDO, Vanessa Gayego Bello. **Da tutela dos monumentos a gestão sustentável das paisagens culturais complexas: inspirações a política de preservação cultural no Brasil**. 544 folhas. Tese (Doutorado em Arquitetura), Universidade de São Paulo, 2014.

FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra C. A. **Patrimônio Histórico e Cultural**. 3ª. Reimpressão 2014. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GOMBRICH, E.H.; tradução de Cristiana de Assis Serra. **A História da Arte**. 16ª. Ed. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

GONÇALVES, Janice. **Pierre Nora e o tempo presente: entre a memória e o patrimônio cultural**. Revista historiae, Rio Grande, 3, p.27-46, 2012. Disponível em <<http://www.seer.furg.br/hist/article/view/3260/1937>>. Acesso em 02 nov. 2015.

GONDAR, Jô. **Memória individual, memória coletiva, memória social**. Morpheus-Revista eletrônica em ciências humanas, ano 08, número 13, 2008.

GOULART, Íris Barbosa (org.). **Temas de Psicologia e Administração**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

GUARALDO, Tamara de Souza Brandão. **Aspectos da pesquisa norte-americana em comunicação Primeira metade do Século XX**. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/guaraldo-tamara-aspectos-da-pesquisa.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2016.

HALBWACHS, Maurice. **Memória Coletiva**. São Paulo: Edições Vértice, 1990. Disponível em: <<http://lelivros.website/book/a-memoria-coletiva-maurice-halbwachs/>>. Acesso em: 18 jan. 2016.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raizes do Brasil** / Sérgio Buarque de Holanda. — 26. ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 1995.

KOHLER, André Fontan. **Políticas públicas de regeneração urbana, preservação do patrimônio e lazer e turismo: padrões de intervenção pública e avaliação de resultados no Pátio de São Pedro, Recife, 1969-2008**. Doutorado em Arquitetura e Urbanismo, 2008, USP.

LACLAU, Ernesto. **Emancipação e diferença**. Coordenação e revisão técnica geral Alice Casimiro Lopes e Elizabeth Macedo. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 14.ed. de Barros Laraia. — 14.ed. — Rio de Janeiro: Jorge "Zahar" Ed., 2001.

LASSWELL, Harold. 1978. **A estrutura e a função da comunicação na sociedade**. In: Gabriel COHN (Org.). **Comunicação e indústria cultural**. São Paulo: Cia Editora Nacional.

LAURENZA, Ana Maria de Abreu. **Jornalismo e Políticas Públicas: a imprensa de são**

LE GOFF, Jacques. **Memória**. In: **História e Memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 1996. Disponível em: <<http://memorial.trt11.jus.br/wp-content/uploads/LE-GOFF-Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf>>. Acesso em: 17 fev. 2016.

LIMA, Vivi Fernandes de. Blog O dia. **Uma cidade com mais de mil monumentos**. <http://blogs.odia.ig.com.br/rio-450-anos/historias-do-rio/uma-cidade-com-mais-de-mil-monumentos>. Acesso em 25 jul. 2016.

MAC-USP / Museu de arte Contemporânea da Universidade de São Paulo. **Modernismo brasileiro**. Disponível em: <<http://www.mac.usp.br/mac/templates/projetos/seculoxx/modulo2/modernismo/index.html>>. Acesso em: 17 fev. 2016.

MAHFOUD, Miguel; SCHIMIDT, Maria Luisa Sandoval. **Halbwachs: memória coletiva e experiência**. Psicologia USP, são Paulo 4 (1/2), p.285-298, 1993.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (organizadoras). **História da imprensa no Brasil**. 2ª. Ed. São Paulo: Contexto, 2015.

MASLOW, Abraham H. **Motivation and Personality**. Harper & Row, 1954. Disponível em: [http://s-f-walker.org.uk/pubsebooks/pdfs/Motivation\\_and\\_Personality-Maslow.pdf](http://s-f-walker.org.uk/pubsebooks/pdfs/Motivation_and_Personality-Maslow.pdf). Acesso em: 07 dez. 2016.

MASSUCATE, Yvonne Archanjo. **O papel do IPHAN na construção da brasilidade**.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **A História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das ciencias sociais**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, SP, 34, p.9-24, 1992

MIGUEL, Nadya Maria Deps; CORREIA, Maria rosa dos Santos. **Os intelectuais no IPHAN e no IBGE na Era Vargas**. V ENECULT-Encontro de Estudos Multidisciplinares em cultura,

MOLINA, Matías M. **História dos jornais no Brasil: Da era colonial à Regência (1500-1840)**. Volume I. São Paulo: companhia das Letras, 2015.

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo**. Revista Educação, Porto alegre, v. 22, n.37, p.7-32, 1999

MORAIS, Edmilson de Sena. **Identidade: processo histórico das interações e representações**. Revista Fórum Identidades. Ano 2, volume 3, p.85-94.jan-jun de 2008. Disponível em: [http://200.17.141.110/periodicos/revista\\_forum\\_identidades/revistas/ARQ\\_FORUM\\_IND\\_3/SESSAO\\_L\\_FORUM\\_Pg\\_85\\_94.pdf](http://200.17.141.110/periodicos/revista_forum_identidades/revistas/ARQ_FORUM_IND_3/SESSAO_L_FORUM_Pg_85_94.pdf) . Acesso em: 17 mai. 2015.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Tradução de Yara Aun Houry. Projeto História. Revista do Programa de Estudos de Pós-graduados em História. E-ISSN 2176-2767; ISSN 0102-4442 Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>>. Acesso em: 17 fev. 2016.

OLIVEIRA, Adriely M. de . **Aqui tem História: lugares de memória**. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/sepech/sepech08/arqtxt/resumos-anais/AdrielyMOLiveira.pdf>>. Acesso em 02 nov. 2015.

OLIVEIRA, Alecsandra Matias de. **Arte como lugar de memória**. Revista Travessias, edição 05.

OLIVEN, Ruben George. **Cultura Brasileira e identidade nacional (o eterno retorno)**. Disponível em: [http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_view&gid=654&Itemid=388](http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=654&Itemid=388)>. Acesso em: 14 set. 2016.

ORTIZ, Renato. **Imagens do Brasil**. Revista Sociedade e Estado - Volume 28 Número 3 Setembro/Dezembro 2013Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v28n3/a08v28n3.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2016

PAIM, Elison Antonio. História. **Memória e Patrimônio**. São Paulo: Paco Editorial, 2012.

Jornalismo e políticas públicas. **A imprensa de São Paulo esclarece a dinâmica da participação política quando cobre o discurso e a ação pública?" (1994-2004)** 339 folhas. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação), Universidade de São Paulo, 2005.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1989, p.3-15. Disponível em:

<<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>>. Acesso em: 22 fev. 2016.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992, p.200-212.

REYNOLDS, Shannon. Traduzido por Felipe Grabarz. EHOW BRASIL. **Quatro tipos diferentes de esculturas artísticas**. Disponível em: <[http://www.ehow.com.br/quatro-tipos-diferentes-esculturas-artisticas-info\\_264390/](http://www.ehow.com.br/quatro-tipos-diferentes-esculturas-artisticas-info_264390/)>. Acesso em: 17 fev. 2016.

RIEGL, Alois. **O culto moderno dos monumentos históricos: a sua essência e a sua origem**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2014.

RODRIGUES, Donizete. **Patrimônio cultural, memória social e identidade: uma abordagem antropológica**. Center of Research in Anthropology (Lisboa).

SALES, Ticiana Oliveira de. **Práticas urbanísticas e preservação patrimonial no Brasil**. Revista Crítica Histórica, ano I, n. 2, dezembro/2010.

SALVADORI, Maria Ângela. **“Esquecer, lembrar...preservar, destruir... à guisa de introdução; Patrimônio histórico-cultural, memória, identidade e cidadania”**. In: História, ensino e patrimônio. Araraquara: Junqueira & Marin, 2008. p.09-23; p.25-61.

SANTOS, Sara Jane dos; FREITAS, Artur. **A arte cemiterial como fator de distinção e eternização do status social no cemitério São Francisco de Paula**. Disponível em: [periodicos.unespar.edu.br/index.php/mosaico/article/download/64/pdf](http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/mosaico/article/download/64/pdf). Acesso em: 02 nov. 2015

SILVA, Helenice Rodrigues da. **Dosse, François Pierre Nora – homo historicus**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v31n61/a20v31n61.pdf>>. Acesso em: 02 nov. 2015

SILVA, Thaysa Danyella Lira da ; SILVA, Edcleide Maria da . **Mas o que é mesmo Corpus?** – Alguns Apontamentos sobre a Construção de Corpo de Pesquisa nos Estudos em Administração. Disponível em: <[http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2013\\_EnANPAD\\_EPQ1021.pdf](http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2013_EnANPAD_EPQ1021.pdf)>. Acesso em: 06 jan. 2016.

Site Cemitérios SP. **Cemitério do Araçá**. Disponível em: <<http://www.cemiteriosp.com.br/cemiterios/sao-paulo/cemiterio-araca/>>. Acesso em: 01 ago. 2016.

Site Notícias Brasil. **Escultura para Mário Covas é inaugurada em SP**. Disponível em: <<http://noticias.band.uol.com.br/brasil/noticia/100000796927/escultura-para-mario-covas-e-inaugurada-em-sp-.html>>. Acesso em: 4 ago. 2016.

SOUZA, Denise Crispim de. **Arte tumular: uma expressão social por meio dos signos da morte**. Disponível em <[http://www.mackenzie.com.br/fileadmin/Graduacao/CCL/projeto\\_todasasletras/inicie/DeniseSouza.pdf](http://www.mackenzie.com.br/fileadmin/Graduacao/CCL/projeto_todasasletras/inicie/DeniseSouza.pdf)>. Acesso em: 02 nov. 2015

SOUZA, Eliezer Felix de. **A imprensa como fonte para pesquisa em história e Educação**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História-ANPUH, São Paulo, julho 2011.

TOMAZ, Paulo Cesar. **A preservação do patrimônio cultural e a sua trajetória no Brasil**. Disponível em:

<[http://www.revistafenix.pro.br/PDF23/ARTIGO\\_8\\_PAULO\\_CESAR\\_TOMAZ\\_FENIX\\_MAIO\\_AGOSTO\\_2010.pdf](http://www.revistafenix.pro.br/PDF23/ARTIGO_8_PAULO_CESAR_TOMAZ_FENIX_MAIO_AGOSTO_2010.pdf)>. Acesso em: 23 jun. 2015.

**ANEXO 1 – Notícias sobre debates envolvendo monumentos da cidade de São Paulo nos Jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo**

**Tabela 4 – Detalhamento das notícias e localização**

EMPRESA	NOTÍCIA	PERÍODO	AUTOR	LOCALIZAÇÃO	ANO	STATUS
O ESTADO DE S. PAULO	Polônia inaugura estátua de Jesus maior que o Cristo Redentor	21/11/2010	ROB STRYBEL, REUTERS	<a href="http://www.estadao.com.br/noticias/geral,polonia-inaugura-estatuade-jesus-maior-que-o-cristo-redentor,643299">http://www.estadao.com.br/noticias/geral,polonia-inaugura-estatuade-jesus-maior-que-o-cristo-redentor,643299</a>	2010	NORMAL
O ESTADO DE S. PAULO	Por até R\$ 60 mil bustos homenageiam gente viva	18/04/2010	PAULO SAMPAIO	<a href="http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20100418-42551-spo-45-cid-c6-not/busca/est%C3%A1tua">http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20100418-42551-spo-45-cid-c6-not/busca/est%C3%A1tua</a>	2010	NORMAL
FOLHA DE S. PAULO	<b>Pão de Açúcar causa polêmica ao colocar de negro acorrentado dentro da loja</b>	<b>22/08/2013</b>	<b>SAMUCA AHMARAL VIEIRA (Reprodução de foto)</b>	<a href="http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/08/1330695-apos-polemica-nas-redes-sociais-pao-de-acucar-retira-estatuade-loja.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/08/1330695-apos-polemica-nas-redes-sociais-pao-de-acucar-retira-estatuade-loja.shtml</a>	<b>2013</b>	<b>CONTRO VÉRSIA</b>
O ESTADO DE S. PAULO	Livro conta a história da arte pública no Rio, a maior do país	29/01/2010	FELIPE WERNECK	<a href="http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20100128-42471-spo-42-cid-c8-not/busca/est%C3%A1tua">http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20100128-42471-spo-42-cid-c8-not/busca/est%C3%A1tua</a>	2010	NORMAL
FOLHA DE S. PAULO	<b>"Borba Gato" é obra feia, mas tem a ver com SP</b>	<b>09/09/2010</b>	<b>RAFAEL MOSNA</b>	<a href="http://www1.folha.uol.com.br/fsp/turismo/fx0909201005.htm">http://www1.folha.uol.com.br/fsp/turismo/fx0909201005.htm</a>	<b>2010</b>	<b>CONTRO VÉRSIA</b>
FOLHA DE S. PAULO	<b>Cemitério no Jardim Ângela recebe esculturas e vira espaço de lazer</b>	<b>09/06/2015</b>	<b>CAMILA APPEL</b>	<a href="http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/06/1639604-cemiterio-no-jardim-angela-recebe-esculturas-e-vira-espaco-de-lazer.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/06/1639604-cemiterio-no-jardim-angela-recebe-esculturas-e-vira-espaco-de-lazer.shtml</a>	<b>2015</b>	<b>CONTRO VÉRSIA</b>
O ESTADO DE S. PAULO	<b>Escultura vira polêmica no Mário Covas</b>	<b>18/04/2012</b>	<b>ESTADO</b>	<a href="http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,escultura-vira-polemica-no-mario-covas-imp-,862302">http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,escultura-vira-polemica-no-mario-covas-imp-,862302</a>	<b>2012</b>	<b>CONTRO VÉRSIA</b>
FOLHA DE S. PAULO	Doação do Brasil, versão peruana do Cristo é alvo de controvérsia	31/07/2011	FLAVIA MARREIRO	<a href="http://acervo.folha.uol.com.br/resultados/buscade_talhada/?all_words=&amp;commit.x=24&amp;commit.y=14&amp;commit=Enviar&amp;date[day]=&amp;date[month]=&amp;date[year]=&amp;final_date=31%2F12%2F2011&amp;fsp=on&amp;group_id=0&amp;initial_date=01%2F01%2F2011&amp;page=2&amp;phrase=EST%C3%81TUA&amp;theme_id=0&amp;utf8=%E2%9C%93&amp;without_words=&amp;words=">http://acervo.folha.uol.com.br/resultados/buscade_talhada/?all_words=&amp;commit.x=24&amp;commit.y=14&amp;commit=Enviar&amp;date[day]=&amp;date[month]=&amp;date[year]=&amp;final_date=31%2F12%2F2011&amp;fsp=on&amp;group_id=0&amp;initial_date=01%2F01%2F2011&amp;page=2&amp;phrase=EST%C3%81TUA&amp;theme_id=0&amp;utf8=%E2%9C%93&amp;without_words=&amp;words=</a>	2011	NORMAL
O ESTADO DE S. PAULO	Estátua de Amenhotep III com 13 metros de altura é desenterrada no Egito	27/04/2011	AP	<a href="http://saude.estadao.com.br/noticias/geral,estatuade-amenhotep-iii-com-13-metros-de-altura-e-desenterrada-no-egito,711433">http://saude.estadao.com.br/noticias/geral,estatuade-amenhotep-iii-com-13-metros-de-altura-e-desenterrada-no-egito,711433</a>	2011	NORMAL
O ESTADO DE S. PAULO	Os detalhes da estátua do Cristo Redentor	12/10/2011	RUBENS PAIVA E RODRIGO FORTES/AE	<a href="http://www.estadao.com.br/infograficos/os-detalhes-da-estatuado-cristo-redentor,cidades,234852">http://www.estadao.com.br/infograficos/os-detalhes-da-estatuado-cristo-redentor,cidades,234852</a>	2011	NORMAL
O ESTADO DE S. PAULO	México diz que estátua maia de US\$ 4 milhões é falsa	23/03/2011	AGÊNCIA ESTADO	<a href="http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,mexico-diz-que-estatuamaia-de-us-4-milhoes-e-falsa,696259">http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,mexico-diz-que-estatuamaia-de-us-4-milhoes-e-falsa,696259</a>	2011	NORMAL

EMPRESA	NOTÍCIA	PERÍODO	AUTOR	LOCALIZAÇÃO	ANO	STATUS
O ESTADO DE S. PAULO	Museus estão em alerta sobre artefatos egípcios saqueados	02/02/2011	OESP	<a href="http://www.estadao.com.br/noticias/geral,museus-estao-em-alerta-sobre-artefatos-egipcios-saqueados,674337">http://www.estadao.com.br/noticias/geral,museus-estao-em-alerta-sobre-artefatos-egipcios-saqueados,674337</a>	2011	NORMAL
FOLHA DE S. PAULO	Verba para homenagem a Herzog é suspensa	11/12/2012	FOLHA	<a href="http://acervo.folha.uol.com.br/resultados/buscade_talhada/?utf8=%E2%9C%93&amp;fsp=on&amp;all_words=&amp;phrase=EST%C3%81TUA&amp;words=&amp;without_words=&amp;initial_date=01%2F01%2F2012&amp;final_date=31%2F12%2F2012&amp;date%5Bday%5D=&amp;date%5Bmonth%5D=&amp;date%5Byear%5D=&amp;group_id=0&amp;theme_id=0&amp;commit.x=38&amp;commit.y=11&amp;commit=Enviar">http://acervo.folha.uol.com.br/resultados/buscade_talhada/?utf8=%E2%9C%93&amp;fsp=on&amp;all_words=&amp;phrase=EST%C3%81TUA&amp;words=&amp;without_words=&amp;initial_date=01%2F01%2F2012&amp;final_date=31%2F12%2F2012&amp;date%5Bday%5D=&amp;date%5Bmonth%5D=&amp;date%5Byear%5D=&amp;group_id=0&amp;theme_id=0&amp;commit.x=38&amp;commit.y=11&amp;commit=Enviar</a>	2012	CONTRO VÉRSIA
FOLHA DE S. PAULO	Praça da República vai ganhar museu gay	27/05/2012	AMANDA KAMANHECK	<a href="http://acervo.folha.uol.com.br/resultados/buscade_talhada/?all_words=&amp;commit.x=24&amp;commit.y=13&amp;commit=Enviar&amp;date[day]=&amp;date[month]=&amp;date[year]=&amp;final_date=31%2F12%2F2012&amp;fsp=on&amp;group_id=0&amp;initial_date=01%2F01%2F2012&amp;page=3&amp;phrase=EST%C3%81TUA&amp;theme_id=0&amp;utf8=%E2%9C%93&amp;without_words=&amp;words=">http://acervo.folha.uol.com.br/resultados/buscade_talhada/?all_words=&amp;commit.x=24&amp;commit.y=13&amp;commit=Enviar&amp;date[day]=&amp;date[month]=&amp;date[year]=&amp;final_date=31%2F12%2F2012&amp;fsp=on&amp;group_id=0&amp;initial_date=01%2F01%2F2012&amp;page=3&amp;phrase=EST%C3%81TUA&amp;theme_id=0&amp;utf8=%E2%9C%93&amp;without_words=&amp;words=</a>	2012	NORMAL
FOLHA DE S. PAULO	Instaladas em terraços, "estátuas suicidas" chamam atenção em São Paulo	10/05/2012	MATEUS MAGENTA	<a href="http://acervo.folha.uol.com.br/resultados/buscade_talhada/?all_words=&amp;commit.x=24&amp;commit.y=13&amp;commit=Enviar&amp;date[day]=&amp;date[month]=&amp;date[year]=&amp;final_date=31%2F12%2F2012&amp;fsp=on&amp;group_id=0&amp;initial_date=01%2F01%2F2012&amp;page=3&amp;phrase=EST%C3%81TUA&amp;theme_id=0&amp;utf8=%E2%9C%93&amp;without_words=&amp;words=">http://acervo.folha.uol.com.br/resultados/buscade_talhada/?all_words=&amp;commit.x=24&amp;commit.y=13&amp;commit=Enviar&amp;date[day]=&amp;date[month]=&amp;date[year]=&amp;final_date=31%2F12%2F2012&amp;fsp=on&amp;group_id=0&amp;initial_date=01%2F01%2F2012&amp;page=3&amp;phrase=EST%C3%81TUA&amp;theme_id=0&amp;utf8=%E2%9C%93&amp;without_words=&amp;words=</a>	2012	NORMAL
O ESTADO DE S. PAULO	SP também tem seus famosos anônimos	06/01/2012	EDILSON VEIGA	<a href="http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20120106-43179-nac-32-cid-c6-not/busca/Est%C3%A1tua">http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20120106-43179-nac-32-cid-c6-not/busca/Est%C3%A1tua</a>	2012	CONTRO VÉRSIA
O ESTADO DE S. PAULO	Estátua sem placa. Turista confuso.	06/01/2012	FABIO GRELLET	<a href="http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20120106-43179-nac-32-cid-c6-not/busca/Est%C3%A1tua">http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20120106-43179-nac-32-cid-c6-not/busca/Est%C3%A1tua</a>	2012	NORMAL
O ESTADO DE SÃO PAULO	O poeta de unhas azuis	2012	OESP	<a href="http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20120517-43311-nac-54-cid-c8-not/busca/est%C3%A1tua">http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20120517-43311-nac-54-cid-c8-not/busca/est%C3%A1tua</a>	2012	NORMAL
O ESTADO DE S. PAULO	Estátua de 7 metros é furtada em Marília, no interior de São Paulo. Dinossauro foi levado por ladrões na carroceria de carro que acabou colidindo na fuga.	27/05/2013	RENE MOREIRA	<a href="http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,estatua-de-7-metros-e-furtada-em-marilia-no-interior-de-sao-paulo,1036172">http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,estatua-de-7-metros-e-furtada-em-marilia-no-interior-de-sao-paulo,1036172</a>	2013	NORMAL
FOLHA DE S. PAULO	Estátua da Mônica furtada em SP é encontrada em Guarulhos	14/11/2013	CÉSAR ROSATI	<a href="http://www1.folha.uol.com.br/cotidian/2013/11/1371263-estatua-da-monica-furtada-em-sp-e-encontrada-em-guarulhos.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/cotidian/2013/11/1371263-estatua-da-monica-furtada-em-sp-e-encontrada-em-guarulhos.shtml</a>	2013	NORMAL

EMPRESA	NOTÍCIA	PERÍODO	AUTOR	LOCALIZAÇÃO	ANO	STATUS
FOLHA DE S. PAULO	Polícia identifica os pichadores da estátua de Drummond no Rio	28/12/2013	FOLHA	<a href="http://acervo.folha.uol.com.br/resultados/buscade_talhada/?all_words=&amp;commit.x=31&amp;commit.y=13&amp;commit=Enviar&amp;date[day]=&amp;date[month]=&amp;date[year]=&amp;final_date=31%2F12%2F2013&amp;fsp=on&amp;group_id=0&amp;initial_date=01%2F01%2F2013&amp;page=1&amp;phrase=EST%C3%81TUA&amp;theme_id=0&amp;utf8=%E2%9C%93&amp;without_words=&amp;words=">http://acervo.folha.uol.com.br/resultados/buscade_talhada/?all_words=&amp;commit.x=31&amp;commit.y=13&amp;commit=Enviar&amp;date[day]=&amp;date[month]=&amp;date[year]=&amp;final_date=31%2F12%2F2013&amp;fsp=on&amp;group_id=0&amp;initial_date=01%2F01%2F2013&amp;page=1&amp;phrase=EST%C3%81TUA&amp;theme_id=0&amp;utf8=%E2%9C%93&amp;without_words=&amp;words=</a>	2013	NORMAL
FOLHA DE S. PAULO	Furtada na Oscar Freire, Mônica é encontrada em matagal de Guarulhos.	15/11/2013	CESAR ROSATI	<a href="http://acervo.folha.uol.com.br/resultados/buscade_talhada/?all_words=&amp;commit.x=31&amp;commit.y=13&amp;commit=Enviar&amp;date[day]=&amp;date[month]=&amp;date[year]=&amp;final_date=31%2F12%2F2013&amp;fsp=on&amp;group_id=0&amp;initial_date=01%2F01%2F2013&amp;page=1&amp;phrase=EST%C3%81TUA&amp;theme_id=0&amp;utf8=%E2%9C%93&amp;without_words=&amp;words=">http://acervo.folha.uol.com.br/resultados/buscade_talhada/?all_words=&amp;commit.x=31&amp;commit.y=13&amp;commit=Enviar&amp;date[day]=&amp;date[month]=&amp;date[year]=&amp;final_date=31%2F12%2F2013&amp;fsp=on&amp;group_id=0&amp;initial_date=01%2F01%2F2013&amp;page=1&amp;phrase=EST%C3%81TUA&amp;theme_id=0&amp;utf8=%E2%9C%93&amp;without_words=&amp;words=</a>	2013	NORMAL
O ESTADO DE S. PAULO	Artistas ganham mais espaço nas ruas- PAG. 34	31/03/2013	OESP	<a href="http://acervo.estadao.com.br/pagina/#/20130331-43629-nac-34-cid-c8-not/busca/est%C3%A1tua">http://acervo.estadao.com.br/pagina/#/20130331-43629-nac-34-cid-c8-not/busca/est%C3%A1tua</a>	2013	NORMAL
O ESTADO DE S. PAULO	Protegida por vidro, fonte será reaberta- PAG. 21	02/05/ 2013	OESP	<a href="http://acervo.estadao.com.br/pagina/#/20130502-43661-nac-21-cid-a22-not/busca/est%C3%A1tua">http://acervo.estadao.com.br/pagina/#/20130502-43661-nac-21-cid-a22-not/busca/est%C3%A1tua</a>	2013	CONTRO VÉRSIA
FOLHA DE S. PAULO	Bandeirantes assassinos	04/10/2013	Marcelo Rubens Paiva		2013	CONTRO VÉRSIA
FOLHA DE S. PAULO	SP terá roteiro turístico sobre a cultura negra	19/11/2011	Agência Estado	Disponível em <a href="http://www.estadao.com.br/noticias/geral,sp-tera-roteiro-turistico-sobre-a-cultura-negra,800372">http://www.estadao.com.br/noticias/geral,sp-tera-roteiro-turistico-sobre-a-cultura-negra,800372</a>	2011	CONTRO VÉRSIA
O ESTADO DE S. PAULO.	Totem "fascista" volta ao Guarapiranga.	2016	OESP	Disponível em: <a href="http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2806201012.htm">http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2806201012.htm</a> . Acesso em: 04 ago. 2016.	2016	CONTRO VÉRSIA
O ESTADO DE S. PAULO.	Pichadores enxergam 'quebra-quebra' como ato político.	20/06/2013	OESP	Disponível em: <a href="http://www.estadao.com.br/noticias/geral,pichadores-enxergam-quebra-quebra-como-ato-politico,1044727">http://www.estadao.com.br/noticias/geral,pichadores-enxergam-quebra-quebra-como-ato-politico,1044727</a> .	2013	CONTRO VÉRSIA
FOLHA DE S. PAULO	Arte de morrer	2016	FOTO DE JOEL SILVA/FOLHA PRESS	<a href="http://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/35624-a-arte-de-morrer#foto-518772">http://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/35624-a-arte-de-morrer#foto-518772</a> .	2016	NORMAL
FOLHA DE S. PAULO	Ex-presidente Lula é homenageado com estátua em	26/05/2014	RAUL JUSTE LORES	<a href="http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/05/1460460-ex-presidente-lula-e-homenageado-com-estatua-em-washington-eua.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/05/1460460-ex-presidente-lula-e-homenageado-com-estatua-em-washington-eua.shtml</a>	2014	NORMAL

EMPRESA	NOTÍCIA	PERÍODO	AUTOR	LOCALIZAÇÃO	ANO	STATUS
	Washington (EUA)					
FOLHA DE S. PAULO	Quadrilha é presa furtando peças no cemitério do Araça	11/01/2014	MARTHA ALVES/RICARDO BUNDUKI	<a href="http://acervo.folha.uol.com.br/resultados/buscade_talhada/?all_words=&amp;commit.x=32&amp;commit.y=13&amp;commit=Enviar&amp;date[day]=&amp;date[month]=&amp;date[year]=&amp;final_date=31%2F12%2F2014&amp;fsp=on&amp;group_id=0&amp;initial_date=01%2F01%2F2014&amp;page=4&amp;phrase=EST%C3%81TUA&amp;theme_id=0&amp;utf8=%E2%9C%93&amp;without_words=&amp;words=">http://acervo.folha.uol.com.br/resultados/buscade_talhada/?all_words=&amp;commit.x=32&amp;commit.y=13&amp;commit=Enviar&amp;date[day]=&amp;date[month]=&amp;date[year]=&amp;final_date=31%2F12%2F2014&amp;fsp=on&amp;group_id=0&amp;initial_date=01%2F01%2F2014&amp;page=4&amp;phrase=EST%C3%81TUA&amp;theme_id=0&amp;utf8=%E2%9C%93&amp;without_words=&amp;words=</a>	2014	CONTROVÉRSIA
FOLHA DE S. PAULO	"Cópias" do Cristo Redentor sofrem com abandono e sujeira pelo país	07/09/2014	JULIANA COISSI	<a href="http://acervo.folha.uol.com.br/resultados/buscade_talhada/?all_words=&amp;commit.x=32&amp;commit.y=13&amp;commit=Enviar&amp;date[day]=&amp;date[month]=&amp;date[year]=&amp;final_date=31%2F12%2F2014&amp;fsp=on&amp;group_id=0&amp;initial_date=01%2F01%2F2014&amp;page=2&amp;phrase=EST%C3%81TUA&amp;theme_id=0&amp;utf8=%E2%9C%93&amp;without_words=&amp;words=">http://acervo.folha.uol.com.br/resultados/buscade_talhada/?all_words=&amp;commit.x=32&amp;commit.y=13&amp;commit=Enviar&amp;date[day]=&amp;date[month]=&amp;date[year]=&amp;final_date=31%2F12%2F2014&amp;fsp=on&amp;group_id=0&amp;initial_date=01%2F01%2F2014&amp;page=2&amp;phrase=EST%C3%81TUA&amp;theme_id=0&amp;utf8=%E2%9C%93&amp;without_words=&amp;words=</a>	2014	NORMAL
FOLHA DE S. PAULO	"Santa feia"	01/08/2014	PAULA SPERB	<a href="http://acervo.folha.uol.com.br/resultados/buscade_talhada/?all_words=&amp;commit.x=32&amp;commit.y=13&amp;commit=Enviar&amp;date[day]=&amp;date[month]=&amp;date[year]=&amp;final_date=31%2F12%2F2014&amp;fsp=on&amp;group_id=0&amp;initial_date=01%2F01%2F2014&amp;page=2&amp;phrase=EST%C3%81TUA&amp;theme_id=0&amp;utf8=%E2%9C%93&amp;without_words=&amp;words=">http://acervo.folha.uol.com.br/resultados/buscade_talhada/?all_words=&amp;commit.x=32&amp;commit.y=13&amp;commit=Enviar&amp;date[day]=&amp;date[month]=&amp;date[year]=&amp;final_date=31%2F12%2F2014&amp;fsp=on&amp;group_id=0&amp;initial_date=01%2F01%2F2014&amp;page=2&amp;phrase=EST%C3%81TUA&amp;theme_id=0&amp;utf8=%E2%9C%93&amp;without_words=&amp;words=</a>	2014	NORMAL
FOLHA DE S. PAULO	Cemitério do Araça é alvo de ataque de vândalos	07/01/2014	RICARDO BUNDUKY	<a href="http://acervo.folha.uol.com.br/resultados/buscade_talhada/?all_words=&amp;commit.x=32&amp;commit.y=13&amp;commit=Enviar&amp;date[day]=&amp;date[month]=&amp;date[year]=&amp;final_date=31%2F12%2F2014&amp;fsp=on&amp;group_id=0&amp;initial_date=01%2F01%2F2014&amp;page=4&amp;phrase=EST%C3%81TUA&amp;theme_id=0&amp;utf8=%E2%9C%93&amp;without_words=&amp;words=">http://acervo.folha.uol.com.br/resultados/buscade_talhada/?all_words=&amp;commit.x=32&amp;commit.y=13&amp;commit=Enviar&amp;date[day]=&amp;date[month]=&amp;date[year]=&amp;final_date=31%2F12%2F2014&amp;fsp=on&amp;group_id=0&amp;initial_date=01%2F01%2F2014&amp;page=4&amp;phrase=EST%C3%81TUA&amp;theme_id=0&amp;utf8=%E2%9C%93&amp;without_words=&amp;words=</a>	2014	CONTROVÉRSIA
FOLHA DE S. PAULO	Estátua de conde vai parar atrás das grades na Pompeia	03/03/2014	LENADRO MACHADO	<a href="http://acervo.folha.uol.com.br/resultados/buscade_talhada/?all_words=&amp;commit.x=32&amp;commit.y=13&amp;commit=Enviar&amp;date[day]=&amp;date[month]=&amp;date[year]=&amp;final_date=31%2F12%2F2014&amp;fsp=on&amp;group_id=0&amp;initial_date=01%2F01%2F2014&amp;page=4&amp;phrase=EST%C3%81TUA&amp;theme_id=0&amp;utf8=%E2%9C%93&amp;without_words=&amp;words=">http://acervo.folha.uol.com.br/resultados/buscade_talhada/?all_words=&amp;commit.x=32&amp;commit.y=13&amp;commit=Enviar&amp;date[day]=&amp;date[month]=&amp;date[year]=&amp;final_date=31%2F12%2F2014&amp;fsp=on&amp;group_id=0&amp;initial_date=01%2F01%2F2014&amp;page=4&amp;phrase=EST%C3%81TUA&amp;theme_id=0&amp;utf8=%E2%9C%93&amp;without_words=&amp;words=</a>	2014	CONTROVÉRSIA
FOLHA DE S. PAULO	Estátua de Tom jobim é inaugurada na orla de Ipanema, no Rio	09/12/2014	LUIZA FRANCO	<a href="http://acervo.folha.uol.com.br/resultados/buscade_talhada/?all_words=&amp;commit.x=32&amp;commit.y=13&amp;commit=Enviar&amp;date[day]=&amp;date[month]=&amp;date[year]=&amp;final_date=31%2F12%2F2014&amp;fsp=on&amp;group_id=0&amp;initial_date=01%2F01%2F2014&amp;page=1&amp;phrase=EST%C3%81TUA&amp;theme_id=0&amp;utf8=%E2%9C%93&amp;without_words=&amp;words=">http://acervo.folha.uol.com.br/resultados/buscade_talhada/?all_words=&amp;commit.x=32&amp;commit.y=13&amp;commit=Enviar&amp;date[day]=&amp;date[month]=&amp;date[year]=&amp;final_date=31%2F12%2F2014&amp;fsp=on&amp;group_id=0&amp;initial_date=01%2F01%2F2014&amp;page=1&amp;phrase=EST%C3%81TUA&amp;theme_id=0&amp;utf8=%E2%9C%93&amp;without_words=&amp;words=</a>	2014	NORMAL

EMPRESA	NOTÍCIA	PERÍODO	AUTOR	LOCALIZAÇÃO	ANO	STATUS
FOLHA DE S. PAULO	Raio danifica dedo e base do crsito Redentor	18/01/2014	FOLHA	<a href="http://acervo.folha.uol.com.br/resultados/buscade_talhada/?all_words=&amp;commit.x=32&amp;commit.y=13&amp;commit=Enviar&amp;date[day]=&amp;date[month]=&amp;date[year]=&amp;final_date=31%2F12%2F2014&amp;fsp=on&amp;group_id=0&amp;initial_date=01%2F01%2F2014&amp;page=4&amp;phrase=EST%C3%81TUA&amp;theme_id=0&amp;utf8=%E2%9C%93&amp;without_words=&amp;words=">http://acervo.folha.uol.com.br/resultados/buscade_talhada/?all_words=&amp;commit.x=32&amp;commit.y=13&amp;commit=Enviar&amp;date[day]=&amp;date[month]=&amp;date[year]=&amp;final_date=31%2F12%2F2014&amp;fsp=on&amp;group_id=0&amp;initial_date=01%2F01%2F2014&amp;page=4&amp;phrase=EST%C3%81TUA&amp;theme_id=0&amp;utf8=%E2%9C%93&amp;without_words=&amp;words=</a>	2014	NORMAL
O ESTADO DE S. PAULO	PELÉ Maracanã receberá estátua de Pelé em reinauguração	2014	OESP	<a href="http://topicos.estadao.com.br/fotos-sobre-pele/maracana-recebera-estatuade-pele-em-reinauguracao,29AECE29-872B-4883-9C36-77FF9F483E49">http://topicos.estadao.com.br/fotos-sobre-pele/maracana-recebera-estatuade-pele-em-reinauguracao,29AECE29-872B-4883-9C36-77FF9F483E49</a>	2014	NORMAL
O ESTADO DE S. PAULO	Rachaduras ameaçam o "Davi" de Michelangelo- PAG. 33	02/05/2014	AGÊNCIA ESTADO	<a href="http://acervo.estadao.com.br/pagina/#/20140502-44026-spo-33-cd2-c3-not/busca/est%C3%A1tua">http://acervo.estadao.com.br/pagina/#/20140502-44026-spo-33-cd2-c3-not/busca/est%C3%A1tua</a>	2014	NORMAL
O ESTADO DE S. PAULO	Estátua, pra que te quero? PAG. 120	01/06/2014	AGÊNCIA ESTADO	<a href="http://acervo.estadao.com.br/pagina/#/20140601-44056-spo-120-ali-d3-not/busca/Est%C3%A1tua">http://acervo.estadao.com.br/pagina/#/20140601-44056-spo-120-ali-d3-not/busca/Est%C3%A1tua</a>	2014	NORMAL
O ESTADO DE S. PAULO	Estátua homenageia o 'banqueiro do rei de Portugal'	27/09/2014	JAMIL CHADE	<a href="http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,estatuade-homenageia-obanqueiro-do-rei-de-portugal,1567217">http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,estatuade-homenageia-obanqueiro-do-rei-de-portugal,1567217</a>	2014	NORMAL
O ESTADO DE S. PAULO	PDT inaugura estátua de Brizola em Porto Alegre	22/01/2014	ELDER OGLIARI	<a href="http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,pdt-inaugura-estatuade-brizola-em-porto-alegre,1121485">http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,pdt-inaugura-estatuade-brizola-em-porto-alegre,1121485</a>	2014	NORMAL
O ESTADO DE S. PAULO	<b>Avenida 9 de Julho: o lugar das estátuas malditas. Obras criticadas pela sociedade foram colocadas nos canteiros da avenida</b>	17/12/2015	CARLOS EDUARDO ENTINI E LIZ BATISTA	<a href="http://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,avenida-9-de-julho-o-lugar-das-estatuas-malditas,11834,0.htm">http://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,avenida-9-de-julho-o-lugar-das-estatuas-malditas,11834,0.htm</a>	2015	CONTRO VÉRSIA
FOLHA DE S. PAULO	Monumentos órfãos	05/12/2015	FERNANDA MENA	<a href="http://acervo.folha.uol.com.br/resultados/buscade_talhada/?utf8=%E2%9C%93&amp;fsp=on&amp;all_words=&amp;phrase=EST%C3%81TUA&amp;words=&amp;without_words=&amp;initial_date=01%2F01%2F2010&amp;final_date=31%2F12%2F2015&amp;date%5Bday%5D=&amp;date%5Bmonth%5D=&amp;date%5Byear%5D=&amp;group_id=0&amp;theme_id=0&amp;commit.x=42&amp;commit.y=8&amp;commit=Enviar">http://acervo.folha.uol.com.br/resultados/buscade_talhada/?utf8=%E2%9C%93&amp;fsp=on&amp;all_words=&amp;phrase=EST%C3%81TUA&amp;words=&amp;without_words=&amp;initial_date=01%2F01%2F2010&amp;final_date=31%2F12%2F2015&amp;date%5Bday%5D=&amp;date%5Bmonth%5D=&amp;date%5Byear%5D=&amp;group_id=0&amp;theme_id=0&amp;commit.x=42&amp;commit.y=8&amp;commit=Enviar</a>	2015	CONTRO VÉRSIA

EMPRESA	NOTÍCIA	PERÍODO	AUTOR	LOCALIZAÇÃO	ANO	STATUS
FOLHA DE S. PAULO	Exposição no MASP resgata criticismo de León Ferrari: morto em 2013 argentino contestava o poder e a religião em seu trabalho	2015	NINA RAHE	<a href="http://acervo.folha.uol.com.br/resultados/buscade_talhada/?utf8=%E2%9C%93&amp;fsp=on&amp;all_words=&amp;phrase=EST%C3%81TUA&amp;words=&amp;without_words=&amp;initial_date=01%2F01%2F2010&amp;final_date=31%2F12%2F2015&amp;date%5Bday%5D=&amp;date%5Bmonth%5D=&amp;date%5Byear%5D=&amp;group_id=0&amp;theme_id=0&amp;commit.x=27&amp;commit.y=9&amp;commit=Enviar">http://acervo.folha.uol.com.br/resultados/buscade_talhada/?utf8=%E2%9C%93&amp;fsp=on&amp;all_words=&amp;phrase=EST%C3%81TUA&amp;words=&amp;without_words=&amp;initial_date=01%2F01%2F2010&amp;final_date=31%2F12%2F2015&amp;date%5Bday%5D=&amp;date%5Bmonth%5D=&amp;date%5Byear%5D=&amp;group_id=0&amp;theme_id=0&amp;commit.x=27&amp;commit.y=9&amp;commit=Enviar</a>	2015	NORMAL
FOLHA DE S. PAULO	A revolução não acabou	04/01/2015	EDUARDO ASTA/MONIQUE OLIVEIRA/EVANDRO BERTOL	<a href="http://acervo.folha.uol.com.br/resultados/buscade_talhada/?all_words=&amp;commit.x=47&amp;commit.y=14&amp;commit=Enviar&amp;date[day]=&amp;date[month]=&amp;date[year]=&amp;final_date=31%2F12%2F2015&amp;fsp=on&amp;group_id=0&amp;initial_date=01%2F01%2F2015&amp;page=3&amp;phrase=EST%C3%81TUA&amp;theme_id=0&amp;utf8=%E2%9C%93&amp;without_words=&amp;words=">http://acervo.folha.uol.com.br/resultados/buscade_talhada/?all_words=&amp;commit.x=47&amp;commit.y=14&amp;commit=Enviar&amp;date[day]=&amp;date[month]=&amp;date[year]=&amp;final_date=31%2F12%2F2015&amp;fsp=on&amp;group_id=0&amp;initial_date=01%2F01%2F2015&amp;page=3&amp;phrase=EST%C3%81TUA&amp;theme_id=0&amp;utf8=%E2%9C%93&amp;without_words=&amp;words=</a>	2015	NORMAL
FOLHA DE S. PAULO	Cadê	13/03/2015	ERNESTO RODRIGUES	<a href="http://acervo.folha.uol.com.br/resultados/buscade_talhada/?all_words=&amp;commit.x=47&amp;commit.y=14&amp;commit=Enviar&amp;date[day]=&amp;date[month]=&amp;date[year]=&amp;final_date=31%2F12%2F2015&amp;fsp=on&amp;group_id=0&amp;initial_date=01%2F01%2F2015&amp;page=3&amp;phrase=EST%C3%81TUA&amp;theme_id=0&amp;utf8=%E2%9C%93&amp;without_words=&amp;words=">http://acervo.folha.uol.com.br/resultados/buscade_talhada/?all_words=&amp;commit.x=47&amp;commit.y=14&amp;commit=Enviar&amp;date[day]=&amp;date[month]=&amp;date[year]=&amp;final_date=31%2F12%2F2015&amp;fsp=on&amp;group_id=0&amp;initial_date=01%2F01%2F2015&amp;page=3&amp;phrase=EST%C3%81TUA&amp;theme_id=0&amp;utf8=%E2%9C%93&amp;without_words=&amp;words=</a>	2015	NORMAL
FOLHA DE S. PAULO	Patrimônio em ruínas	2015	FOLHA	<a href="http://acervo.folha.uol.com.br/resultados/buscade_talhada/?all_words=&amp;commit.x=35&amp;commit.y=11&amp;commit=Enviar&amp;date[day]=&amp;date[month]=&amp;date[year]=&amp;final_date=31%2F12%2F2015&amp;fsp=on&amp;group_id=0&amp;initial_date=01%2F01%2F2015&amp;page=3&amp;phrase=EST%C3%81TUA&amp;theme_id=0&amp;utf8=%E2%9C%93&amp;without_words=&amp;words=">http://acervo.folha.uol.com.br/resultados/buscade_talhada/?all_words=&amp;commit.x=35&amp;commit.y=11&amp;commit=Enviar&amp;date[day]=&amp;date[month]=&amp;date[year]=&amp;final_date=31%2F12%2F2015&amp;fsp=on&amp;group_id=0&amp;initial_date=01%2F01%2F2015&amp;page=3&amp;phrase=EST%C3%81TUA&amp;theme_id=0&amp;utf8=%E2%9C%93&amp;without_words=&amp;words=</a>	2015	NORMAL
O ESTADO DE S. PAULO	Estátua gigante de Mao Tsé-Tung é construída em zona rural da China	05/01/2016	AFP	<a href="http://internacional.estadao.com.br/blogs/radar-global/estatua-gigante-de-mao-tse-tung-e-construida-em-zona-rural-da-china/">http://internacional.estadao.com.br/blogs/radar-global/estatua-gigante-de-mao-tse-tung-e-construida-em-zona-rural-da-china/</a>	2015	NORMAL
O ESTADO DE S. PAULO	Opositor argentino vai a inauguração de estátua de Perón	08/10/2015	MARIANA CARNEIRO	<a href="http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/10/1691975-opositor-argentino-vai-a-inauguracao-de-estatua-de-peron.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/10/1691975-opositor-argentino-vai-a-inauguracao-de-estatua-de-peron.shtml</a>	2015	NORMAL
O ESTADO DE SÃO PAULO	As 'mulheres de conforto'	31/12/2015	GILLES LAPOUGE	<a href="http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,as-mulheres-de-conforto,10000005968">http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,as-mulheres-de-conforto,10000005968</a>	2015	NORMAL
O ESTADO DE S. PAULO	Cavalgada do "pai das cataratas" ajudou a criar Parque do Iguacú- PAG. 115	01/11/2015	OESP	<a href="http://infograficos.estadao.com.br/especiais/a-redescoberta-de-santos-dumont/capitulo-7.php">http://infograficos.estadao.com.br/especiais/a-redescoberta-de-santos-dumont/capitulo-7.php</a>	2015	NORMAL

EMPRESA	NOTÍCIA	PERÍODO	AUTOR	LOCALIZAÇÃO	ANO	STATUS
O ESTADO DE S. PAULO	Escritora Clarice Lispector ganha estátua no Rio	15/05/2016		<a href="http://fotos.estadao.com.br/galerias/cidades,escritora-clarice-lispector-ganha-estatu-a-no-rio,25289">http://fotos.estadao.com.br/galerias/cidades,escritora-clarice-lispector-ganha-estatu-a-no-rio,25289</a>	2016	NORMAL
O ESTADO DE S. PAULO	FARAÓS Estátua de Annubis é usada para promocionar a exposição "Turankamon e a Idade de Ouro dos Faraós"	2016	JUSTIN LANE/EFE	<a href="http://topicos.estadao.com.br/fotos-sobre-faraos/estatu-a-de-annubis-e-usada-para-promocionar-a-exposicao-turankamon-e-a-idade-de-ouro-dos-faraos,B57F2B9B-CFB1-46E9-A028-CD9F7E572E54">http://topicos.estadao.com.br/fotos-sobre-faraos/estatu-a-de-annubis-e-usada-para-promocionar-a-exposicao-turankamon-e-a-idade-de-ouro-dos-faraos,B57F2B9B-CFB1-46E9-A028-CD9F7E572E54</a>	2016	NORMAL
O ESTADO DE S. PAULO	Divino, maravilhoso- PAG. 42	02/02/2016		<a href="http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20160202-44667-nac-42-via-d6-not/busca/est%C3%A1tua">http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20160202-44667-nac-42-via-d6-not/busca/est%C3%A1tua</a>	2016	NORMAL
O ESTADO DE S. PAULO	RIO DO JANEIRO Polêmica estátua de Getúlio Vargas no RJ pode ser retirada a pedido do Iphan	2016	FABIO MOTA/AE	<a href="http://topicos.estadao.com.br/fotos-sobre-rio-do-janeiro/polemica-estatu-a-de-getulio-vargas-no-rj-pode-ser-retirada-a-pedido-do-iphan,42448600-B1B5-4080-B07E-4A6A9146DEAD">http://topicos.estadao.com.br/fotos-sobre-rio-do-janeiro/polemica-estatu-a-de-getulio-vargas-no-rj-pode-ser-retirada-a-pedido-do-iphan,42448600-B1B5-4080-B07E-4A6A9146DEAD</a>	2016	NORMAL
O ESTADO DE S. PAULO	CORÉIA DO NORTE Norte coreanos comparecem à estátua do líder Kim Il-Sung em comemoração de seu 57º aniversário	2016	KCNA/Reuters	<a href="http://topicos.estadao.com.br/fotos-sobre-coreia-do-norte/norte-coreanos-comparecem-a-estatu-a-do-lider-kim-il-sung-em-comemoracao-de-seu-57-aniversario,45C37E64-9055-4AAF-8FBC-D5DB9F332064">http://topicos.estadao.com.br/fotos-sobre-coreia-do-norte/norte-coreanos-comparecem-a-estatu-a-do-lider-kim-il-sung-em-comemoracao-de-seu-57-aniversario,45C37E64-9055-4AAF-8FBC-D5DB9F332064</a>	2016	NORMAL

Fonte: jornais FOLHA e OESP